

JOSÉ OLERIANO MONTEIRO FILHO

**O DIABO TEM TRÊS CARAS: as três faces do Diabo apresentadas
em cinco contistas brasileiros contemporâneos**

Florianópolis
2012

JOSÉ OLERIANO MONTEIRO FILHO

**O DIABO TEM TRÊS CARAS: as três faces do Diabo apresentadas
em cinco contistas brasileiros contemporâneos**

Dissertação submetida ao
Programa de Pós Graduação em
Teoria Literária da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do
Grau de Mestre em Literatura.
Orientadora: Dra. Salma Ferraz
de Azevedo de Oliveira

Florianópolis
2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Monteiro Filho, José Oleriano

O Diabo tem três caras [dissertação] : as três faces do
Diabo apresentadas em cinco contistas brasileiros
contemporâneos / José Oleriano Monteiro Filho ;
orientadora, Salma Ferraz - Florianópolis, SC, 2012.
187 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Literatura. 2. Diabo. 3. Literatura brasileira. 4.
Teopoeítica. 5. Contos. I. Ferraz, Salma. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Literatura. III. Título.

***“O Diabo tem três caras: as três faces do Diabo
apresentadas em cinco contistas brasileiros
contemporâneos”***

JOSÉ OLERIANO MONTEIRO FILHO

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Teoria Literária e aprovada na
sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof^a. Dr^a. Salma Ferraz
ORIENTADORA

Prof^a. Dra. Susana Scramim
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Salma Ferraz (UFSC)
ORIENTADORA E PRESIDENTE

Prof. Dr. Maison Tenfen (FURB)

Prof^a. Dr^a. Karine Simoni (UFSC)

Prof. Dr. José Ernesto de Vargas (UFSC)

Prof^a Dra. Zilma Gesser (UFSC)

Dedico este trabalho àqueles que são, para mim, a coisa mais importante debaixo do céu: minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por manter firme a minha fé em meio às dificuldades. Aos grandes amores da minha vida: Márcia e Victor. À Salma pela paciência e dedicação. Ao Douglas pelas sugestões. À Édina por me facultar sua biblioteca particular. À Eude, Luizélia e Sandra pelo apoio. Aos meus grandes amigos: José Artur, Magali, Edson Marinho, Marta, Edson Mendes, Fabi, Carlos, Andreia, Adilson, Mora, Flavio, Cristina, Ana Almeida, Bibi e a todos os que acreditaram que eu conseguiria, mesmo quando parecia impossível.

“Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma”. Eclesiastes 9: 10

RESUMO

O presente trabalho focaliza as maneiras como o Diabo é apresentado na literatura brasileira contemporânea especificamente nos contos *O hóspede*, de Frei Betto, *Eu e Bebu na hora neutra da madrugada*, de Rubem Braga, *Alma, vendo* e *Belzebu.com*, de Luis Fernando Veríssimo, *Lênin desce aos infernos*, de Paulo Coelho e *Nostalgia do amor ausente*, de Walmor Santos. Na busca para o alcance do objetivo proposto pesquisou-se as três formas principais como Satã aparece na literatura e na teologia, que são apresentadas nos três primeiros capítulos, a saber: a face de anjo, a face de besta e a face humana. No quarto capítulo é feita a análise dos contos supracitados enfocando com qual das faces propostas na pesquisa o Diabo é apresentado. Verificou-se ainda que este personagem passou por diversas metamorfoses ao longo da história e, apesar de ter perdido o poder de impor o medo, continua sendo importante no meio teológico bem como um dos maiores personagens da literatura de todos os tempos.

Palavras-chave: Faces, Diabo, literatura brasileira contemporânea, teologia.

ABSTRACT

This paper focuses on the ways that the Devil is presented in contemporary Brazilian literature specifically tales *O hóspede*, of Frei Betto, *Eu e Bebu na hora neutra da madrugada*, of Rubem Braga, *Alma, vendo* and *Belzebu.com*, of Luis Fernando Veríssimo, *Lênin desce aos infernos*, of Paulo Coelho and *Nostalgia do amor ausente*, of Walmor Santos. In seeking to achieve the proposed objective was investigated three main ways as Satan appears in literature and theology, which are presented in the first three chapters, namely: the angel face, the face of the beast and the human face. In the fourth chapter the analysis is made of the afore mentioned tales focusing on which of the proposed faces in the research presented is the Devil. It was also found that this character has gone through several metamorphoses throughout history and despite having lost the power to impose fear, remains important amid theological as well as one of the greatest literary characters of all times.

Keywords: Faces, Devil, Brazilian contemporary literature, theology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ilustração do Diabo de Dante Alighieri feita por Sandro Botticelli.....	27
Figura 2 - Lúcifer, querubim da guarda.....	34
Figura 3 - Queda de Lúcifer e seus anjos.....	37
Figura 4 - Queda dos seres humanos.....	39
Figura 5 - Imagem de Lúcifer na catedral Saint-Paul de Liège, na Bélgica.....	45
Figura 6 - Fra Angelico: <i>O Juízo Final</i> . Museu de San Marco, em Florença.....	47
Figura 7 - Dragão.....	49
Figura 8 - Leviatã.....	50
Figura 9 - Diabo-Serpente.....	52
Figura 10 - Oroboro.....	53
Figura 11 - Moisés e a serpente de bronze.....	54
Figura 12 - Bode expiatório e bode Azazel.....	58
Figura 13 - Pã.....	59
Figura 14 - Cérbero, cão do inferno.....	62
Figura 15 - Diabo-Macaco.....	64
Figura 16 - Diabo rebatizando um bruxo.....	67
Figura 17 - Diabo como senhor do inferno.....	70
Figura 18 - Diabo Homem.....	73
Figura 19 - Imagem assiro-babilônica de Lilith.....	77
Figura 20 - Vênus de Villendorff.....	82

Figura 21 - Holocausto judeu.....	90
Figura 22 - Capa do livro <i>Treze contos diabólicos e um angélico</i>	164
Figura 23 - Capa do livro <i>200 crônicas escolhidas</i>	168
Figura 24 - Capa do livro <i>Orgias</i>	173
Figura 25 - Capa do livro <i>Orgias</i>	176
Figura 26 - Imagem do blog de Paulo Coelho.....	178
Figura 27 - Capa do livro <i>Além do medo e do pecado</i>	180

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de atendimentos segundo tipo de violência e faixa etária.....	86
Tabela 2 - Comparações entre Miguel e Cristo.....	138
Tabela 3 - Comparações entre declarações de Lúcifer e ensinos de Paulo.....	142
Tabela 4 - Comparações entre as obras analisadas.....	151

SUMÁRIO

Introdução.....	23
Capítulo I	30
O Rosto de Anjo: Lúcifer, a face do anjo rebelde.....	30
1.1 A Origem do Diabo na Tradição Bíblica	30
1.2 O livre arbítrio e a adesão do planeta Terra à rebelião	33
1.3 Apocatástase: a redenção do Diabo	41
1.4 O Anjo Rebelde na Literatura Universal	43
Capítulo II	47
A Face de Besta: os múltiplos semblantes zoomórficos do macaco de Deus.....	47
2.1 O Diabo como Dragão	48
2.2 O Diabo como Serpente	52
2.3 O Diabo como bode	577
2.4 O Diabo como Cão	62
2.5 O Diabo como Macaco de Deus	63
2.6 O Diabo como Monstros Diversos.....	66
Capítulo III	72
A face humana do Diabo: transmutação à imagem e semelhança da humanidade.....	72
3.1 O Diabo é homem	72
3.2 O Diabo é Mulher	76
3.3 O Diabo São os Outros... O Diabo Somos Nós.....	86
Capítulo IV.....	92

O Diabo tem três caras: as três faces do Diabo apresentadas em cinco contistas brasileiros contemporâneos	92
4.1 Quem Conta um Conto.....	93
4.2 De Hospedeiro a Demo: Frei Betto e a Metamorfose do Ermitão Urbano em Capiroto Aterrorizante.....	98
4.3 Rubem Braga e a Versão do Rebelde Vencido.....	109
4.4 Os Dois Faustos de Luis Fernando Veríssimo.....	118
4.5 Paulo Coelho e a Demo-cracia do Diabo.....	127
4.6 Walmor Santos e a Saudade dos Velhos Tempos Eternos.....	134
Considerações Finais.....	146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
Anexos.....	164
Anexo A - <i>O hóspede</i> (Frei Betto).....	164
Anexo B – Eu e Bebu na hora neutra da madrugada (Rubem Braga).....	168
Anexo C - <i>Alma, vendo</i> (Luis Fernando Veríssimo)	173
Anexo D - <i>Belzebu.com</i> (Luis Fernando Veríssimo).....	176
Anexo E - <i>Lênin desce aos infernos</i> (Paulo Coelho).....	178
Anexo F - <i>Nostalgia do amor ausente</i> (Walmor Santos).....	180

Introdução

“E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos.” (Apocalipse 12: 9)¹

Por muito tempo, no Brasil, a teologia e a literatura pareceram trilhar caminhos diversos. A teologia não era abordada nas universidades brasileiras, excetuando-se as confessionais. Entretanto recentemente a teopoética têm mudado este panorama. Por proporcionar um maior entendimento do sagrado e sua influência nas manifestações humanas, a teopoética tem fascinado a muitos estudiosos da literatura e se tornou um aliado importante para seus estudos. Talvez o motivo seja porque os livros sagrados como a Bíblia, para se referirem ao indizível, necessitem usar, assim como a literatura, uma linguagem conotativa, metafórica, uma vez que a linguagem humana é limitada e, por isso, não é suficiente para expressar totalmente a esse Deus indizível. Os estudos efetuados através da teopoética comprovaram o valor da Bíblia também como literatura, redescobrimdo-a como patrimônio literário da humanidade. Possuindo uma gama enorme de gêneros literários, ela é mais do que meramente um enunciado de conceitos religiosos. As manifestações da fé são expressas em relatos de vivências de forma literária. Na Bíblia o transcendente é expresso de forma estética.

Com efeito, Antônio Manzatto prefaciando a obra de Alex Villas Boas, *Teologia e Poesia: a busca de um sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico*, corrobora com estes pensamentos ao afirmar que

para a literatura, pensar o religioso e o teológico não é novidade, até porque muito da experiência do sagrado vivida pela humanidade se transmitiu pela via literária, seja nos textos fundadores das religiões, seja nos mitos fundadores de cultura.

¹ (ALMEIDA, 2006, p.1257). Para as demais citações de trechos bíblicos deste trabalho, em que apenas for citado o livro, capítulo e/ou versículo bíblico, considere-se como texto-fonte a versão traduzida por Almeida (2006).

[...] Provocar um verdadeiro encontro criativo destas duas irmãs, teologia e literatura, sem que uma domine a outra, é a tarefa do pesquisador [...]. (2012, p. 7).

Mas o que vem a ser a teopoética? De acordo com o texto de apresentação intitulado *O que é o Nutel*, do site do Núcleo de Estudos Comparados entre Teologia e Literatura², coordenado pela Dra. Salma Ferraz,

a Teopoética foi proposta por Karl Josef Kuschel e trata-se de um novo ramo de estudos acadêmicos voltado para o discurso crítico-literário sobre Deus, a análise literária efetivada por meio de uma reflexão teológica, o diálogo interdisciplinar possível entre Teologia e Literatura. Uma das principais perguntas da Teopoética é: qual o discurso dos autores sobre Deus dentro da Literatura do século XX? [...] A Teopoética consiste na crítica estético-literária a Deus, no discurso crítico literário sobre Deus, no âmbito da Literatura e da análise literária, a partir da reflexão teológica presente nos autores. (2012, s.p.)

Desta maneira, na presente pesquisa, é proposto este diálogo entre a teologia e a literatura refletindo a maneira como as obras analisadas perpassam pelo teológico aproximando-se ou distanciando-se do mesmo.

Uma vez que a cultura ocidental tem como um de seus mais importantes alicerces o cristianismo, os temas e personagens cristãos aparecem constantemente na nossa literatura e o Diabo é um dos preferidos pelos autores de todas as épocas. Assim, a Bíblia, como livro sagrado cristão, constitui-se em uma fonte de grande relevância para que possamos entender as origens do inimigo de Deus.

O registro de personagens que exemplificam a representação do mal remonta a tempos bastante antigos e repercute pelos mitos de todas as culturas. Todos os povos, de uma forma ou de outra, procuraram personificar tanto a maldade quanto a bondade, dando-lhes semblante e personalidade. Alberto Cousté (1996) em sua obra *Biografia do Diabo*

² Disponível em <http://teopoetica.sites.ufsc.br/>. Acessado em 31/10/2012.

dedica um extenso capítulo intitulado “Nascimento e Juventude”, para apresentar como a figura do Diabo é recorrente nas principais culturas da antiguidade.

Na tradição judaico cristã o Diabo se constitui na principal feição do mal, tendo, por este motivo, se inserido na cultura ocidental de maneira assaz arraigada. Ele é uma personagem recorrente na literatura de todas as épocas. Para Orígenes, pensador cristão antigo, tido como um dos Pais da Igreja³, os demônios⁴ já existiam antes da criação do homem e acompanham a Deus na eternidade. De acordo com Harold Bloom (2008, p. 17), “Demônios pertencem a todas as épocas e a todas as culturas”.

Ao longo de sua história, desde a igreja primitiva⁵, o cristianismo desenvolveu-se e desdobrou-se em diversas correntes religiosas. Como a maioria delas permaneceu utilizando a Bíblia como base ao menos parcial de suas crenças, é fundamental empreendermos uma análise do que as escrituras cristãs têm a dizer sobre a origem e personificação do mal.

Muitas são as obras já escritas a respeito do Diabo, tanto teóricas quanto literárias. Salma Ferraz bem expressou que

ele transitou da Bíblia para magníficas páginas da literatura. A literatura se abriu como palco privilegiado e propício para contar a antiodisseia de Lúcifer. Na literatura de várias línguas, o Anjo de Luz foi retratado ou teve a oportunidade de narrar em primeira pessoa, por meio do espelho das palavras, a sua versão dos fatos. Seria uma tentativa insana relacionar todas as obras nas quais ele figura, seja como protagonista, seja como coadjuvante. (FERRAZ, 2012a, p. 38 e 39.)

³ Foram influentes teólogos, professores e mestres cristãos e importantes bispos que viveram entre os séculos II e VII. Seus trabalhos acadêmicos foram utilizados como precedentes doutrinários para séculos vindouros. O estudo dos escritos dos Pais da Igreja é denominado patrística.

⁴ Na presente pesquisa, utilizaremos os termos Demônio e Diabo como sinônimos. Quando o termo estiver grafado em maiúscula estará se referindo à entidade de forma individualizada, quando em minúscula referir-se-á a toda classe de demônios como uma espécie. Lúcifer fará menção à condição angélica do Diabo antes de sua queda, Satanás ou Satã como opositor ou inimigo de Deus. De acordo com o contexto, porém, estes termos poderão também ser utilizados como sinônimos.

⁵ O termo refere-se à igreja formada pelos primeiros seguidores de Jesus. A primeira comunidade cristã.

No medievo, Dante Alighieri apresentou o Diabo como um ser monstruoso e horripilante como se pode ver nos versos de *Divina Comédia* (2010, p. 215):

Chegados mais a frente. Com surpresa,
vi que o Mestre atento me apontava:
o rei do inferno, outrora anjo de amor.
“Eis, disse, Satanás e a fossa brava [...]”
[...]
O imperador do reino doloroso
Com metade da enorme corpulência
Fora do gelo estava. Volumoso
É tanto, que eu, ao lado de um gigante,
Sou maior que o gigante, do monstruoso
rei comparado a um braço. Se o restante
tem proporção, calcula sua grandeza.
Se, quanto é feio, foi no céu brilhante
e a Deus se rebelou, toda impureza
só dele origem tem. Profundo espanto
causaram-me suas faces: uma presa
na testa, vermelha, e uma em cada canto
sobre o ombro, todas convergindo unidas
no alto, qual tríplice unidade.
[...]
Asas duplas sob cada face havia,
maiores que em mar largo, no horizonte
ao vento soltas, velas a bravia
onda sulcam, movendo grandes naves.
Sem pluma era a asa, de morcego e fria.
Três ventos agitava, frios graves,
dos quais Cocito inteiro se gelava;
por seis olhos chorava e, sem entraves,
sanguínea baba por três queixos dava.
Em cada boca, à guisa de espadela,
um pecador c’os dentes maltratava.
Ao da frente era leve dor aquela,
se comparada à forte arranhadura
que lhe escorchava atrás cada costela.
“Aquele que maior castigo atura,
é Judas, disse o Mestre; presa a testa,
sacode as pernas pela névoa impura.
Dos outros dois da posição molesta

um é Bruto, que está no rosto escuro;
estorce-se furioso e não protesta;
o outro é Cássio, mais forte e mais seguro. [...]

Figura 1 Ilustração do Diabo de Dante Alighieri feita por Sandro Botticelli.



Fonte: (ALIGHIERI, 2010, p. 226)

De acordo com o fragmento acima citado, Dante apresenta o Diabo com três faces. Impulsionados por esta ideia buscaremos, colhendo subsídios na teologia, na teoria e na literatura, formar as imagens das três faces do Diabo. Não iremos descrever as faces narradas pelo grande poeta italiano, nem tampouco contestar o que escreveu Luther Link (1998, p. 20), para quem o Diabo, apesar de possuir muitas máscaras é, em sua essência, uma máscara sem rosto. Também não contestaremos aqueles que advogam que o Diabo tem mil e uma faces, seja este número literal ou metafórico.

Sem ignorar que tanto na teologia quanto na literatura o Coisa Ruim é apresentado de tantas formas diferentes quanto nomes diferentes possui, nos limitaremos a refletir acerca das três principais maneiras como o Diabo é apresentado através dos tempos e verificar como elas são apresentadas nos contos de quatro autores brasileiros contemporâneos.

Dentre as inúmeras possibilidades delimitaremos nosso trabalho nos seguintes contos: *O Hóspede*, de Frei Betto, *Eu e Bebu na Hora Neutra da Madrugada*, de Rubem Braga, *Alma, Vendo e Belzebu.com*, de Luis Fernando Veríssimo, *Lênin Desce aos Infernos*, de Paulo Coelho e *Nostalgia do Amor Ausente*, de Walmor Santos. Consideramos estes contos constituírem uma boa amostra do tema presente na vasta produção literária brasileira tanto por terem sido escritos por autores reconhecidos pela crítica e/ou pelo público leitor, quanto os referidos autores possuírem formação diversificada: religiosa, acadêmica, profissional etc...

Para atingir nosso propósito, no primeiro capítulo será feito um levantamento da origem do Diabo na tradição bíblica de acordo com a visão tradicional de Santo Agostinho e da maioria das igrejas cristãs da atualidade, passando pela questão do livre arbítrio que julgamos ser essencial para o entendimento da formação do primeiro rosto do Diabo. A seguir se fará uma rápida incursão pelas principais obras que apresentam o Diabo de acordo com o que se encontra na tradição bíblica apresentada no estudo. Para tanto, o tema será investigado a partir do aprofundamento teórico de autores reconhecidos por seus trabalhos na área da teopoética, a saber: Giovanni Papini, Gerald Messadié, Alberto Cousté, Harold Bloom, Luther Link e Carlos Roberto F. Nogueira, entre outros.

Nos dois capítulos seguintes traçaremos a segunda e terceira formas como o Diabo é apresentado na teologia e na literatura à luz do referencial teórico apresentado anteriormente.

O capítulo subsequente é destinado às análises dos contos que são o objeto de estudo principal desta pesquisa, enfocando, além de outros aspectos, com qual ou quais dos rostos expostos no presente estudo a figura do Demônio é exibida.

Vale ainda salientar que nos anexos do presente trabalho encontram-se todos os contos nele analisados para que o leitor tenha a oportunidade de conhecê-los ou, mesmo que já os conheça, relembra-los através de uma nova leitura, o que certamente irá contribuir para uma melhor compreensão desta pesquisa.

A temática do Diabo foi e será um dos grandes assuntos da literatura. Prova disto é o incommensurável número de obras que já foram e são produzidas a seu respeito sem, no entanto, esgotar a matéria. Muito pelo contrário, o inimigo de Deus tem empolgado leitores e

expectadores através dos livros, da música e do cinema seja por meio de releituras e adaptações de clássicos ou mesmo de obras inéditas, ainda que algumas delas tenham seu valor estético questionado. O estudo do Diabo como personagem da literatura se justifica por sua universalidade e contemporaneidade. Pelas transformações por que passa este personagem junto com a própria humanidade podendo ser visto, portanto, como um espelho da mesma. O estudo da sua representação pode, assim, contribuir para ampliar o conhecimento do homem principalmente no que diz respeito ao seu imaginário, sua mentalidade e as influências que formam sua própria essência.

Capítulo I

O Rosto de Anjo: Lúcifer, a face do anjo rebelde

*Eu via Satanás, como raio,
cair do céu. (Lucas 10:18)*

Muitos dos leitores da Bíblia pensam que a história contada no livro sagrado é iniciada no Gênesis. Para um melhor entendimento da compreensão atual da cristandade sobre a chamada revelação de Deus, faz-se necessária a observação de que toda a história bíblica teria como eixo central a controvérsia entre o bem e o mal. Na Bíblia esta história é narrada *in media res* iniciando no Gênesis com a história de como este conflito, iniciado no céu com a rebelião de Lúcifer, é transferido para a terra e encerrando no Apocalipse que esclarece, ou pelo menos tenta esclarecer, o início do conflito no céu, recapitula algumas das ações de Deus para lidar com a rebelião e narra como se dará o final da história.

O presente capítulo tem por objetivo formar a primeira das faces do Diabo que propusemos na introdução deste trabalho, que é a face de anjo. Para tanto é necessária a compreensão, de acordo com a tradição bíblica da origem deste ser e das implicações que sua rebelião contra o Criador trouxeram para o planeta Terra.

1.1 A Origem do Diabo na Tradição Bíblica

Como já foi mencionado anteriormente, praticamente todas as culturas antigas personificam tanto o bem quanto o mal⁶, envolvendo as entidades míticas em uma batalha cósmica, a qual remonta a tempos imemoriais. Encontramos semelhante representação na literatura judaico-cristã.

A Bíblia é um livro que foi escrito de forma fragmentada ao longo de vários séculos. E, por ser aberto, o texto bíblico permite várias interpretações. O fato, porém, de ser aberto e problemático é exatamente onde consiste sua riqueza.

⁶ A título de exemplos podemos citar as personalidades maléficas: Set, o inimigo egípcio dos deuses e dos homens, representado pelos flagelos da seca e da tempestade. Ariman, o atormentador e desolador demiurgo persa que, para alguns, inspirou o mito de Satã. Mara, o indiano tentador de Buda; além de muitos outros: o grego Tifeu, o Iblis muçulmano, etc. Quanto às personalidades do bem, além de Yaweh judeu e do Alah muçulmano, temos o Spenta Mainyu e o Mitra, persas; o Ganesha, indu; etc...

Grande parte da narrativa bíblica é utilizada para contar a história judaica. Segundo essa história, Israel foi escolhido por Deus para ser seu povo peculiar. Uma espécie de núcleo de resistência à rebelião que Lúcifer trouxe para o planeta Terra, haja vista que grande parte dos habitantes do planeta abandonaram a adoração ao Deus bíblico e passaram a adorar outras entidades. Segundo a mentalidade judaica estas divindades, opositoras a seu Deus, passaram a ser consideradas representações de demônios.

Quando nos deparamos com a história dos judeus, é impressionante a constatação do papel de seus escritos sagrados na preservação deste povo que, passando por várias diásporas, espalhados entre nações diferentes, não foram absorvidos pelas culturas nas quais estavam imersos, mas continuaram mantendo suas peculiaridades e tradições que os identifica como um povo. O rabino chefe da Inglaterra Jonathan Sacks cita Mark Twain ao ponderar sobre o tema em seu artigo *O segredo da continuidade judaica*:

Os egípcios, os babilônios, os persas surgiram, encheram o planeta com som e esplendor, depois evaporaram como num sonho e sumiram; os gregos e os romanos também, fizeram muito barulho, e agora estão acabados; outros povos brotaram e levantaram sua tocha bem alto por um tempo, mas ela se queimou, e agora estão na obscuridade, ou simplesmente desapareceram. O judeu viu a todos eles, venceu a todos, sem enfraquecer suas partes, sem esmorecer suas energias, sem embotar sua mente alerta. Todas as coisas são mortais, as outras forças passam, mas ele permanece. (1993, s.p.)

Helena Lewin em seu artigo *Ressonância e dissonância judaicas: a diáspora e o exílio como objetos do literário* cita Hadad ao esclarecer que para os povos antigos “a destruição do santuário implicava em seu desaparecimento como entidade política autônoma” (2009, s.p.), porém os judeus conseguiram superar este fato, que inclusive ocorreu várias vezes em sua história, substituindo a função centralizadora do templo pelo estudo da Torá, que se tornou o elemento de união que impediu seu desaparecimento. Podemos assim concluir que o poder da palavra os preservou ajudando-os a subsistir em épocas de opressão.

Com o intuito de enriquecer nosso estudo, passaremos a seguir a uma breve apresentação sobre a origem do Diabo, não utilizaremos, obstante, o método crítico-histórico, mas nossa digressão se fará a partir de uma interpretação teológica que leva em conta todo o contexto bíblico dentro de uma perspectiva de revelação divina⁷, segundo a qual as informações foram aos poucos acrescentadas através dos livros que formaram o cânone sagrado e que foram sendo escritos pelos profetas e apóstolos ao longo dos séculos. Consideramos ser esta abordagem importante, haja vista que é aquela mais aceita por muitas das diversas ramificações da fragmentada religião cristã, bem como nos auxiliará a formar uma das faces do Diabo.

Seguindo este pressuposto, poderíamos inferir que, antes mesmo da criação do planeta Terra, Deus já havia criado outras formas de vida: os anjos. Passagens bíblicas como *Apocalipse* 1:1, 3:5 e 5:11 revelam que esses seres foram criados para desfrutar da presença e comunhão com Deus. *Salmos* 103:20 declara que são seres poderosos e Hebreus 13:2 dá a entender que podem assumir a forma humana. Como veremos mais adiante, foi através de um desses seres, o anjo a quem os cristãos atribuem o nome de Lúcifer que o mal foi introduzido no Universo.

Para muitos estudiosos cristãos contemporâneos, a Bíblia dá a conhecer a existência de uma batalha cósmica entre o bem e o mal. Norman R. Gulley, em *The Cosmic Controversy: World View for Theology and Life*⁸ postula que há indícios de que o universo inteiro esteja envolvido neste conflito.

Thomas Stearns Eliot (apud DONKOR, 2012, p. 4), considerado um dos mais importantes poetas do idioma inglês do século 20, escreveu em um de seus poemas:

Em todos os meus anos, uma coisa não muda,
Por mais que você disfarce, essa coisa não muda:
A perpétua luta entre o bem e o mal.

As palavras de Eliot são emblemáticas do pensamento cristão ocidental. Podemos arriscar a afirmação que, mesmo desconhecendo

⁷ Não é objeto deste estudo as várias teorias de como se dá este processo de revelação. Ater-nos-emos aqui ao conceito de revelação como uma manifestação do transcendente com a finalidade de comunicar informações.

⁸Disponível em http://www.atsjats.org/publication_file.php?pub_id=280&journal=1&type=pdf

toda a história bíblica bem como as teorias cristãs acerca do tema, praticamente todas as pessoas irão concordar na existência do bem e do mal e grande parte também irá assentir que existe um conflito entre essas duas forças.

1.2 O livre arbítrio e a adesão do planeta Terra à rebelião

Se o mal teve sua origem primeva no céu, lugar da habitação de Deus, como entender este paradoxo? Teólogos cristãos se referem a esta ideia como o “mistério da iniquidade”, ou seja, como o mal poderia ter se originado na mente de um ser perfeito? Mistério!

Muitos têm buscado a resposta, ou parte dela, conjecturando sobre a questão do livre arbítrio. Este é o tipo de racionalização que faremos a seguir para tentar aclarar a questão.

Quando Deus decidiu criar seres inteligentes, poderia tê-los criado sem a capacidade de pecar, mas desta maneira, esses seres seriam como robôs, sem vontade própria, uma vez que, desde sua criação, seriam programados para viver somente de acordo com a vontade do Criador. Por conseguinte, a literatura bíblica nos induz a pensar que tanto os anjos quanto os homens foram criados não só com plena capacidade e liberdade de fazer escolhas, mas também que essas escolhas incluíssem a possibilidade de se afastarem de Deus, renegarem-no e até se rebelarem contra Ele. Faz-se necessário ainda enfatizar que, se não lhes fosse oportunizada a possibilidade de realmente exercer esta liberdade, tal atributo não seria verdadeiramente válido, pois que, se alguém não tem a oportunidade de externar suas escolhas na forma de atos, não pode ser considerado verdadeiramente livre. Consequentemente, infere-se da literatura judaico-cristã que o mal se tornou realidade porque seres livres utilizaram sua liberdade para escolher viver independentemente da vontade de Deus.

Porém, toda escolha gera uma consequência, assim também podemos concluir que, quando alguém alcança a mais elevada posição possível em sua existência e, após isso, decide tomar um rumo diferente daquele que seguiu até então, a única possibilidade que existe para ele será o declínio. De forma análoga, o Velho Testamento apresentaria um tema retomado pelos autores do Novo Testamento, a saber, a queda de Lúcifer de sua elevada posição de querubim para a de Satanás, o inimigo de Deus.

Este argumento é sustentado na descrição bíblica dos reis de Tiro e da Babilônia que, segundo esta interpretação, são figurativas do anjo

precursor da maldade. Ao narrar a queda do rei de Babilônia, Isaías (14: 12 a 14) o chama de estrela da manhã, diz que caiu do céu, lugar onde estava e também que queria ser igual a Deus:

Como **caíste do céu**, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus [...]; subirei acima das mais altas nuvens e **serei semelhante ao Altíssimo**. (negritos nossos)

Figura 2 - Lúcifer, querubim da guarda. A ilustração o mostra com seis asas, conforme o texto bíblico de Isaías 6:2 e com roupas enfeitadas com pedras preciosas conforme Ezequiel 28:13.



Fonte: <http://3.bp.blogspot.com/zogxMc4zlds/T74R1JcvGOI/AAAAAAAAAGk/SYWEvD4KI-Y/s1600/L%C3%BAcifer+7.jpg>

Semelhantemente, ao profetizar a destruição do rei de Tiro, o profeta Ezequiel (28: 13 a 17) utiliza elementos que descrevem mais do que um ser humano:

Estavas no Éden, jardim de Deus; de todas as pedras preciosas te cobrias: o sárdio, o topázio, o

diamante, o berilo, o ônix, o jaspe, a safira, o carbúnculo e a esmeralda; de ouro se te fizeram os engastes e os ornamentos; no dia em que foste criado, foram eles preparados. Tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci; **permanecias no monte santo de Deus**, no brilho das pedras andavas. **Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado até que se achou iniquidade em ti.** [...] se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, **ó querubim da guarda**, em meio ao brilho das pedras. **Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor;** (negritos nossos)

Note-se que o rei de Tiro é retratado como estando no Éden, o jardim de Deus, possuindo pleno acesso ao monte Santo de Deus, como um ser que é perfeito e também é chamado de “querubim da guarda”. Além disso, a causa da queda: ser achado em iniquidade e orgulho por causa da própria beleza, sabedoria e esplendor, parecem estar revelando alguém mais além do que o rei fenício. Assim, os profetas Isaías e Ezequiel estariam fornecendo elementos adicionais que podem ser características do ser malévolo que influenciou os reis de Babilônia e Tiro.

Este conceito teve como um de seus primeiros defensores Agostinho de Hipona, que em seu tratado *A Cidade de Deus* (2001, p. 35), criticando a doutrina dos maniqueus⁹, usou o texto de Isaías 14:12 citando-o junto a um bom número de outras passagens avulsas para compor a história da origem do diabo:

⁹ Seguidores do Maniqueísmo, religião fundada pelo persa Mani, que combina elementos do zoroastrismo, de outras religiões orientais, e do próprio Cristianismo. Essa religião possui uma visão dualista radical, segundo a qual o mundo está dividido em duas forças: o Bem (luz) e o Mal (trevas) como entidades antagônicas. Luz e trevas no sistema maniqueísta não são figuras retóricas, são representações concretas do Bem e do Mal. O Reino da Luz e o Reino das Trevas estão em permanente conflito. Os maniqueus supervalorizavam o Novo Testamento, por outro desprezavam e ridicularizavam o Velho Testamento. Rejeitavam as explicações criacionistas da Bíblia, questionando a criação do mundo por um ato livre de Deus, a partir do nada, e do homem como imagem e semelhança de Deus.

Não entendem que, se as palavras de São João a respeito do diabo: O diabo peca desde o princípio indicam algo natural no demônio, não é pecado. Que responder aos testemunhos proféticos, quer ao que Isaías diz, figurando o diabo na pessoa do príncipe de Babilônia: Como caiu Lúcifer, que nascia de manhã?, quer às palavras de Ezequiel: Estiveste nas delícias do paraíso de Deus, estás adornado com toda a classe de pedras preciosas? Dá-se a entender em tudo isso que algum tempo esteve sem pecado. Mais expressamente o diz pouco depois: Em teus dias caminaste sem vício. Se não se dá interpretação mais apropriada para isso, temos de, necessariamente, entender aquelas palavras: Não se manteve na verdade, assim: Esteve na verdade, porém não se manteve nela. E estas: O diabo peca desde o princípio, devemos entendê-las assim: Não peca desde o princípio de sua criação, mas desde o princípio do pecado, que começou a ser pecado com sua soberba.

Poderíamos ainda citar, no Novo Testamento, a segunda epístola de S. Pedro (2: 4), onde encontramos a declaração que “Deus não poupou anjos quando pecaram” e Judas (versículo 6) que faz menção “a anjos, os que não guardaram o seu **estado original**, mas abandonaram o seu próprio domicílio”, nos dando a entender que esses seres estiveram em uma condição favorável diante de Deus, que acabaram abandonando através do uso da liberdade de escolha.

Apocalipse 12: 7 sugere que a rebelião iniciada pelo querubim da guarda se estendeu a outros anjos:

Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos.

O texto do *Apocalipse* fala de uma batalha que aconteceu antes da tentação e queda de Adão e Eva na qual Miguel e os anjos fiéis a

Deus expulsaram do céu o anjo rebelde e seus aliados. A narrativa o chama de dragão, diabo e Satanás e o associa à antiga serpente do Éden, ou seja, aquela que tentou Adão e Eva a comer o fruto proibido e desobedecer a Deus. A rebelião iniciada no céu teve como consequência a expulsão dos rebeldes, e o palco do grande conflito entre o bem e o mal foi transferido para a Terra. No contexto da queda encontramos uma declaração de júbilo junto com uma lamentação: “Por isso, festejai, ó céus, e vós, os que neles habitais. Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta.” (*Apocalipse* 12:12).

Figura 3 - Lúcifer e seus anjos aliados são expulsos do céu.



Fonte:<http://desmanipulador.blogspot.com.br/2012/10/o-que-e-o-o-diabo.html>

Como já mencionamos anteriormente, a história da origem do mal seria, desta maneira, contada na Bíblia *in media res*. Inicia no *Gênesis* com a criação do homem e sua posterior adesão à rebelião angélica, fato também conhecido como “queda do homem”.

É interessante notar que no capítulo 2, versículo 15, podemos inferir que o homem deve ter sido avisado por Deus, senão sobre todos os pormenores da rebelião, ao menos que este deveria ter cautela, pois o

texto diz explicitamente que “tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar **e o guardar**” (negritos nossos). Ora, se Adão e Eva eram os únicos habitantes do mundo recém criado, por que Deus pediria a eles que o guardassem? O termo hebraico para guardar é o verbo *shamar* (שָׁמַר), que significa também proteger, vigiar, cuidar. A utilização de qualquer um destes verbos pressupõe algum tipo de ameaça, assim dentro do contexto, Adão e Eva não foram tão inocentes como querem fazer parecer alguns. É bem possível que soubessem que seriam abordados pelo adversário de Deus, só não esperavam que ele viesse na forma de uma serpente. Entretanto, pelos desdobramentos da narrativa bíblica, eles tiveram a oportunidade de desconfiar da verdadeira identidade do ofídio. Seja como for, o fato é que o primeiro casal também utilizou sua liberdade para acreditar nas palavras da serpente e descrer das do Criador. Foi esta escolha que os levou a aderir à rebelião de Lúcifer que já havia acontecido no céu e nesse momento é transferida para a terra. Esse fato levou Adão e Eva a se afastarem de Deus e, como consequência, trazerem a morte para toda a raça humana.

Um dos primeiros a postular a teoria do livre arbítrio também foi Agostinho (1995, p. 237) que, em suas reflexões acerca do confronto entre orgulho e a sabedoria assevera:

O que pôde mover a vontade de nossos primeiros pais (Adão e Eva)? Mas a vontade não fica solicitada a um determinado ato, a não ser por meio de algum objeto, o qual vem a perceber. E se cada pessoa tem o poder de escolher o que aceita ou rejeita, ninguém possui o poder de escolher o que vai aceitar ou rejeitar. Ninguém pode determinar qual o objeto cuja vista o impressionará.

Ora, é preciso reconhecer: a alma fica impressionada pela vista de objetos, sejam superiores, sejam inferiores, de tal modo que a vontade racional pode escolher entre os dois lados o que prefere. E será conforme o mérito dessa escolha que se seguirá para ela o infortúnio ou a felicidade.

Assim, no paraíso terrestre, havia como objeto percebido: vindo do lado superior, o preceito divino, e vindo do lado inferior, a sugestão da

serpente. Pois nem o que o Senhor ia prescrever, nem o que a serpente ia sugerir foi deixado ao poder do homem.

Contudo, ele estava certamente livre de resistir à vista das seduções inferiores, pois o homem tendo sido criado na sanidade da sabedoria achava-se isento de todos os liames que dificultavam a sua escolha.

Figura 4 - Queda dos seres humanos. Notam-se na ilustração todos os elementos do relato de Gênesis: Deus pronunciando as consequências da escolha humana; Adão e Eva cobertos por folhas de figueira, símbolo da perda da inocência lamentam o pecado cometido; a serpente rastejando após ser amaldiçoada; a árvore do conhecimento do bem e do mal com seus frutos; e um carneiro, que provavelmente será sacrificado para simbolizar o salvador que virá morrer em resgate da humanidade caída, e cuja pele servirá para vestir Adão e Eva.



Fonte: <http://www.amormariano.com.br/especial/catecismo-de-sao-pio-x-capitulo-ii-do-primeiro-artigo-do-credo/>

Vemos, assim que o livre arbítrio é um conceito deveras magnífico, mas extremamente doloroso ou ainda como bem expressou Giovanni Papini (s.d., p. 63): “Houve jamais no Universo e no Infinito, pensando bem, tragédia mais medonhamente trágica do que esta dialéctica (sic) da liberdade?”

No Novo Testamento a polarização entre o bem e o mal, Deus e Satanás, é intensificada. O grande número de relatos de possessos do Novo Testamento seria devido ao fato que, com o advento do Messias, o poder de Satanás sobre o mundo ficou seriamente ameaçado, e o aumento das possessões demoníacas seria o desespero dos anjos caídos diante da iminência de sua derrota. A profecia de Isaías (capítulo 9, versículo 2): “O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz”, é citada para reforçar a teoria bem como o relato da tentação de Jesus ocorrer logo após o seu batismo por João Batista no rio Jordão, fato que marca o início de seu ministério.

Na igreja cristã primitiva o embate entre o bem e o mal assume proporções bélicas como é o exemplo do conselho de Paulo aos cristãos de Éfeso:

porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. (*Efésios* 6: 12 e 13).

Poderíamos traçar o roteiro da descrição do conflito entre o bem e o mal, na Bíblia, iniciando pela queda do homem, no Gênesis; a história da raça humana como objeto de disputa entre o bem e o mal e a gradual revelação do plano da redenção, no restante do Antigo Testamento; a vida, paixão e sacrifício de Cristo para resgatar o homem, nos evangelhos; e um resumo do conflito cósmico, no Apocalipse, que encerra com a vitória de Deus e seu Filho, a redenção final da raça humana e a erradicação do mal do Universo.

1.3 Apocatástase: a redenção do Diabo

Apesar de a maioria das ramificações cristãs da atualidade concordar com a condenação eterna do Diabo, existe a teoria atribuída a Orígenes (c. 185 – c. 250) sobre a redenção do Anjo Rebelde: a Apocatástase. De acordo com Jean-Yves Lacoste em seu *Dicionário crítico de teologia* (2004, p. 165 a 167), a palavra grega que significa restauração, Apocatástase, designaria, em um contexto teológico cristão, a universalidade da salvação que abrangeria todas as criaturas dotadas de razão. Na realidade o primeiro teólogo a conceber que o castigo dos pecadores seria apenas temporário, somente até atingir a purificação da alma, após a qual acederia à contemplação eterna de Deus, foi Clemente de Alexandria (antes de 215). Orígenes, influenciado por essas ideias, apesar de também falar de um castigo eterno dos pecadores, sugeriu que a eternidade deste castigo seria psicológica, e não material, formulando a doutrina da salvação universal, atribuída a seu nome. Logicamente, para ser universal, esta salvação necessariamente teria que incluir o Diabo e suas hostes de demônios. A destruição do Diabo não seria sua aniquilação, mas sim sua oposição a Deus é que seria destruída, assim ele deixaria de ser inimigo (Satanás) de Deus. Apesar de ter sido apresentada “não como uma certeza, mas como uma esperança”, a doutrina de Orígenes foi rejeitada pelo sínodo de Constantinopla em 543 d.C. e, mais tarde, pelo concílio realizado na mesma cidade, em 553 d.C., que emitiu a seguinte declaração:

Se alguém disser ou defender que o castigo dos demônios ou dos ímpios é temporário, e que terá fim a um momento dado, ou que haverá uma completa restauração dos demônios ou dos ímpios, que seja anátema. (LACOSTE, 2004, p. 166)

Não obstante a condenação da igreja, teólogos modernos e contemporâneos como Friedrich Schleiermacher, Karl Barth e Hans Urs von Balthasar simpatizaram com a ideia alegando que a condenação eterna é incompatível com o caráter de um Deus justo e bom.

Papini dedica um capítulo inteiro de seu *O Diabo – Apontamentos para uma futura diabolologia* para tratar deste assunto concluindo que

O inferno não existiu sempre, pois que teve um início com a queda dos anjos rebeldes e nada nos impede esperar que tenha um fim [...]. É lícito acreditar que uma das consequências desse fim será também o termo da rebelião, isto é, o feliz retorno de Satã e dos seus ao fulgor da eternidade. (PAPINI s/d. p. 247).

A teoria da Apocatástase está intimamente ligada ao pressuposto da condição anterior do Diabo ter sido a de um anjo que se rebelou contra o Altíssimo e, por isso foi expulso do céu junto com seus adeptos. Segundo o historiador Carlos Roberto Figueiredo Nogueira em seu livro *O Diabo no imaginário cristão* (2000, p.29),

Essa concepção da queda do Anjo Rebelde e do homem foi retomada pelos Padres da Igreja durante os séculos II e III e formalizada pela Igreja grega; um pouco mais tarde, Jerônimo (340-420) e Agostinho de Hipona (354-430) implantaram a mesma ideia na Igreja latina. Desse modo, no fim do século IV, tanto no Oriente como no Ocidente, os cristãos concordavam em que a queda do homem não foi mais que um episódio na história de um prodigioso combate cósmico, iniciado antes da Criação, quando uma parte das falanges celestiais havia se revoltado contra Deus, sendo então precipitada dos céus.

Henry A. Kely, em seu livro *Satã: uma biografia* (2008, p. 353), após um estudo das teorias sobre a origem do Diabo, afirma que, na atualidade, nas correntes evangélicas e fundamentalistas, além de outras do cristianismo

Há uma crença firme na queda de Satã como Lúcifer por orgulho e de sua manipulação subsequente de Adão e Eva, levando-os a desobedecer a Deus, seguido de seus incessantes esforços de impedir a salvação da humanidade, como retratada no Novo Testamento.

Levando-se em consideração esses arrazoados, poderíamos formar uma proposta para a face do primeiro rosto do Diabo: a face de anjo. Resta saber se teríamos subsídios na literatura universal para sustentar esta proposta. É o que veremos a seguir.

1.4 O Anjo Rebelde na Literatura Universal

Harold Bloom em *Anjos Caídos* (2008, p. 50), nos assegura que “Milton, em seu grande poema épico *Paraíso Perdido*, inventou verdadeiramente o Satã literário.” Esta declaração está de acordo com o pensamento da maioria dos críticos. A obra de John Milton, baseada no pensamento cristão da queda de Lúcifer, o anjo rebelde, apesar de mostrar Deus como o vencedor final do embate, mostra o inimigo deste como ator principal do drama. Com esta opinião concorda Alberto Cousté ao afirmar em sua obra *Biografia do Diabo: o diabo como a sombra de Deus na história* (1996, p. 31) que

o Diabo de Milton é um Diabo que nunca deixou de ser Lúcifer – a estrela da manhã, o mais belo e perfeito dos anjos – e que se consome no espantoso fracasso de sua potestade. Digno, não pode admitir a derrota; derrotado, não pode afastar a melancolia; melancólico, a própria apatia mergulha-o no infinito vazio de seu amor: ali onde a beleza já não conta e lhe é esquivia; exercita-se apenas para a sua taciturna certeza de possuí-la.

Essas asseverações de Bloom e Cousté são mais bem compreendidas quando as confrontamos com a obra em questão. Transcrevemos a seguir um fragmento de *O Paraíso Perdido*, de John Milton na intenção de auxiliar a formação da imagem angelical do inimigo de Deus:

[...] e já para a margem segue altivo
O monarca infernal. Do ombro lhe pende
O escudo que enrijou têmpera etérea.
Largo, pesado, orbicular, maciço,
E que assemelha a lua (quando a encara
Pelo óptico instrumento, à prima noite [...])
Empunha a lança (junto à qual seria
Tênue vara o pinheiro o mais gigante

Que da Noruega em montes é cortado
 Para mastro de altiva capitânia),
 E nela os passos trabalhosos firma
 Por tão ardente chão, mui diferentes
 Do que eram percorrendo os Céus
 cerúleos”(C.I)
 (MILTON, 2006, p. 24)

Salma Ferraz, em seu livro *As faces de Deus na obra de um ateu* – José Saramago (2003, p. 167), analisando a trajetória do Diabo/Pastor na obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, afirma que

todas as aparições do Diabo no texto são descritas como a aparição de um anjo: alto, grande, com as roupas resplandecentes. Suas palavras são palavras da verdade, carregadas de sabedoria, poeticidade e filosofia, sempre à procura da verdade.

Vemos também que Milton dá ao Diabo uma densidade trágica e angustiante descrevendo-o logo após ter sido lançado no inferno, assim que sai do meio das ondas de um oceano de fogo, entretanto conserva sua magnífica forma angélica, ou como assegurou Papini (s/d. p. 216): “Milton vê-o como um Arcanjo abatido, mas sempre esplendente como um Serafim”.

Charles-Pierre Baudelaire em sua obra *As Flores do Mal* (1985, p. 427), compõe *As Litânicas de Satã*, uma oração ao Diabo onde já na sua introdução Satã é invocado como sendo o Anjo mais belo e mais culto:

Ó tu, o Anjo mais belo e também o mais culto,
 Deus que a sorte traiu e privou do seu culto,
 Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Ó Príncipe do exílio a quem alguém fez mal,
 E que, vencido, sempre te ergues mais brutal,

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Poderíamos ver neste poema uma antítese, pois mesmo que Baudelaire tenha defendido a estética do feio, apresenta o Diabo como um anjo. E não contente com o fato de ser comum a associação

entre anjo e beleza, o autor ainda lhe confere o título de “o Anjo mais belo”.

Figura 5 – *Le génie du mal*, escultura de Lúcifer na catedral Saint-Paul de Liège, na Bélgica, obra do artista Guillaume Geefs (1805-1883). É possível notar suas feições de um belo anjo, porém carregada e triste. Em seu olho esquerdo há uma lágrima. Sua asa se assemelha a de um morcego, indicando sua condição decaída. Segura na mão uma coroa e um cetro quebrado simbolizando a perda de seu poder. Está preso por uma corrente conforme o texto bíblico de Apocalipse 20:1-3. A seus pés encontra-se o fruto que ofereceu a Adão e Eva causando a queda da raça humana.



Fonte: <http://pearlsintheeternity.blogspot.com.br/2008/06/blog-post.html>

Acrescentando estas amostras da literatura universal àquilo que a teologia tradicionalmente apresenta sobre a origem do Diabo, fica evidente que o primeiro rosto do Demônio não poderia ser outro senão aquele com que foi, por sua própria natureza angelical, primeiramente criado: o rosto de anjo. Esta é, pois, a primeira imagem do Diabo.

Capítulo II

A Face de Besta: os múltiplos semblantes zoomórficos do macaco de Deus

"Não é sensato deixar um dragão fora dos teus cálculos se vives perto dele."

John Tolkien

Ao pesquisarmos sobre o Diabo, outro aspecto que nos salta aos olhos é a questão das inúmeras formas que o mesmo se apresenta no tocante à sua aparência. Esta parte de nosso estudo enfocará como se deu esta metamorfose de sua aparência angelical para a de grotescos monstros zoomorfizados.

Figura 6 - Fra Angelico, O Juízo Final (detalhe), têmpera sobre painel (1425-1430). Museu de San Marco, em Florença. É possível notar a influência de Dante Alighieri nas três bocas que mastigam a três condenados ao suplício eterno.



Fonte: em <http://pactac.net/ctheory/erler/Figure%206.jpg>

Discorrendo a este respeito, Link (1998, p. 47) declara que

O Diabo, porém, é um capetinha impotente ou um demônio perverso com aparências variadas em qualquer época. Sua representação difere até mesmo nas obras de um mesmo escultor do século XII, na mesma catedral românica de St. Lazare, em Autun. Difere até na mesma obra, como no Juízo Final, de Fra Angelico, no convento de São Marcos, em Florença, três séculos mais tarde [...]. Alguns dos diabos de Fra Angelico têm chifres, outros não; uns têm rabos, outros não; há os alados e os não alados, os peludos e os glabros, uns com cara de cachorro, outros de gato[...]. E o grande Satã negro de Fra Angelico mais parece Godzilla do que qualquer outra coisa.

Paul Reader (Apud COUSTÉ, 1996, p. 31) nos alude que “são em número de sete as imagens zoomórficas do Diabo: bode, leão, javali, porco, macaco, corvo e basilisco.” Em nossa pesquisa, entretanto, nos concentraremos nas imagens que, por serem mais recorrentes, consideramos mais emblemáticas para o contexto estudado. As referidas imagens que passaremos a abordar nas páginas a seguir são: dragão, serpente, bode, cão, macaco e a face bestial que aparece sob a forma de monstros diversos.

2.1 O Diabo como Dragão

Possivelmente a origem de retratar o Diabo com características animais e monstruosas tem seus primeiros registros na Bíblia. Além do texto da serpente que tentou Eva, temos a passagem de Apocalipse 12: 7, já citada anteriormente, na qual o Diabo é identificado como grande dragão e antiga serpente.

A figura do dragão é uma das mais emblemáticas que se tem registro e aparece em culturas e regiões tão díspares quanto distantes entre si. É encontrada na China bem como entre os povos pré-colombianos, na Escandinávia, Índia ou Oriente Médio. Mencionando este fato, Cousté (1996, p. 83) faz referência à hipótese levantada por Alexander Kappe, segundo a qual o provável deslumbramento dos povos antigos ao se depararem com os fósseis dos dinossauros deram origem às lendas tão impressionantemente semelhantes a respeito dos dragões.

Figura 7 – Dragão.



Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/vkPD4elkJE/Tx8CuqoP4eI/AAAAAAAAADSY/gPZS5e7Lc-E/s1600/dragao.jpg>

Heródoto (cerca de 430 a.C.) afirmou ter visitado na Arábia o que poderíamos hoje designar como sítio arqueológico cujos restos diziam-se pertencer a serpentes aladas ainda existentes na região:

Há na Arábia, perto da cidade de Buto, um certo lugar para onde me dirigi, a fim de me informar sobre as serpentes aladas. Vi, logo à minha chegada, uma quantidade prodigiosa de ossos e de espinhas dessas serpentes. Esses ossos — grandes, médios e pequenos — estão espalhados por todos os lados. O local em que se encontram fica situado numa garganta apertada entre duas montanhas, de onde se abre vasta planície que confina com a do Egito. Dizem que as serpentes aladas voam da Arábia para o Egito assim que chega a Primavera, mas que as íbis, indo ao encontro delas no ponto de junção do desfiladeiro com a planície, impedem-nas de passar, matando-as. Os Árabes asseguram que é em reconhecimento desse serviço que os Egípcios têm grande veneração pela íbis, e

os próprios Egípcios confirmam isso. (Livro II – Euterpe, LXXV).

Os mitos dos dragões chegaram até os hebreus através do contato com povos como sumérios, babilônios ou persas, os quais possuíam lendas e crenças relacionadas ao dragão. Alguns textos do Antigo Testamento já mencionavam esta besta, sempre simbolizando um inimigo de Israel. Em Ezequiel 29: 3, o dragão é comparado a Faraó¹⁰ e em Isaías 30: 6 o Reino do Sul é comparado a uma serpente voadora.

Também o capítulo 41 do livro de Jó menciona, não como símbolo de um inimigo, mas do poder divino para criar seres excepcionais, uma criatura marinha chamada Leviatã que possui características draconianas como escamas fortes como couraça e capacidade de cuspir fogo e fumaça.

Figura 8 – Leviatã. A imagem ilustra a destruição da criatura conforme o texto bíblico de Isaías 27:1



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/38/122.The_Destruction_of_Leviathan.jpg/383px122.The_Destruction_of_Leviathan.jpg

¹⁰ Nas versões Almeida Corrigida e Revisada Fiel, e Sociedade Bíblica Britânica. Outras versões utilizam a palavra crocodilo.

Os livros bíblicos de Neemias, Salmos, Jeremias e Amós são outros exemplos pelas alusões que fazem ao dragão, demonstrando, assim, que este ser não foi introduzido na Bíblia apenas no Novo Testamento, mas já era bastante familiar aos antigos judeus. O que se vê inserida pelo Apocalipse é esta associação entre as figuras do Diabo e do dragão, até este momento inexistente. Se bem que a animalização de Satã já havia tido início antes disto. Podemos citar como exemplo o relato dos evangelistas Mateus, Marcos e Lucas do episódio em que a legião de demônios que possuía um homem gadareno (ou dois, pois os relatórios diferem neste ponto) ao serem expulsos por Jesus entraram em uma manada de porcos. Outro fato interessante é o emprego da figura de outro animal, o leão, que o apóstolo Pedro (*1Pedro* 5: 8) utilizou em uma comparação com o Diabo para alertar os destinatários de sua epístola quanto à necessidade de estarem alertas para não serem por ele devorados.

Vale lembrar que o Apocalipse é um livro predominantemente simbólico com uma riqueza enorme de tipos e figuras. Buscando uma representação para metaforizar o Diabo como um ser extremamente perigoso, forte, implacável e difícil de ser vencido, o autor se utilizou desta imagem, já conhecida da cultura judaico-cristã do primeiro século, o dragão. Nogueira (2000 p. 18) assegura que

a figura do Dragão, presente no Antigo Testamento sob os diferentes nomes de *Rahab*, *Leviathan* e *Tehon Rabbah*, é proveniente do mito babilônico da criação, simbolizando o caos primordial, e não a ação do Mal no mundo após a criação, com a qual será assimilado na literatura hebraica pós-testamentária.

O contato com os caldeus e as suas divindades fornecerá a uma tradição preexistente e arcaica as personalidades destinadas a chefiar o cortejo demoníaco. Entre estas, *Lúcifer*. (itálicos do autor)

Na literatura profana, muitos são os heróis que tiveram como adversário um dragão: Apolo, Perseu, Siegfried, Jasão, só para citar alguns. Também o cristianismo católico tem os seus caçadores de dragões. Além de São Jorge, o mais famoso deles, podemos citar ainda São Deriano, São Jônio e Santa Margarida.

Para Cousté (1996, p. 84), a figura do dragão foi apropriada do imaginário dos povos pelo cristianismo que “não fez outra coisa senão adaptar a dobradinha Diabo/dragão às suas necessidades ou à sua iconografia”.

2.2 O Diabo como Serpente

Apesar de não declarar efetivamente que a serpente era o Diabo, as circunstâncias da narrativa de Gênesis capítulo 3, acrescida de outros textos bíblicos como o de *Apocalipse* 12: 7 levou à identificação do ofídio ser com o ser malévolo. O texto de *Gênesis* 3: 1 chama a atenção para o fato de a serpente ser “mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor tinha feito”.

Figura 9- Diabo-Serpente. Muitas ilustrações da serpente do Éden a mostram metade humana e metade serpente.



Fonte: http://3.bp.blogspot.com/LcxNrpl_GrE/TylFu1XoNOI/AAAAAAAAABI8/wdQalvDObo/s1600/serpente003.jpg

Da maneira perspicaz como Papini (s/d., p. 218 a 220) discorre sobre o fato da identificação da serpente com o Diabo, sua simbologia, bem como de sua sagacidade, ou astúcia, elencamos alguns aspectos relevantes:

1. Por não poder voar ou andar, tendo que se arrastar para locomover-se, a serpente, além de ser o mais desgraçado dos animais, concentra toda sua capacidade tanto de ataque como defesa na cabeça.

2. A serpente é o único animal capaz de formar um círculo que pode conter a superfície do mundo dentro de um limite, como a inteligência o faz.
3. A etimologia hebraica da palavra serpente é *saraf*, que originou também a palavra serafim, que é a mais elevada ordem dos anjos, à qual deve ter pertencido Lúcifer.
4. Se o Senhor amaldiçoou a serpente condenando-a a rastejar sobre seu ventre e se alimentar do pó da terra todos os dias de sua vida, depreende-se que a serpente não tinha, antes da maldição, a mesma forma como a conhecemos hoje. A víbora não se arrastava, mas caminhava como os outros animais (ou voava?).
5. A serpente, assim como o Diabo, é um ser decaído, sendo o tipo ideal para representá-lo.

Comentando Papini sobre a possibilidade de a serpente poder formar um círculo ao morder a própria cauda, Cousté (1998, p. 82) alude aos gnósticos que se utilizavam desta representação “dando-lhe o nome de Oroboro, símbolo do tempo e da continuidade da vida. Aparece desenhada já no *Codex Marcianus* (século II), junto à inscrição *Hen to Pan* (o Uno, o Todo)”. Da mesma maneira a alquimia se valeu deste simbolismo para significar que o fim também é o começo. É interessante verificar que o nome oroboro possibilita a leitura também de trás para frente, condizendo, assim, com seu sentido mítico de perenidade.

Figura 10 – Oroboro. A serpente mordendo a própria cauda forma um círculo perfeito, símbolo de perenidade e perfeição.



Fonte: <http://cassionei.blogspot.com.br/2011/09/sombra-do-oroboro.html>

Um episódio bíblico interessante envolvendo a figura da serpente é relatado no livro de Números 21: 5 a 9, quando da peregrinação do povo de Israel pelo deserto após sua fuga do Egito, sob a liderança de Moisés. A narrativa descreve que “o povo falou contra Deus e contra Moisés” (verso 5), acusando o líder de levá-los ao deserto para morrer e reclamando do alimento providenciado por Deus para sustentá-los, o maná, chamando-o de “pão vil” (verso 5). Como resultado, Deus os puniu enviando serpentes abrasadoras que, ao picarem o povo, provocava uma febre que os levava à morte. Como era de se esperar, houve arrependimento por parte do povo que clamou a Moisés para que intercedesse a Deus por eles. Após a oração do profeta, ele recebeu a ordem de Deus para que fizesse uma serpente de bronze semelhante àquelas que causavam a morte dos que por elas eram picados e a colocasse sobre uma haste. Desta maneira, todo aquele que estivesse doente pela picada da serpente e olhasse para sua representação de bronze, era curado.

Figura 11 - Moisés levantando a serpente de bronze. Segundo o relato bíblico, todos os moribundos pela picada das serpentes do deserto que olhassem para a serpente de bronze eram imediatamente curados.



Fonte: <http://imagensbiblicas.wordpress.com/category/a-serpente-de-bronze/>

É curioso que a serpente, pela sua associação com o mal devido ao episódio de ser usada para enganar Adão e Eva no Éden, tenha sido usada para a salvação dos moribundos que eram picados pelas serpentes abrasadoras do deserto. Ainda mais assombroso é que séculos mais tarde, na época do rei Ezequias, encontramos essa mesma serpente de bronze sendo cultuada em Jerusalém:

[...] no terceiro ano de Oséias, filho de Elá, rei de Israel, começou a reinar Ezequias, filho de Acaz, rei de Judá. [...]

Ele tirou os altos, quebrou as estátuas, deitou abaixo os bosques, e fez em pedaços a serpente de metal que Moisés fizera; porquanto até àquele dia os filhos de Israel lhe queimavam incenso, e lhe chamaram Neustã. (2 Reis 18: 1 e 4).

O texto bíblico acima citado é utilizado por alguns estudiosos como um dos argumentos de sustentação da ideia de que o monoteísmo hebraico é mais tardio do que a Bíblia e os teólogos tradicionais apresentam. Tecendo comentários sobre o episódio, Ribeiro *apud* Haroldo Heimer (2009, p. 43 e 44) afirma que

O culto de Nehushtan está incorporado ao culto de Yaveh no templo em Jerusalém. [...] 2 Reis 18, 4 registra o momento em que, sendo considerado empecilho à exclusividade do culto monárquico javista e a necessidade de centralização desse culto por razões estratégicas de Estado, o culto à serpente de bronze é posto em antagonismo ao javismo.

A teoria destes estudiosos é que o monoteísmo judaico foi o resultado de um processo. A princípio politeístas como todos os outros povos de Canaã, os israelitas tornaram-se monoteístas porque ocorreu um processo no qual Yaweh incorporou os atributos das divindades do panteão cananeu para se tornar a divindade única em Israel. Este processo foi conduzido por grupos de sacerdotes e reis, por motivação política. O caso de Neustã, seria, desta maneira, um exemplo de como teria ocorrido esta mudança. Também como haveria acontecido com todas as divindades das outras nações, Neustã passou a ser associada ao mal. Reimer (2009, p. 111), propõe que o texto de *Gênesis* 3, que relata

a história da serpente do Éden, tenha sido escrito no século V a.C., embora assevere que

Gênesis 3 não opere em nível de conflitos 'históricos' contra outras divindades específicas, como era o caso das polêmicas contra Baal (1 Reis 19), Neustã (2 Reis 18), Asherah (2 Reis 22-23), e a Rainha dos Céus (Jeremias 45). Assim como os demais capítulos da unidade de Gênesis 1 a 11, está construído em linguagem mítica. Em Gênesis 3, se trata de um conflito situado fora da temporalidade histórica.

Ainda assim a colocação da escritura de Gênesis 3 na data proposta pelo autor colocaria os fatos descritos no texto, no mínimo colaborando para o estabelecimento da figura da serpente como símbolo do mal.

A religião cristã, tendo seu surgimento dentro do judaísmo, herdou deste muitas de suas crenças e tradições. Para Robert Muchemblend (2001, p. 19), o cristianismo do fim do primeiro século, época em que foi escrito o Apocalipse, utilizou-se do livro para

casar a história da serpente com a do rebelde, do tirano, do tentador, do sedutor concupiscente e do dragão todo-poderoso. Um autor declarou recentemente que a vitória do cristianismo neste domínio consistiu em tomar emprestado um dos mais importantes modelos narrativos do Oriente Próximo: o mito cósmico do combate primordial entre os deuses, que tem na condição humana seu desafio fundamental. Esta versão pode, segundo ele, ser assim resumida: um diabo rebelde ao poder de Jeová faz da terra uma extensão de seu império para nela reinar pelo poder do pecado e da morte. —Deus deste mundo—, como o denomina São Paulo, ele é combatido pelo filho do Criador, o Cristo, por ocasião do mais misterioso episódio da história cristã, a Crucificação, que combina uma derrota e uma vitória simultâneas. A função de Cristo no decurso dessa luta, que só terminará no fim dos tempos, é ser o libertador potencial da humanidade, em

confronto com Satã, seu adversário por excelência.

Na literatura antiga também o mito da serpente é um elemento assíduo. Na tragédia de Medeia, a mesma, possuída por um desejo exacerbado de vingança, invoca as Erinias, divindades do mundo inferior que, assim como a Medusa, possuíam serpentes no lugar da cabeleira. Vê-se a figura da serpente unida a elementos negativos como vingança, inferno e morte. Em Orfeu e Eurídice, esta morre ao ser picada por uma serpente. Na Ilíada, Laocodonte é morto por uma serpente marinha junto com seus filhos. No mito de Orestes e Electra, este é representado em sonho à sua mãe, Clitemnestra, como uma serpente, num vaticínio de sua futura condição de matricida. De acordo com alguns mitos, Apolo matou a serpente Píton porque ela tinha tentado violar Leto quando se encontrava grávida de Apolo e Artemis. Outra vertente indica que ele matou a Píton porque ela impedia que os homens fossem fazer suas consultas a Zeus neste lugar.

2.3 O Diabo como bode

Na Bíblia a figura do bode está normalmente segundo o cristianismo associada ao Messias. O bode, assim como o cordeiro, é um dos animais considerados pelos sacerdotes de Israel como próprios para serem oferecidos em sacrifício. Estes sacrifícios seriam figuras do supremo sacrifício que o Messias faria ao dar sua vida pela humanidade. Há, porém, um ritual relatado em Levítico, no qual há um bode que não é sacrificado. No capítulo 16: 10 lê-se¹¹: “mas o bode sobre o qual caiu a sorte para Azazel será apresentado vivo ao Senhor para se fazer propiciação e será enviado para Azazel no deserto”. A questão de este bode representar Jesus ou Satanás tem gerado inúmeros debates, porém o fator de nosso interesse é notar que o nome Azazel passou a ser utilizado para designar o Diabo ou um de seus demônios e a figura do bode passou a ser associada a Satanás.

Na linguagem popular também se pode perceber esta correlação do bode com aspectos negativos. Quando se percebe que algo vai dar errado é comum a pronúncia da frase “vai dar bode”.

¹¹ Texto segundo a Nova Versão Internacional (NVI). Algumas versões substituem o nome Azazel por Emissário.

O bode foi ainda escolhido para representar o Diabo pela ligação de sua imagem à luxúria. Discorrendo a este respeito Angélica Varandas (2006, p.96) cita o *De Animalibus* – Livro XII das *Etymologiarum*, de Isidoro de Sevilha, que aponta o caprino como um animal lascivo, impudico e ansioso sempre de copular. Ainda na citada obra, curiosamente Isidoro afirma que o membro fálico do animal é tão ardente que o seu sangue é capaz de dissolver o diamante.

Figura 12 - bode expiatório e bode Azazel. Enquanto o bode expiatório era sacrificado, o bode emissário era enviado vivo para o deserto, para Azazel.



Fonte: <http://santuariocerimonias.blogspot.com.br/2011/05/o-bode-emissario.html>

Por encarnar características de uma libido desenfreada, o bode na antiguidade era utilizado como símbolo de fertilidade e procriação estando ligado aos festivais de Dionísio (Grécia) ou Baco (Roma). Nos bacanais, festa em honra a Baco, deus do vinho, um bode era sacrificado em sua honra e cantavam-se as *tragodiai* ou canções caprinas. Varandas (2006, p. 97) é quem novamente nos informa sobre o fato de crer-se que esses rituais dramáticos deram origem às tragédias, haja vista que aos melhores atores do teatro grego, assim como aos atletas, era costume se presentear com um bode ou uma cabra (*trago* em grego) como prêmio pela performance apresentada, por isso eram apelidados de *tragodos*. Já nos cultos a Dionísio, além dos ritos de fertilidade, buscava-se também a

purificação da comunidade que, deixando de fora toda inibição, liberava os desejos mais elementares despedaçando o bode que representava Dionísio, devorando-o cru.

Igualmente vale salientar a imagem do deus Pã e dos sátiros, que, por suas características físicas, também estão associados ao bode. Sobre os sátiros, são muitas as referências antigas de que, assim como os bodes, possuíam a libido constantemente aflorada, não sendo poucas às vezes em que são retratados com os membros eretos.

Figura 13 – Pã. Era o deus dos bosques, dos campos, dos rebanhos e dos pastores na mitologia grega. Residia em grutas e vagava pelos vales e pelas montanhas, caçando ou dançando com as ninfas.



Fonte: http://4.bp.blogspot.com/_Li_N1AoCkCc/SgNMfh0UY8I/AAAAAAAAA BCc/IRDHWMueb0w/s400/o_diabo.jpg

Link (1998, p. 54 e 55) detalha como a imagem de Pã e dos sátiros acabaram sendo transferidas para o diabo:

Jerônimo chamou os sátiros e faunos de símbolos do Diabo, demônios lascivos, e quando Isaías descreveu a Babilônia em ruínas como um lugar onde dançavam “peludos” (*sair*, em hebraico), Jerônimo interpretou isso como uma referência aos sátiros (e sua concepção foi conservada na Bíblia do rei Jaime, 13, 19-21). “Peludo” ou “bode” também é correntemente traduzido como “diabos” em *Levítico* 17,7 e *II Crônicas* 11,15. Cinco características comuns do Diabo derivam do clássico Pã: chifres, cascos, orelhas, rabo e parte inferior do corpo peluda [...]. Imagine o que essas imagens significavam para as pessoas, alienadas da cultura clássica, que viam como ameaçadores os rabos pagãos. Bestial, lúbrico e inclassificável no esquema de mundo cristão (pois teria Deus criado tais criaturas?), Pã era um servo do Diabo, ou o Maligno disfarçado (aspas e parênteses do autor).

Da mesma maneira, Varandas (2006, p. 97), discorrendo sobre essa mesma associação afirma que a herança clássica da associação do caprino a Dionísio, Baco, Pã e os sátiros, deu uma imensa contribuição para incorporação da simbologia negativa entre Diabo e bode, tornando-a uma das formas preferidas para descrever o Demônio.

As representações do Diabo como possuindo chifres e/ou cascos, também estão ligadas a esta sua associação com o bode. Comentando esta relação, Nogueira (2000, p. 67) lembra a alusão Neotestamentária do bode como representação do mal. O autor assevera que

No novo Testamento, os bodes estão firmemente relacionados com o Mal e, na cena do Juízo Final, os bodes e os cordeiros – os maus e os bons – são separados, sendo os primeiros precipitados no Inferno. Por outro lado, o bode, assim como os demônios, era conhecido por sua devassidão e mau cheiro, e na consciência popular, sua belicosidade e os prejuízos que causava a campos e colheitas aumentavam as suas possibilidades de ligação com o furioso e destrutivo Inimigo.

Na literatura de cordel a figura do bode está associada ou a aparições do Diabo, ou ao castigo de pessoas que se transmutavam no animal por terem uma conduta não condizente com os padrões morais aceitos pela sociedade. Este é o caso de *O rapaz que virou bode no estado do Paraná*, publicado por José da Costa Leite¹² sob o pseudônimo de Renato H., que conta a história de um jovem que é transformado em bode por haver profanado Nossa Senhora e torna-se instrumento de castigo para os praticantes de todo tipo de pecado:

Então deitou-se na rede
 E foi dormir sossegado
 A meia noite acordou-se
 Já em bode transformado
 Deu uma agonia nele
 E até a rede dele
 O chifre havia furado.
 O bode vive perseguindo
 Sujeito mexeriqueiro
 Mulher falsa ao marido
 Sedutor e cachaceiro
 E aonde tem um chifrudo
 Que se conforma com tudo
 Ele faz um paradeiro.
 (s/d.)

A ligação do bode com o mal pode explicar o fato de os detratores do ditador Rafael Trujillo, que governou com mão de ferro a República Dominicana de 1930 a 1961 o chamarem de “O Bode”. Mario Vargas Llosa escreveu o livro *A Festa do Bode*, enfocando o assassinato de Trujillo. O título da obra faz alusão a uma comemoração popular disseminada em diversos países hispano-americanos na qual o prato principal é justamente a carne do caprino.

Diante destas argumentações, podemos confirmar que a figura do bode é também amplamente utilizada tanto como representação do mal, quanto como descrição física do Diabo.

¹² Reconhecido como Patrimônio Vivo da Cultura de Pernambuco, José Costa Leite vive do cordel e da xilogravura desde os anos 40. Em 1960 iniciou a publicação de um almanaque popular. Todas as suas publicações recebem o selo “A voz da poesia nordestina, de José Costa Leite”. Em alguns títulos usa os pseudônimos H. Renato, H. Romeu, João Parafuso, Seu Mané do Talo Dentro e Nabo Seco.

2.4 O Diabo como Cão

Não obstante o adágio popular de que o cão é o melhor amigo do homem, a imagem deste animal é outra que se encontra continuamente associada ao Demônio. Segundo Nogueira (2000, p. 68 e 69)

O Diabo assume outras e variadíssimas formas animais [...]. Mas a sua aparição como um cão, e um cão preto – a cor denunciando a presença demoníaca – ocupa o segundo lugar de preferência dos relatos. Leão, bispo de Chipre, conta que o diabo saiu de um possesso sob a forma de um cão preto [...]. Collin de Plancy, em seu Dicionário infernal, conta que, ainda no século XIX, nos Países Baixos, era comum expulsar os cães das igrejas e inscrever à porta da casa do Senhor: “Os cães, fora do templo do Deus”.

Figura 14 – Cérbero. Na mitologia grega Cérbero era um monstruoso cão de múltiplas cabeças que guardava a entrada do Hades, o reino subterrâneo dos mortos, deixando as almas entrarem, mas jamais saírem e despedaçando os mortais que por lá se aventurassem.



Fonte: <http://mitologia.huum.com.br/files/2012/09/C%C3%A9rbero-3D.jpg>

O autor lembra ainda a tradição de Córboro (sic) (ou Cérbero), o cão guardião dos infernos, para relacionar esta imagem às tradições que remontam ao paganismo antigo.

Vale aqui lembrar o que menciona o capítulo vinte e dois do *Apocalipse*, cujo contexto é a apresentação da morada dos salvos, a Jerusalém celestial e todo seu esplendor. O versículo 15 é emblemático ao afirmar que “ficarão de fora os cães”.

Assim como o bode, na linguagem popular o cão também conserva este laço com o aspecto negativo. São comuns as expressões “mundo cão, vida de cão”, etc. Não podemos, ainda, esquecer que a palavra “Cão” é um dos muitos nomes que Riobaldo se utiliza para denominar o Diabo em *Grande Sertão: Veredas*.

Sir Arthur Conan Doyle, em *O Cão dos Bakersville*, foi outro autor que soube explorar com talento a ligação que popularmente é feita entre o cão e o Diabo.

Na literatura é emblemático o encontro narrado por Goethe entre o doutor Fausto e Mefistófeles, no qual o demônio se manifesta na forma de um cão preto antes de assumir sua forma real.

Mais uma vez, teologia e literatura são concordes na utilização também do cão como símbolo do mal, e, a segunda o utiliza também para retratar fisicamente o Diabo.

2.5 O Diabo como Macaco de Deus

Foi Tertuliano (160-220 d.C.) o primeiro a utilizar-se do termo *Simia Dei* (macaco de Deus), para o Diabo. Esta alcunha deve-se ao fato de o macaco ser, aos olhos humanos, o animal que possui índole voltada para a imitação. Como o Diabo vive tentando imitar a Deus, eis a razão da associação. Acerca desta imitação Gaule apud Clark (2006, p. 123), nos esclarece que “Ele era o macaco de Deus, alguém que procura imitá-lo, mas com modos contrários”, ou seja esta imitação dá-se através da ironia. Assim, para a maioria dos rituais e sacramentos cristãos, o Diabo tem o seu contrário. Para o antagonizar o cristianismo o Diabo criou a bruxaria ou o satanismo para a missa o sabá das bruxas para os milagres a magia para as profecias as adivinhações, etc. A ironia do Diabo, no entanto, acontece de forma hiperbólica de maneira que os contrários se dão de forma exagerada.

O sabá tem sua origem em diversos rituais pagãos, tais como experiências sexuais das coletividades tântricas, festas dionisíacas, iniciações pitagóricas, gnósticas, etc. Conforme Cousté (1996 p. 96)

A partir da queda do Império Romano do Ocidente (em 476 d.C.), o sabá tornou-se silvícola e agreste, renunciou às cidades e suas imediações: já não voltaria a sair da profundidade dos montes europeus senão cerca de oito séculos depois, convertido na caricatura de si mesmo.

Figura 15 - Diabo-Macaco. Por imitar os humanos, o macaco foi associado ao Diabo que, por não ter conseguido tomar o lugar de Deus, procura imitá-lo.



Fonte: <https://encrypted.tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSpiXeSIIyOYr86jujm5Eq6VTzFwpzQOt6dC19QMfOokbcisK0-A>

Citamos a seguir alguns aspectos do sabá que seriam as ironias de ritos judaico-cristãos:

- Assim como a missa católica o sabá possui uma hóstia, porém é negra.
- Os iniciados recebiam uma marca em alguma parte do corpo, e passavam um unguento mágico em todo o corpo, o que pode ser uma alusão à circuncisão judaica e ao batismo cristão.
- O próprio nome de origem hebraica, Sabá, e o fato de as cerimônias acontecerem, geralmente na sexta-feira à noite¹³ devem ser referência ao sábado, o dia de descanso estabelecido por Deus na criação.
- Os fiéis são aspergidos pela urina do Diabo que é depositada em um buraco no chão. É a água benta do Diabo.

Duas amostras da imitação irônica do diabo na literatura são encontradas no grande autor Machado de Assis, nos seus contos *A igreja do Diabo* e *O sermão do Diabo*. No primeiro Satanás propõe-se a fundar uma igreja semelhante à de Deus, porém como sua mais emblemática negação. As virtudes passaram a ser consideradas defeitos e vice-versa:

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Iliada* (ASSIS, 2007, p.186 e 187)

O segundo poderíamos chamar de “Sermão do Monte às Avestas” por se tratar de uma paródia daquele pregado por Jesus, no Monte das Oliveiras, do qual transcrevemos o seguinte fragmento: “13º Ouvistes que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros. Pois eu digo-vos: Comei-vos uns aos outros; melhor é comer que ser comido; o lombo alheio é muito mais nutritivo que o próprio” (ASSIS, 2002, p.176).

Ambos os contos nos rendem bons exemplos de como o Diabo é apresentado como o macaco de Deus na literatura.

¹³ A cultura judaica costuma contar o sábado do pôr do sol de sexta-feira ao pôr do sol de sábado, conforme Levítico 23:32. Assim a noite de sexta-feira já faria parte do sábado.

Outra forma, todavia diferente da ironia, na utilização do macaco como símbolo do mal pode ser encontrado no episódio da obra de Carl S. Lewis, *A Última Batalha*, que é o sétimo e último episódio de sua famosa série, *As Crônicas de Nárnia*. Diversamente da ironia presente em outras obras, o enredo deste livro, assim como todos os outros da série, é uma parábola dos principais fatos da história do mundo de acordo com a cosmovisão cristã. A história é sobre o macaco Manhoso que encontra a pele de um leão e convence o burro Confuso a vesti-la e se passar por Ashlan proclamando que Manhoso era o seu porta voz. Os enganos do macaco acabam provocando acontecimentos que levam ao verdadeiro retorno de Ashlan, à destruição de Nárnia, seguida da trasladação dos habitantes justos e virtuosos de Nárnia para a Verdadeira Nárnia.

Não é difícil associar a narrativa com o fim do mundo e o juízo final. O macaco seria o Anticristo, personagem que, para alguns, vem a ser o próprio diabo.

2.6 O Diabo como Monstros Diversos

Outra manifestação da imagética diabólica que vale ressaltar é aquela presente na forma de monstros, no plural, pois as formas utilizadas para retratar o Diabo são de uma multiplicidade impressionante. Uma mais horrenda que a outra. Papini bem descreve algumas formas desta monstruosidade quando menciona que

O que haja sido o Diabo nas fantasias e nas pinturas da Idade Média, e ainda em pleno Renascimento até ao século XVII, sabemo-lo muito bem. Um monstro bestial, hirsuto e disforme, com os olhos de fogo e rangendo os dentes, quase sempre nu, provido de cornos e de longa cauda, com patas de caprídeo ou de equídeo, e que espalhava em redor de si fedores fecais ou acridões sulfúreas. (PAPINI s.d., p. 220).

Cousté discorre sobre o aspecto físico do Diabo e esta tendência de caracterizá-lo de forma medonha, que de acordo com o autor cristalizou-se na Idade Média. Explica ele:

O Diabo sofreu um processo de degradação física que deve ser atribuída principalmente à imaginação popular. O deslumbrante ser de que nos fala a Bíblia adquiriu, aos olhos do povo, características físicas em correspondência com a sua moral depravada: se ele é corrupto, mentiroso, inimigo de Deus e dos homens, perjuro, sacrílego, violador, maligno no mais alto grau, deverá *necessariamente* ser horrendo, disforme e repulsivo como nenhuma outra criatura. (1996, p. 32, *itálico do autor*).

Ideia semelhante expressa Link (1998, p. 31) ao afirmar que “somente a feiura de Satã estiveram presentes na mente dos crentes, pensadores, escritores e artistas durante mais de mil anos”.

Figura 16 - Diabo rebatizando um bruxo. Assim como, segundo o cristianismo, a entrada no reino de Deus dá-se através do batismo, acreditava-se que o Diabo, por imitação, também batizava aqueles que se determinavam a servi-lo.



Fonte: <http://desmanipulador.blogspot.com.br/2012/10/o-que-e-o-o-diabo.html>

Durante a Idade Média, o Diabo perdeu sua condição de anjo caído na mente humana e adquiriu aspecto bizarro e animalesco. Era

necessário apresentar o mal em posição de inferioridade. A esse respeito, Nogueira (2000, p. 42 e 44) assevera que nesta época os religiosos

esgotam-se com debates exaustivos sobre o Diabo, que ocupa as suas consciências de modo muito mais presente que as indagações sobre Cristo e seu Pai [...].

Todos os acontecimentos para os quais não havia explicação eram preferencialmente atribuídos a eles (os demônios). Não causa surpresa que esta coletividade cristã vá se tornar, poucos séculos mais tarde, terrível e furiosa. (parênteses nossos).

Em sua obra *História do medo no Ocidente* (2009, p. 367), Jean Delumeau, no entanto, afirma que “foi no começo da idade Moderna e não na Idade Média que o inferno, seus habitantes e seus sequeiros mais monopolizaram a imaginação do homem no Ocidente”.

Seja na Idade Média ou na Idade Moderna, podemos identificar o surgimento e consolidação de ideias absurdamente fantásticas sobre o diabo, algumas das quais citamos a seguir:

- Os íncubos e súcubos, demônios machos e fêmeas, mantém relações sexuais com os seres humanos;
- Os demônios têm a capacidade de animar corpos;
- O diabo é onipresente, assim como Deus;
- É dotado de chifres, três cabeças e garras de ave de rapina;
- Possui uma segunda face no abdômen ou no traseiro.
- Possui cauda;
- Possui pés de vaca, cavalo ou bode;
- Possui asa de morcego.

A explicação para esta multiplicidade de figuras monstruosas para se descrever o Diabo é que a igreja passou, neste período, a utilizar efusivamente o Demônio e o inferno, seu reino, como meio de dominação das massas. A respeito deste fato, Nogueira (2000, p. 77) esclarece que

O “horror diabólico” domina as consciências cristãs. Nas igrejas pregam-se as penas infernais.

A fantasia dos eclesiásticos deve chocar, provocar terror: lagos de enxofre, diabos armados de chicote, dragões, água e piche ferventes, fogo e gelo, infinitas torturas. [...] O Diabo causa terror e, através de sua figura e de sua ação no mundo, impõe-se um rígido código moral.

Ampliando ainda mais este pensamento o autor pondera acerca da consolidação da dicotomia Bem/Mal que acabou, por força dos ensinamentos dos eclesiásticos, a moldar o pensamento humano:

A afirmação da *boa religiosidade*, através de uma **Pedagogia do Medo**, consolidou no discurso teológico uma demonologia sistemática, levando os homens a uma trágica dicotomia ao nível mental, a um drama dualista, do qual não se podiam libertar, não podendo pensar no Bem sem pensar no Mal. O Mal precedia o Bem na **pedagogia eclesiástica**, sendo este, frequentemente, apenas intuído, pela necessária dissipação dos temores do mal e da danação eterna. (NOGUEIRA, 2000, p. 92, *itálicos do autor, negritos nossos*).

Concernente a esta dicotomia, de que fala nogueira, bem o sabemos que perdura até nossos dias.

Faz-se necessário lembrar que para esta dominação, a Igreja contou também com o apoio do Estado, desde os tempos em que o Cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano passando, posteriormente, com a queda deste para os reinos europeus. Poderíamos até conferir à confederação destes três poderes: Estado, Igreja e Diabo a alcunha de Trindade do Mal, pois assim como existe a doutrina da trindade que supõe que Deus seja a união de três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e que este Deus triuno é, em sua essência, o Bem, portanto, a Trindade do Bem. Em sua tentativa de assenhorear-se do ser humano, a igreja medieval, utilizando-se do poder do Estado e da figura do Diabo, criou também a sua trindade, a Trindade do Mal.

As considerações de Messadié (2001, p. 10) podem respaldar este pensamento, pois o autor afirma que

Desde o seu nascimento, o Cristianismo governou, por intermédio dos seus braços seculares, sobre o princípio da existência do Diabo e da sua presença em tudo o que não era conforme à vontade conjugada do rei e do Papa. Dezenas de milhares de vidas foram sacrificadas na defesa desta concepção teocrática do Estado. Só a Revolução Francesa lhe pôs termo.

Figura 17 – O Diabo no inferno. A crença do Diabo como senhor do inferno e responsável por infligir as mais cruéis torturas àqueles que viveram um padrão de comportamento diferente do apregoadado pela igreja foi amplamente utilizada para dominar as mentes das populações ocidentais por séculos.



Fonte: <http://desmanipulador.blogspot.com.br/2012/10/o-que-e-o-o-diabo.html>

Com poucas variações esta realidade ultrapassou as eras posteriores influenciando as produções literárias, entre outras, a já citada *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, passando pelo Renascimento e chegando até nossos dias.

Assim, a segunda face que podemos construir para o diabo é fragmentada, pois nos é necessário compô-la como um quebra-cabeça

composto de muitas peças das quais identificamos as principais: dragão, serpente, bode, macaco, cão e monstro. A face de besta do diabo é, pois uma face zoomórfica, uma aberração digna das mais apavorantes narrativas ou filmes de terror e, por que não dizer, sua maior inspiradora, haja vista ser anterior ao surgimento do cinema.

Capítulo III

A face humana do Diabo: transmutação à imagem e semelhança da humanidade

"Quanta injustiça e quanta maldade não fazemos por hábito!"

Terêncio

Outra das formas de apresentação do Diabo que é importante mencionar pelo grande número de registros existentes é a forma humana. Para Delumeau (2009, p. 368 e 369) o aspecto humanizado do diabo é anterior ao século XIX, pois segundo o autor

Na segunda metade do século XVI e começo do século XVII, [...] coexistiram duas representações diferentes de Satã: uma popular e outra elitista. [...] O diabo popular pode ser também um personagem familiar, humano, muito menos temível do que assegura a igreja e isso é tão verdade que se chega bem facilmente a enganá-lo. Assim ele aparece em inúmeros contos campestres.

A presente pesquisa observou que, sob a forma humana, o Diabo apresenta-se tanto como homem, quanto como mulher. Esses dois aspectos da apresentação da face humana do Diabo serão abordados a seguir.

3.1 O Diabo é homem

A primeira forma humanizada do Diabo que apresentaremos é a de homem. A este respeito Papini (s.d., p. 220 e 221) declara que

no século XIX tudo mudou. O Diabo deixou de aparecer como o horrendo animalejo medieval e nem é já sequer uma criatura que conserva traços de sua origem sobre-humana. Transforma-se, desbestifica-se, toma forma e figura de homem, de um homem um pouco singular, um pouco excêntrico, um pouco enigmático, mas que, no

entanto, não se distingue demasiado de nossa espécie [...]. Não já anjo e não já besta, mas quase sempre um homem mais ou menos bem vestido, que pode ser tomado, numa primeira impressão, por um dos tantos homens estranhos que giram e em quem se topa nas nossas cidades.

Figura 18 - Diabo Homem. Em fins do século XIX e início do XX o Diabo passou a ser retratado com aparência humana.



Fonte: <http://blogs.estadao.com.br/estantedeletrinhas/files/2012/06/Gato-e-diabo.jpg>

Discorrendo sobre o fato de já encontrarmos na Idade Média relatos que mencionam o aparecimento do Diabo na forma de homem, o mesmo autor ainda assevera que

Não é verdade que a Idade Média – a santa e profunda Idade Média – visse no Diabo tão somente o feroz monstro obscuro, peludo e de unhas em riste. Muitas vezes, especialmente na literatura, o Anjo abatido apresenta-se como uma criatura polida e benigna, como um gentil-homem que conhece a arte de fazer a corte às damas e aos varões. Mostra, quando quer, ser um hábil conviva, um adúlador obstinado. (PAPINI, s/d. p. 224 e 225).

Em suas ponderações sobre os retratos modernos do Diabo, o autor menciona Adalberto Von Chamisso, para quem “seu traço distintivo essencial é a magreza” (PAPINI, s.d., p. 221). O autor também faz a afirmação de que a mais completa e detalhada descrição feita do diabo sob a forma humana é aquela elaborada por Dostoiévski em sua obra *Irmãos Karamazov*. A descrição, bastante interessante, de que fala Papini pode ser encontrada no capítulo IX do livro do autor russo:

Era um senhor qualquer ou, melhor dizendo, um tipo conhecido de *gentleman* russo, de idade avançada, *qui frisait La cinquantaine*, como dizem os franceses, com um tom grisalho não muito pronunciado no cabelo escuro, bastante longo e ainda basto e no cavanhaque aparado. Vestia um paletó marrom, evidentemente feito pelo melhor alfaiate, porém já gasto, com um corte de mais ou menos dois anos antes e já totalmente fora da moda, de sorte que as pessoas bem-postas na sociedade não usavam semelhante vestuário fazia já dois anos. A camisa, a gravata comprida em forma de cachecol, tudo era como usavam todos os gentlemen elegantes, mas a camisa, caso se reparasse de mais perto, estava meio suja e o cachecol largo muito surrado. As calças xadrez do visitante lhe caíam magnificamente, mas também eram, claras demais e decerto muito justas, como já não se usam hoje em dia, o mesmo acontecendo com o macio chapéu de feltro que o visitante trazia e que estava totalmente fora da estação. Em suma, tinha boa aparência e minguados recursos nos bolsos. [...]

Ele não usava relógio, mas estava com um lornhão de tartaruga preso a uma fita preta. No dedo médio da mão direita brilhava num anel de ouro maciço, uma opala barata (p. 822 e 823)

Podemos traçar algumas características deste Diabo humanizado de Dostoevski. A primeira é sua aparência física. Este Diabo não goza da flor da juventude, mas parece ser já um homem de meia idade. Teria a ação do tempo, mesmo que de forma mais lenta daquela que age sobre os mortais, envelhecido a Satã? A segunda característica é o aspecto de sua indumentária fora de moda com roupas desgastadas e sujas. Esta aparência esteticamente desleixada bem poderia significar que o Diabo, ao se apartar de Deus tornou-se impossibilitado de atingir a perfeição. Outra conjectura que poderíamos fazer é que as roupas modestas e o anel de pouco preço evidenciam o quanto as coisas que o Diabo tem a oferecer são de valor inferior, se comparadas àquelas oferecidas pela religião.

Papini também se aventurou a descrever a aparência do Diabo em seu conto *Il Demonio mi disse*, de 1904, citado por ele mesmo em seu livro *O Diabo: apontamentos para uma futura diabolologia*:

O Demónio (sic), ao menos como até agora me apareceu, é uma figura que sai do ordinário. É alto e muito pálido: é ainda bastante jovem, mas daquela juventude que já viveu demais e que é mais soturna que a velhice. A sua face alvíssima e alongada nada tem de particular senão a boca subtil, apertada e cerrada, de uma ruga única e profundíssima que se ergue perpendicularmente entre as sobrancelhas e se perde quase na raiz dos cabelos. Nunca percebi bem de que cor são os seus olhos, porque nunca pude olhá-lo mais que um instante, e tão-pouco (sic) sei a cor de seus cabelos porque um grande gorro de seda, que ele nunca abandona, os esconde por completo. Ele traja decentemente de preto e suas mãos estão sempre rigorosamente enluvadas (s/d., p. 222)

Na continuação de seu raciocínio sobre esta mudança da aparência do diabo, Papini (s.d., p. 224) conclui que Satanás “fez-se homem, à imagem e semelhança do homem”. Sobre esta declaração do

autor podemos relembrar da característica plagiadora do macaco de Deus. Se Deus assumiu a forma humana na encarnação de Cristo, então o Diabo também a assume na forma de imitação.

Na literatura brasileira são muitos os textos que apresentam o Diabo com aparência humana. Uma significativa amostra é *Toca a Pauta*, conto originário da Paraíba e incluído na obra *Contos Tradicionais do Brasil*, de Câmara Cascudo (1986, p. 273 - 276). Neste conto o Diabo aparece a um pescador conhecido como mestre Narciso que todas as noites lhe transporta, de carona, em seu barco deleitando-se da música que o mesmo tirava de um violão que possuía somente quatro cordas. O que chama a atenção é a aparência do Diabo: um moço loiro de olhos azuis. Além de belo tinha ainda a virtude da paciência, pois quando o barqueiro se atrasava, o rapaz o esperava no mesmo lugar, cansado, mas paciente e com “cara boa e alegre”.

Percebemos que as aparições do Diabo como homem são bem mais numerosas do que inicialmente se supunha. Mesmo que se encontre exemplos de figurações humanas do Diabo já no século XVI, conforme apregoa Delumeau e citamos no início deste capítulo, esta tendência tem mostrado ser mais forte nos séculos XIX e XX.

3.2 O Diabo é Mulher

Mas teríamos algum registro de aparições ou representações do Diabo na forma feminina? A resposta é um categórico sim. Basta recordar a antiga crença acerca de Lilith. Sobre este enigmático ser Papini declara que

Os antigos Hebreus, talvez na esperança de fazer perdoar mais facilmente a Eva e seu pecado, contaram que antes dela Adão tivera uma outra esposa, Lilith. Esta gerou muitos filhos a Adão, mas em certo momento abandonou-o e juntou-se ao demônio (sic) Samael – a qual foi assim o primeiro demônio-mulher da História humana. (s/d. p. 133).

Esta história apresenta algumas incoerências. Primeiramente, se a primeira esposa de Adão, Lilith, o tivesse abandonado para juntar-se a um demônio, seria ela e não Eva a introdutora do pecado no mundo e o grande tentador seria Samael, e não

Lúcifer. Em segundo lugar, teríamos que admitir o fato de que, se um ser humano se juntar a um demônio se tornará também demônio.

Figura 19 - Imagem assiro-babilônica de Lilith, personagem que teria sido, de acordo com a versão escolhida, ou a primeira esposa de Adão, ou a própria serpente que tentou Eva. Poderia Já ser um demônio, ou teria se tornado um demônio feminino ao manter relações sexuais com o demônio Samael.



Fonte: <http://otherworldmystery.com/wp-content/uploads/2010/12/lilith-owls-lions-claws.jpg>

Cousté (1996, p. 42 - 44) dá maiores detalhes sobre Lilith. O autor cita tradições islâmicas que afirmam que a primeira cópula humana deu-se somente fora do Paraíso, após a qual Adão foi repreendido pelo próprio Satã que o enganou na forma de um anjo ordenando-lhe que permanecesse determinado tempo nas águas do rio

Geon somente com as narinas de fora. Enquanto isso, o tentador foi até Eva e a seduziu. Já Adão foi seduzido por Lilith, a encarnação primordial do diabo feminino. Assim, o Diabo conviveu na companhia de Adão na forma irresistível de Lilith por 130 anos. Os descendentes do adultério de Adão com Lilith seriam os filhos de Deus, ou anjos, do relato de Gênesis 6: 1 - 4, que possuíram as filhas dos homens cujos descendentes foram valentes e gigantes da Antiguidade:

Como se foram multiplicando os homens na terra, e lhes nasceram filhas, vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram.

Então, disse o Senhor: O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal; e os seus dias serão cento e vinte anos.

Ora, naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade.

Valeria Fabrizi Pires, em sua obra *Lilith e Eva*, abordando o papel da mulher na sociedade contemporânea bem como o seu sofrimento decorrente de medos, inseguranças e fragilidades milenares causados por séculos de repressão, cita Colonna, que faz uma descrição minuciosa deste misterioso ser:

O nome Lilith deriva de *Lilitu*, dos assírio-babilônicos. Esse demônio feminino, ou espírito do vento é retratado por esse povo como uma figura teriomórfica em pé, com os braços semi-abertos em ato de prece, as mãos abertas e os dedos unidos. Sua face é redonda, os olhos são grandes e o nariz reto. Tem um vago sorriso, impenetrável, severo, poderoso e inefável. Seu cabelo é formado por quatro serpentes em um círculo, que unidas pela cabeça e pela cauda, formam uma espécie de elmo em forma cônica, típica dos toucadores assírio-babilônicos. A cabeça das serpentes fica voltada para cima, símbolo da *kundalini* emergindo completamente,

assemelhando-se à Medusa. Essas serpentes também simbolizam a invasão da zona superior pelas forças inferiores. Os cabelos da deusa representam as forças energéticas. Suas asas descem dos ombros formando um leque e seus seios são amplos, como que para a função materna.

O corpo de Lilith é robusto, e sensual perto da pélvis, mas suas pernas afinam sensivelmente nos joelhos. (2008, p. 36 e 37)

A autora faz, ainda, um apanhado de vários relatos do mito de Lilith, afirmando que o mesmo “está presente nas mitologias sumeriana, babilônica, assíria, cananéia, hebraica, árabe, persa e teutônica, mas é rejeitada pela religião tradicional e patriarcal”(PIRES, 2008, p. 39).

Para Koltuv (apud PIRES, 2008, p. 40 e 41), tanto as versões hebraicas quanto aramaicas do *Alpha Betha*, de Ben Sirá (séculos VI e VII), Deus teria criado Lilith da mesma forma que criou Adão, porém não do pó da terra, mas da sujeira e impurezas (não explica, no entanto de onde vieram a sujeira e impurezas num mundo perfeito e puro, do qual o Criador exclamou que era muito bom). Por ser constituída de uma matéria inferior, Lilith deveria se submeter a Adão, mas se recusou a permanecer debaixo de Adão durante a cópula por considerar-se igual a ele e se rebelou contra Adão e contra Deus, aliando-se ao Diabo. Seria este então o motivo da expressão de Adão ao ser apresentado a Eva que, diferentemente de Lilith, era, afinal, “osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gênesis 2: 23).

Outras tradições dizem que Lilith era a serpente que seduziu Eva, ou que teria incentivado Eva a manter relações com a serpente, assim como Lilith fazia, no que poderíamos presumir o primeiro *ménage à trois* da mitologia.

Sobre a prole gerada por Adão e Lilith, Cousté (1996, p. 44) cita Lactâncio¹⁴, segundo ele, “digno servidor de Deus de fins do século III”,

¹⁴ Lúcio Cecílio [ou Célio] Firmino [ou Firmiano] Lactâncio: filósofo apologista cristão e patrístico do período imediatamente pré-nissênic, reconhecido como o primeiro autor latino que tentou uma sistemática da fé cristã, com ação no Oriente e em Tréveris. Escreveu livros apoloéticos explicando o cristianismo em termos que eram compreensíveis para leitores pagãos, enquanto defendia a nova religião contra idéias de filósofos pagãos. Seu *Divinae institutiones* (303-311) foi um exemplo de apresentação sistemática do seu pensamento cristão.

para quem a união permitiu o surgimento dos íncubos e súcubos além de outros seres pertencentes ao que chama de estado intermediário da matéria. Seres mortais que não são humanos nem demônios e não possuem acesso nem ao céu, nem ao inferno. Eles possuem alma imortal e permanecerão no limbo após a morte, de onde se manifestam na forma de fantasmas, trasgos, silfos, duendes e similares.

Sobre outros demônios femininos, Erich Neumann (1991, p. 98 e 99) alude à figura da feiticeira Srinmo, demônio feminino da morte que domina a Roda da Vida tibetana. O Diabo também tentou a Sir Persival, cavaleiro da Távola Redonda na forma de uma donzela grega, uma clara referência ao paganismo, mas o herói, já enamorado, é salvo de consumir o pecado mortal ao ouvir a voz de Deus, vinda do céu como um trovão (NUNES, 1995, p.202).

O *Malleus Maleficarum*, dissertando sobre a razão de as mulheres serem, segundo os inquisidores, mais propensas à bruxaria que o homem, entre os muitos argumentos, destaca que

por natureza, as mulheres são mais impressionáveis e mais prontas a receber a influência de um espírito desencarnado; [...] possuem língua solta, e são incapazes de ocultar de seus semelhantes as coisas que conhecem das artes do mal e como são débeis, encontram uma maneira fácil e secreta de justificativa por meio da bruxaria. [...] Toda maldade é pouca coisa em comparação com a de uma mulher. E a isto pode se agregar que, como são muito impressionáveis, atuam em convivência. [...]

Mas como nestes tempos esta perfídia se encontra com mais frequência entre as mulheres do que entre os homens, como sabemos pela experiência, se alguém sentir curiosidade em ter razão, podemos agregar, ao que foi dito o seguinte: que como são mais débeis de mente e de corpo, não é de se estranhar que caíam em maior medida sob o feitiço da bruxaria.

Porque nos diz respeito ao intelecto, e à compreensão das coisas espirituais, elas parecem ser de natureza diferente dos homens, fato respaldado pela lógica das autoridades, e apoiado por diversos exemplos das Escrituras. (*Malleus Maleficarum*, 2007, p. 52).

Concernente a Eva, os autores desenvolveram um argumento para sua hipotética imperfeição, que para nós hoje soa como um preconceito inadmissível, afirmando:

E devemos apontar o defeito na formação da primeira mulher, que foi formada de uma costela curva, isto é, a costela do peito, que se encontra encurvada, por assim dizer, em direção contrária a do homem. E devido a este defeito é um animal imperfeito, sempre engana. (*Malleus Maleficarum*, 2007, p. 52).

Tais concepções contribuíram para fomentar a violência contra o gênero feminino neste período trágico da história da humanidade. Basta recordar das milhares de mulheres que foram torturadas e enviadas para a fogueira por esses e outros preceitos semelhantes. A misoginia dos clérigos e inquisidores da época parecia desconhecer limites.

Eduardo Galeano, ao refletir sobre a analogia da mulher com o mal, declara que

O papa Honório III sentenciara que o sacerdócio era coisa de machos: - As mulheres não devem falar. Seus lábios têm o estigma de Eva que provocou a perdição dos homens. Oito séculos depois, a Igreja Católica continua negando o púlpito às filhas de Eva. O mesmo pânico faz com que os mulçumanos fundamentalistas as mutilem o sexo e lhes cubram a cara. E o alívio pelo perigo conjurado leva os judeus mais ortodoxos a começar o dia sussurrando: "Graças Senhor, por não me ter feito mulher". (2005, p. 2) Júlio de Queirós em seu ensaio *A mulher na humanidade* (2012, s/p.) afirma que a demonização da mulher deu-se devido à luta pela supremacia do poder nas sociedades patriarcais. De acordo com o autor, nas sociedades primitivas, a mulher passou a ser responsável pela alimentação da comunidade, devido à sua associação com a fertilidade. Afirmar ele que:

Ser encarregado do fornecimento do alimento implica em ter autoridade no grupo a ser alimentado. Facilmente, esta autoridade extrapolou a tarefa alimentar e se estendeu a outras atividades essenciais do viver coletivo. Estava instalada a ginocracia – atribuição conquistada pela mulher de gerir e administrar a família, posteriormente, o clã e, depois, a tribo. (2012, s/p.).

Figura 20 - Vênus de Willendorf. Estatueta descoberta em 1908 no sítio arqueológico do paleolítico em Willendorf, na Áustria.



Fonte: http://bocarrotas.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html

Assim, o matriarcado teria sido a primeira forma de organização política da sociedade humana. Também a noção do sagrado teria sido inspirada pelos atributos femininos da fecundidade, dando origem ao culto da Deusa. Buscando uma explicação para os incontáveis achados arqueológicos de imagens de mulheres férteis, visto possuírem ventre e seios avolumados e vagina bem delineada, estudiosos lançaram a teoria, hoje amplamente aceita, de tratar-se de uma tentativa ritualística para

transferir a fertilidade da mulher para a terra, pois dela provinham os alimentos necessários à manutenção das comunidades primitivas. Sobre esta ideia Queirós pondera que

Inicialmente, as terras cultiváveis, depois de terem recebido a fecundidade transmitida pelo fac-símile da mulher, teve sua qualificação estendida a toda a terra e, reconhecida sua autofecundidade, passou a ser a grande Mãe Terra: para os gregos, Demeter. E, naturalmente, uma mulher deveria ser a representante da mãe telúrica. Até hoje, em todas as línguas “terra” é gramaticalmente do gênero feminino. O que progressivamente se transformou em uma religião baseada num panteão feminino representado terrenamente por sacerdotisas.

Agora, entronizada como deusa, vários atributos foram assegurados a essa Grande Mãe: não desaparecer; logo ser eterna; ser a supridora não apenas de alimentos e de acréscimos ao grupo familiar, mas ser senhora de todos os destinos. E, por fim, apesar de generosamente fértil por definição, passar por períodos de não-fertilidade, ainda assim não precisando de um fertilizador: ser virgem. Entretanto, terrível na sua grandiosidade, era também a implacável distribuidora da vida e causadora da morte. (2012, s/p.).

O autor ainda teoriza como teria se dado o processo pelo qual a figura masculina suplantou a feminina. Segundo ele

O macho havia descoberto a disputa bélica grupal, o apoderar-se dos bens dos mais fracos, matá-los ou fazê-los o equivalente de animais domésticos – escravos – e, por fim, um modo de disputar com a mulher a primazia no grupo familiar, mais tarde, no tribal e, por fim, no reino dos sonhos: surgiu a figura do deus pai, inicialmente o dominador de tudo e mais tarde, o criador de tudo. [...] lenta, mas inexoravelmente, o papel predominante do macho, como guerreiro, tomou a posição de o mais sábio e passou a ser o destacado no grupo, enquanto que a mulher, também inexoravelmente,

foi tendo sua posição no grupo diminuída, até que, no auge do novo sistema social – o patriarcal – todas as características femininas tornaram-se degradantes. (QUEIRÓS, 2012, s/p.).

Podemos verificar que, para Queirós, a força física do homem suplantou a fecundidade da mulher. Este predomínio masculino não se restringiu nas relações familiares e sociais, mas também teria se estendido à esfera do divino, mesmo porque este fato seria um dos aspectos mais importantes no processo de legitimação da predominância do macho sobre a fêmea. Com efeito, para J. M. Adosavio (apud QUEIRÓS, 2012, s.p.)

A Deusa foi rebaixada em divindades menores para uma coisa ou outra, como cereal ou fiação, todas agora dominadas por entidades masculinas, como o ultrajantemente machista Zeus e os homens assumiram as rédeas da economia, política, religião e do poder social nas comunidades urbanas emergentes. (QUEIRÓS, 2012, s/p.).

Assim, do *status* de divindade suprema, a figura feminina passou a ser aceita somente como divindade de segunda categoria responsável por aspectos mais ordinários da vida das comunidades. A título de exemplo podemos citar Ashnan, deusa suméria dos grãos e cereais, Aya, a Aurora, esposa do deus-sol babilônico Shamas, Belet-seri, a senhora dos espaços abertos (onde residem os espíritos) deusa mesopotâmica que faz os registros do mundo subterrâneo; Ishara, deusa do casamento e do parto, protetora de juramentos; Allatu, deusa babilônica da cópula, esposa de Nergal; entre outras. Mesmo quando aparece uma divindade feminina com atribuições mais importantes, ela está invariavelmente ligada a um consorte masculino como são os casos da egípcia Ísis, esposa de Osíris; da grega Hera, esposa de Zeus e da suméria Ninlil, esposa de Enlil, o mais poderoso dos deuses mesopotâmicos.

Com o passar do tempo, porém o *status* da figura feminina sofreu um maior declínio, pois

A mulher velha, ex-encarnação da provedora prudente, passou à caricata rabugenta e, culminou com a má fama de ocasionadora de males e

desgraças devido a sua familiaridade com o rival do Deus Pai, o Demônio. E devidamente julgada, incriminada e queimada em fogueiras públicas. (QUEIRÓS, 2012, s/p.).

Pode-se notar que a associação do mal com a mulher, sua identificação com o Diabo e a perdição é um tema que aparece em todas as épocas e está unido à dominação masculina nas sociedades patriarcais e suas derivadas. Desta forma, a imagem do Diabo, como personificação da maldade, da tentação e da condição de ser de natureza inferior, não poderia deixar de ser usada para legitimar bem como consolidar esta dominação. Este estigma lançado sobre a figura feminina perdurou através dos tempos e, assim como aconteceu no passado, tem causado, também em nossos dias, um grande número de abusos e violência contra as mulheres.

De acordo com pesquisa elaborada por Julio Jacobo Waiselfisz, coordenador da área estudos sobre a Violência da FLACSO¹⁵ Brasil, “nos 30 anos decorridos entre 1980 e 2010 foram assassinadas no país acima de 92 mil mulheres, 43,7 mil só na última década” (2012, p. 8). Ainda segundo o autor, a

utilização de objetos cortantes, penetrantes, contundentes, sufocação etc., são mais expressivos quando se trata de violência contra a mulher, o que pode ser indicativo de maior incidência de violência passional.

[...] Outra informação registrada na Declaração de Óbito é o local do incidente que originou as lesões que levaram à morte da vítima. Entre os homens, só 14,3% dos incidentes aconteceram na residência ou habitação. Já entre as mulheres, essa proporção eleva-se para 41%. (WASELFSZ, 2012, p. 10)

A tabela, apresentada por Waiselfisz (2012, p. 21) que sintetiza os diversos tipos de violências sofridas pelas mulheres atendidas pelo SUS em 2011 (tabela 1) é também bastante significativa mesmo

¹⁵ Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais

sabendo-se que podem ser indicadas mais de um tipo de violência para um mesmo atendimento:

Tabela 1 – Número de atendimentos segundo tipo de violência e faixa etária – Sexo feminino – Brasil/2011

Tipo	<1	1-4	5-9	10-14	15-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60 e +	Total
Física	654	839	1.140	3.306	6.802	14.035	10.840	5.647	2.497	1.616	47.386
Psicológica	252	620	1.229	2.368	2.626	5.635	4.789	2.572	1.174	997	22.265
Sexual	177	1.335	2.027	4.105	2.125	1.651	891	472	194	117	13.096
Autoprovocada	0	0	0	740	1.753	2.619	2.121	1.287	554	207	9.281
Neglig/abandono	1.011	1.471	733	766	541	216	134	73	94	832	5.875
Tortura	30	44	116	242	360	687	518	240	100	90	2.427
Econômica	22	20	25	73	99	291	303	194	122	308	1.457
Interv. Legal	5	12	12	30	24	25	24	23	9	10	174
Trabalho Infantil	4	9	24	74	26	9	4	7	1	2	160
Trafico seres hum.	2	3	3	16	9	12	14	5	4	5	73
Outras	85	114	56	349	845	1.268	1.044	717	278	164	4.920
Total*	2.242	4.467	5.365	12.069	15.210	26.448	20.682	#####	5.027	4.348	107.114

Fonte: Waiselfisz (2012, p. 21)

É necessário ainda enfatizar que estes dados são apenas alusivos à realidade brasileira. O que dizer das sociedades onde a mulher ainda é considerada oficialmente inferior ao homem como a islâmica e outras?

A associação da mulher com o mal, o Diabo e a perdição teria, através dos séculos, moldado o pensamento humano fazendo com que a dominação da mulher pelo homem, quase sempre através de violência, se tornasse uma constante? Se sim, faz-se necessário a implementação urgente de mais estratégias para quebrar esta tendência.

3.3 O Diabo São os Outros... O Diabo Somos Nós

Não foi somente como ferramenta de dominação da mulher que o Diabo foi empregado. Sua figura foi amplamente utilizada como arma política para a dominação das massas. De fato o Diabo se tornou um poderoso aliado dos poderosos. Pois ao longo da história, se evidencia que

O poder real teve então necessidade do Diabo para aterrorizar os seus inimigos e justificar suas cobranças, e o Papa ofereceu-lhe então suas bulas para o satisfazer. A nível elevado onde se tomam as decisões, o Diabo é uma ficção de propaganda que não serve senão para justificar os desígnios tenebrosos ou francamente crápulas dos príncipes. Se alguma vez reis ou papa tivessem acreditado verdadeiramente no Diabo, ele teria, para começar, ficado assustado pela sua própria infâmia. O Diabo era um espantalho para uso da plebe e, paradoxo amargo, a ficção deste Príncipe do Mundo servia, com efeito, para conquistar o mundo. Como na Mesopotâmia e no Irã, a religião era um instrumento do poder político. O Papado, há que recordá-lo, era então também um poder temporal.

Ora, este poder é exercido tanto mais facilmente quando o povo é mantido num estado de ignorância, logo, de superstição e de irracionalidade. (MESSADIÉ, 2001, p. 351).

Refletindo sobre este tema, Eduardo Galeano em seu ensaio *Os Demônios do Demônio*, coloca além da mulher, outros grupos que já foram associados ao arquinimigo de Deus sendo, por vezes alçados à categoria não somente de seus representantes, mas de sua própria encarnação: os muçulmanos, os judeus, os homossexuais, os índios, os negros, os estrangeiros e, por fim, os pobres. Todos com o estigma comum da marginalidade, da incompreensão e da opressão. Escolhidos como bodes expiatórios para serem imolados nos altares da cobiça, da dominação e da sede de poder dos autointitulados mensageiros de Deus, escolhidos para lutar contra os inimigos do Senhor, pois como bem proferiu Galeano (2005, p. 1): “que seria de Deus, afinal de contas, sem inimigos? [...] A experiência prova que a ameaça do inferno é sempre mais eficaz que a promessa do Céu. Benditos sejam os inimigos”.

Como afirmou Papini: “A todos agrada imensamente, cristãos e não cristãos, bater a *mea culpa* sobre o peito dos outros” (s/d. p. 234). Esta tendência de culpar o outro, transferindo a ele toda a carga semântica que a palavra “*Diabo*” carrega, atribuindo-lhe a culpa pelo mal ou dificuldade que o ser humano enfrenta, se cristalizou em todas as sociedades, bem como em todas as camadas sociais. Esta propensão traz

embutida em seu bojo a dificuldade de convivência que vai se tornar impossível quando o outro é demonizado.

Exemplos da demonização do outro não faltam. Nos tempos da Guerra Fria, em 1983, o presidente americano Ronald Reagan utilizou a alcunha de *Império do Mal* para se referir à União Soviética, na época a potência rival dos americanos. Em 2002, George W. Bush se referiu ao Irã, Coréia do Norte e Iraque como o *Eixo do Mal*. Uma clara referência ao *Eixo*, a aliança formada entre o Japão, a Itália fascista e a Alemanha nazista durante a segunda guerra mundial. O aiatolá iraniano Ruhollah Khomeini utilizava o nome de *Grande Satã* para se referir aos Estados Unidos, termo até hoje usado pelos fundamentalistas muçulmanos. Estes axiomas são lançados como se fossem conceitos universalmente verdadeiros, sem necessidade de comprovação, quando na realidade nada mais são do que simples expedientes ocultos de seus próprios interesses.

Além de sua utilidade política, pode-se observar que o Demônio não perdeu sua eficácia como instrumento da religião. É o caso, por exemplo, do Diabo sendo utilizado como garoto propaganda das igrejas neopentecostais da atualidade. Todas oferecendo seus serviços de exorcismo, tanto do corpo quanto da vida financeira dos fiéis em troca de seu dinheiro na forma de dízimos. E na guerra pela clientela chegam a lançar mão da ajuda do Demônio para atacar a concorrência, como foi amplamente divulgada pela mídia¹⁶ a troca de acusações entre Edir Macedo e Valdemiro Santiago, fundadores e líderes (praticamente proprietários) respectivamente das igrejas Universal do Reino de Deus e Mundial do poder de Deus.

Ponderando sobre a visão do Diabo por parte da Igreja Universal do Reino de Deus (I.U.RD.), Alfredo dos Santos Oliva lança a afirmação do mesmo estar presente na instituição mantendo algumas características do passado, a saber “semi-dualismo do cristianismo antigo, demonização do outro, como no período medieval, triunfante como tem acontecido desde a modernidade” (2007, p. 221), a estes aspectos, o autor acrescenta ainda a identificação do Diabo com o catolicismo romano e a umbanda, bem como ser o causador da miséria humana.

¹⁶ A este respeito ler o texto de Leonardo Coutinho *O diabo entra na briga entre Edir Macedo e Valdemiro*, publicado no site da Revista *Veja* em 24/03/2012. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/o-diabo-entra-na-briga-entre-edir-macedo-e-valdemiro>. Acessado em 11/11/2012.

Se o Demônio é o culpado por todas as desgraças, na realidade o ser humano não fica em nada devendo ao Diabo quando a questão é engendrar maldades. Citamos, a título de exemplificação, o Holocausto nazista. Na obra *Em nome de Deus*, Karen Armstrong faz uma interessante reflexão sobre esta grande mancha da história humana apresentando quão longe o ser humano pode ir quando o assunto é causar sofrimento alheio:

Entre 1914 e 1945, 70 milhões de pessoas sofreram morte violenta na Europa e na União Soviética. Algumas das piores atrocidades foram cometidas pelos alemães, que viviam numa das sociedades mais refinadas do continente. [...] O Holocausto revelou que o mesmo bairro que abrigava uma grande universidade podia abrigar também um campo de concentração. [...] Até então nenhuma sociedade sequer sonhara em implementar planos de extermínio tão ambiciosos. O Holocausto se tornaria um ícone do mal nos tempos modernos. [...] Os nazistas utilizaram em seu programa de extermínio muitas das ferramentas e das conquistas da era industrial. Os campos de concentração constituíram uma hedionda paródia da fábrica, incluindo até a chaminé industrial. Fizeram pleno uso das ferrovias, recorreram à avançada indústria química, contaram com uma burocracia e uma administração eficientes. O Holocausto foi um exemplo de planejamento científico e racional, em que tudo se subordina a um único objetivo. [...] O Holocausto mostrou, no mínimo, que uma ideologia secularizada podia ser tão mortífera quanto uma cruzada religiosa. [...] Os campos de extermínio pareciam uma reprodução estranhamente precisa das imagens do inferno que durante séculos assombraram os europeus. A tortura, as chibatadas, a zombaria, os corpos deformados e retorcidos, as chamas e o ar fétido remetiam ao inferno cristão retratado pelos poetas, pintores, escultores e dramaturgos europeus. Auschwitz era uma tenebrosa epifania. (ARMSTRONG, 2001, p. 230 - 231)

Figura 21 - Holocausto judeu. Lembrança perpétua das atrocidades que o ser humano é capaz de praticar contra seus próprios semelhantes.



Fonte: <http://hitlereoholocausto.blogspot.com.br/2009/10/o-significado-real-da-palavra.html>

Desafortunadamente o traslado acima não se constitui um caso isolado. Basta forçar um pouco a lembrança para nos vir à mente inúmeros casos de guerras insanas, terrorismo, genocídios, assassinatos, corrupção, abusos, torturas, maus tratos, injustiças, e um sem número de outros termos que se poderiam adicionar à lista de exemplos práticos da maldade humana.

Neste contexto são importantes as reflexões de Papini quando reflete sobre o quanto é cômodo acumular todas as nossas culpas sobre os ombros do Demônio. E, como constantemente os seres humanos se utilizam deste subterfúgio, devemos supor o quão largos são os seus ombros, bem como o quanto devem estar sobrecarregados. O autor ainda afirma que

O pecado satânico por excelência é a soberba, a presunção, a protérvia. E nós vemos hoje em dia homens que pretendem dar assento ao Universo com meia dúzia de conceitos e fórmulas; homens que proclamam ter conquistado, por meio das máquinas os atributos divinos; homens de escasso

entendimento e fraco ânimo que se arrogam o direito de dominar e guiar povos e nações e os conduzem com empáfia senil, à escravidão e ao extermínio; homens sem generosidade de afectos (sic) nem profundidade de ideias que se exibem como mestres de poesia, de filosofia, de política, de moral. Se o Diabo é orgulho, somos todos mais ou menos diabólicos. (s/d., p. 147)

A dimensão da maldade humana, porém, não se restringe a grandes momentos históricos ou a práticas de grande repercussão. No âmbito pessoal, no cotidiano, todos já presenciamos, ou mesmo praticamos ações conscienciosas que trouxeram sofrimento ou causaram danos a outrem.

Desta maneira, por diversas vezes o Diabo tem sido o outro quando lhe atribuímos a culpa por nossos problemas e desgraças. Mas o Diabo tem, também, muitas vezes sido nós mesmos, quando assumimos a função diabólica de causar sofrimento aos outros.

Encerramos este capítulo com a formação da terceira face do Diabo que, de acordo com os argumentos apresentados não poderia ser outra senão a própria face humana. Seja este rosto de homem ou de mulher, a terceira face do diabo representa a humanidade.

Capítulo IV

O Diabo tem três caras: as três faces do Diabo apresentadas em cinco contistas brasileiros contemporâneos

O contista explora no discurso ficcional uma hora intensa e aguda da percepção. Esta, acicatada pelo demônio da visão, não cessa de perscrutar situações narráveis na massa aparentemente amorfa do real. E, entre nós, o que tem achado?
(Alfredo Bosi)

Nos capítulos anteriores fizemos uma incursão pelo mundo da mitologia, da história, da teologia e da literatura para identificarmos as três maneiras principais como o Diabo foi retratado através dos tempos. Diante do que expusemos até o presente, concluímos que o aprofundamento do tema nos autoriza a propor que as três faces principais do diabo sejam a face de anjo, a face de besta e a face de homem.

A face de anjo fica evidenciada quando o Diabo é retrado, mencionado ou apresentado em sua imagem original, visto que o mesmo já foi um anjo de exaltada posição junto ao trono de Deus antes de tornar-se seu adversário.

A face de besta é ostentada quando o que se enfatiza no Diabo é a forma animalizada ou monstruosa que os escolásticos lhe atribuíram a fim de, entre outras funções, intimidar as massas inculcando-lhes o medo para que buscassem o refúgio nos braços da igreja.

Já a face humana do inimigo de Deus está presente em suas aparições disfarçado de ser humano, seja na forma masculina ou feminina.

Nos contos que analisaremos neste capítulo, procuraremos identificar com qual das faces ora propostas o Diabo é apresentado, sem deixar de levar em consideração o fato de o mesmo poder ser caracterizado com mais de um desses rostos.

Antes, porém, de iniciarmos as análises das obras que foram propostas no presente trabalho, faremos uma breve reflexão sobre este

gênero que já adquiriu grande importância na literatura brasileira: o conto.

4.1 Quem Conta um Conto...

Desde a Carta de Caminha muito papel e tinta foi utilizado para que pudéssemos usufruir de uma das literaturas mais fecundas e reconhecidas do mundo. Se durante muito tempo o Brasil carregou o estigma de um país pobre de leitores, essa realidade, felizmente parece estar mudando, pois na atualidade

É fácil constatar que se publica muito, que novos escritores e editoras surgem todos os dias e que comenta-se e consome-se literatura. Nas grandes cidades, novas livrarias partilham o mesmo espaço com outras formas de lazer, tornando o convívio com o livro mais sedutor. (RESENDE, 2008, p. 16).

Dentre essas produções cada vez mais numerosas, gostaríamos de destacar os livros de contos. Dificilmente, em um rápido olhar pelas vitrinas e estantes das principais livrarias, não encontremos títulos de obras de contos. Em uma pesquisa da palavra “conto” que realizamos, a ferramenta eletrônica de busca do *Google* encontrou aproximadamente 112 milhões de resultados.

Nádia Battella Gotlib em *Teoria do Conto* (2006, p. 6 - 7) traça um panorama do gênero mencionando obras e autores representativos desde o egípcio *Os contos dos mágicos* que devem ter aparecido por volta de 4000 a.C., até a chegada do árabe *As mil e uma noites* à Europa, no século XVIII. Ainda segundo a autora

No século XIV dá-se outra transição. Se o conto transmitido oralmente ganhara o registro escrito, agora vai afirmando a sua categoria estética. Os contos eróticos de Boccaccio, no seu *Decameron* (1350), são traduzidos para tantas outras línguas e rompem com o moralismo didático: o contador procura a elaboração artística sem perder, contudo, o tom da narrativa oral. E conserva o recurso das histórias de moldura: são todas unidas pelo fato de serem contadas por alguém a alguém. E os *Canterbury Tales* (1386), de Chaucer, são

contados numa estalagem por viajantes em peregrinação. Posteriormente, o século XVI mostra o *Héptameron* (1558), de Marguerite de Navarre. E no século XVII surgem as *Novelas ejemplares* (1613), de Cervantes. No fim do século surgem os registros de contos por Charles Perrault: *Histoires ou contes du temps passé*, com o subtítulo de “*Contes de ma mère Loye*”, conhecidos como *Contos da mãe Gansa*.

Se o século XVIII exibe um La Fontaine, exímio no contar fábulas, no século XIX o conto se desenvolve estimulado pelo apego à cultura medieval, pela pesquisa do popular e do folclórico, pela acentuada expansão da imprensa, que permite a publicação dos contos nas inúmeras revistas e jornais. Este é o momento de criação do conto moderno quando, ao lado de um Grimm que registra contos e inicia o seu estudo comparado, um Edgar Allan Poe se afirma enquanto contista e teórico do conto. (GOTLIB, 2006, p. 7).

É imediatamente após esta época, 1870, que Machado de Assis publica seu primeiro livro de contos, *Contos Fluminenses*, antes mesmo que seu primeiro romance, *Ressurreição*, de 1872.

Dissertando sobre a dificuldade de se explicar o conto, Júlio Cortázar em *Valise de Cronópio* (2006, p. 150 e 151) afirma que

um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. Só com imagens se pode transmitir essa alquimia secreta que explica a profunda ressonância que um grande conto tem em nós, e que explica também por que há tão poucos contos verdadeiramente grandes.

Tratando da verossimilhança do conto, é Gotlib quem nos lembra que, neste tipo de texto, embora possam existir tentativas de se registrar com mais fidelidade a realidade, o mesmo

não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos [...] não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo. (2006, p. 12)

O conto tem por característica ser uma narrativa curta. Um texto em prosa que expressa sua mensagem em uma abreviada quantia de páginas, ou mesmo linhas com concisão e brevidade. No conto é necessário produzir no leitor um efeito impactante que pode ser resultado de fatores como a natureza inusitada daquilo que foi contado, o semblante inesperado do episódio ou a maneira como o mesmo foi contado. A brevidade da narrativa, no entanto, não pode prejudicar a qualidade do texto, que deve desempenhar o seu papel para com o leitor da mesma forma que o fazem as narrativas mais longas. Sobre este aspecto Alfredo Bosi (2006, p. 7) declara que

a narrativa curta condensa e potencia no seu espaço todas as possibilidades da ficção. E mais, o mesmo modo breve de ser compele o escritor a uma luta mais intensa com as técnicas de invenção, de sintaxe compositiva, de elocução: daí ficarem transpostas depressa as fronteiras que no conto separam o narrativo do lírico, o narrativo do dramático.

O conto é uma narrativa que, assim como a crônica, caiu nas graças tanto de leitores quanto de autores. Multiplicam-se as publicações deste gênero que são avidamente consumidas pelos leitores. Sobre este fenômeno, Antônio Cândido explica que

o conto está passando por uma boa fase, - talvez porque permita estabelecer, mais facilmente que o romance, ligações com a crônica, a notícia, a anedota, tão gratos ao leitor de hoje. Ao lado de certos tragos de super-real, há também nele uma

espécie de novo realismo, baseado sobretudo nas alterações da técnica narrativa. (2009, p. 11)

Geralmente o conto é considerado uma narrativa unívoca, composto por um só conflito, um só drama, uma só ação. Todos os elementos do conto conduzem a um mesmo escopo, afluindo para uma mesma meta. A existência de um só conflito, uma só história é o que faz com que o conto tenha uma concentração de efeitos e pormenores. No entanto Gotlib (2006 p. 64) alerta que

o conto pode ter até uma forma mais desenvolvida de ação, isto é, um enredo formado de dois ou mais episódios. Se assim for, suas ações, no entanto, são independentes, enquanto que no romance dependem intrinsecamente do que vem antes e depois. O conto é, pois, conto, quando as ações são apresentadas de um modo diferente das apresentadas no romance: ou porque a ação é inerentemente curta, ou porque o autor escolheu omitir algumas de suas partes. A base diferencial do conto é, pois, a contração: o contista condensa a matéria para apresentar os seus melhores momentos.

São ainda corriqueiras, no conto, as digressões e divagações, pois nele não se admite os excessos. A estrutura do conto impõe que todos os seus elementos estejam concordes na meta de uma direção única, uma única história.

Também não podemos esquecer que o conto tem sua origem nos relatos orais dos povos da antiguidade, o que o aproxima dos relatos bíblicos. Muitas das histórias narradas na Bíblia possuem todos os elementos dos contos da atualidade. A título de exemplo citamos a história de Jacó, narrada nos capítulos 25 a 33 de Gênesis. É um texto cuja extensão cabe perfeitamente na definição atual de conto possuindo uma trama única cujos elementos concorrem para o desfecho final do enredo. A introdução do nascimento dos gêmeos Jacó e Esaú; a descrição de suas personalidades; a complicação da trama com o engano perpetrado por Jacó e sua mãe contra Esaú e Isaque e a fuga de Jacó para a casa de Labão; o amor entre Jacó e Raquel e as circunstâncias de seu casamento com as duas irmãs; seu retorno para Canaã, seu encontro com o anjo de Deus e o desfecho da história quando reencontra seu

irmão Esaú são ingredientes cheios de significados que provocam no leitor aquilo que Cortázar (2006, p. 151 - 152) chamou de “uma espécie de abertura, um fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento literário”.

Ainda comentando sobre o que distingue um bom de um mau autor de contos, Cortázar assevera que

um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta. [...] a ideia de significação não pode ter sentido se não a relacionarmos com as de intensidade e de tensão, que já se referem apenas ao tema, mas ao tratamento literário desse tema, à técnica empregada para desenvolvê-lo. E é aqui que, bruscamente, se produz a distinção entre o bom e o mau contista. (2006, p. 153).

Discussões à parte sobre a autoria de Gênesis, fica evidente pelo exposto que o autor do conto de Jacó se enquadra entre os bons contistas. E não só ele, como também as parábolas contadas nos evangelhos, Daniel e seus companheiros na corte de Nabucodonosor, Abraão, Davi, José do Egito, etc...

Ainda entre os elementos essenciais que distinguem um bom de um mau conto Júlio Cortázar coloca também em evidência a importância da escolha do tema. Para o autor,

O tema do qual sairá um bom conto é sempre excepcional, mas não quero dizer com isto que um tema deva ser extraordinário, fora do comum, misterioso ou insólito. Muito pelo contrário, pode tratar-se de uma história perfeitamente trivial e cotidiana. O excepcional reside numa qualidade parecida à do imã; um bom tema atrai todo um sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até ideias que lhe fluíam virtualmente na memória ou na sensibilidade; um bom tema é como um sol, um astro em torno do qual gira um sistema planetário de que muitas vezes não se tinha consciência até

que o contista, astrônomo de palavras, nos revela sua existência [...] o escritor reage diante de certos temas, da mesma forma que seu conto, mais tarde, fará reagir o leitor. Todo conto é assim predeterminado pela aura, pela fascinação irresistível que o tema cria no seu criador. (2006, p. 154 - 156).

A questão desta fascinação irresistível de que fala Cortázar, parece ser muito mais verdadeira nos contos que passaremos a abordar em nosso estudo, pois a maioria das pessoas, independentemente de crerem ou não na existência de Satã, possuem um fascínio pelo Anjo Rebelde; seja este fascínio motivado por medo, atração, admiração ou apenas tentativa de compreensão do personagem como fenômeno teológico e/ou literário.

Apesar de ser considerado um gênero difícil por exigir mais acurado cuidado em sua produção, não é incomum que os novos escritores iniciem suas aventuras literárias escrevendo contos. Também praticamente todos os autores já consagrados tanto pela crítica quanto pelo mercado editorial já produziram este tipo de texto. Em nossa pesquisa elencamos alguns dos grandes autores brasileiros contemporâneos que se ocuparam de escrever contos tendo como fascinante tema o Diabo. Os contos que fazem parte de nosso estudo e serão analisados nas linhas que seguem são: *O Hóspede*, de Frei Betto, *Eu e Bebu na Hora Neutra da Madrugada*, de Rubem Braga, *Alma, Vendo e Belzebu.com*, de Luis Fernando Veríssimo, *Lênin Desce aos Infernos*, de Paulo Coelho e *Nostalgia do Amor Ausente*, de Walmor Santos.

4.2 De Hospedeiro a Demo: Frei Betto e a Metamorfose do Ermitão Urbano em Capiroto Aterrorizante

Nascido em Belo Horizonte (MG), Carlos Alberto Libânio Christo estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Frade dominicano e escritor, ganhou em 1982 o Jabuti, principal prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, por *Batismo de Sangue*, seu livro de memórias. Em 1986, foi eleito Intelectual do Ano pelos escritores filiados à União Brasileira de Escritores, que lhe deram o prêmio Juca Pato por sua obra *Fidel e a religião*. Com *A noite em que Jesus nasceu*, ganhou o prêmio de

"Melhor Obra Infanto-Juvenil" de 1998, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Em 2005, o júri da Câmara Brasileira do Livro premiou-o mais uma vez com o Jabuti, agora na categoria Crônicas e Contos, pela obra *Típicos Tipos – perfis literários*. Foi coordenador da ANAMPOS (Articulação Nacional de Movimentos Populares e Sindicais), participou da fundação da CUT (Central Única dos Trabalhadores) e da CMP (Central de Movimentos Populares). Prestou assessoria à Pastoral Operária do ABC (São Paulo), ao Instituto Cidadania (São Paulo) e às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Foi também consultor do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Perseguido pela ditadura militar, foi preso por duas vezes: em 1964 e entre 1969-1973. Em 2003 e 2004 atuou como Assessor Especial do Presidente da República e Coordenador de Mobilização Social do Programa Fome Zero. Desde 2007 é membro do Conselho Consultivo da Comissão Justiça e Paz de São Paulo. É sócio fundador do Programa Educação para Todos.

É em sua obra *Treze contos diabólicos e um angélico* que Frei Betto aborda como personagem das narrativas o Coisa Ruim, o Capeta, o Demo, o Cão, alcunhas associadas ao ser que simboliza a essência do mal. As curtas e belas narrativas nos levam, inevitavelmente, a refletir sobre a inveja, a ganância, o egoísmo, a maldade, a tirania, a alienação. O conto ao qual nos deteremos mais detalhadamente é aquele que principia o livro *O Hóspede*.

O enredo narra a história de um homem solitário que é visitado pelo Diabo. A princípio a inusitada presença o incomoda, mas com o passar do tempo acaba se acostumando e até mesmo apreciando ter o diabo hospedado em sua casa. Ao acordar certa manhã, percebe que o hóspede foi embora e, ao olhar-se no espelho, vê que sua aparência tornou-se idêntica à do Diabo.

O conto é narrado em primeira pessoa por uma personagem que não se identifica, apenas nos dá algumas pistas de sua personalidade: mora sozinho, não tem mulher ou filhos e pensa que o “Inferno são os outros”¹⁷ (BETTO, 2005, p. 17). Confessa seu pânico e repugnância, “de dar vergonha” (BETTO, 2005, p. 17). em relação às baratas, chegando a

¹⁷ Esta frase é tomada emprestada de Jean-Paul Sartre (1905-1980), que em sua obra *Entre quatro paredes*, descreve o inferno como um lugar fechado e sem espelhos, onde as pessoas só podem ver-se através dos olhos dos outros, mas como não conseguem conviver, passam a se atormentar umas às outras. No final da narrativa um dos personagens chega à conclusão que “o inferno são os outros”.

ponto de criar um método de exterminação *sui generis*: atirar sobre os asquerosos insetos pesados dicionários enquanto lhes profere xingamentos impublicáveis, método tão ineficaz que só faz aumentar sua população. Mais à frente, na narrativa, diz considerar-se um “misantropo” (2005, p. 19) e, referindo-se a seus vizinhos, deixa transparecer um certo desdém, mesmo mencionando as boas ações dos mesmos:

Zoraida, a vizinha dos fundos, que vive exaltando o valor do trabalho voluntário [...]; o velho Procópio, vizinho de frente, cuja generosidade alimentava de balas a criançada da rua [...]; e Cacilda, a vizinha do telhado, sempre prestativa no atendimento dos enfermos [...]. (BETTO, 2005, p. 19 e 20)

O narrador também revela qual era a imagem que pensava que seus vizinhos tinham dele quando afirma: a de ermitão. Imagem esta construída, certamente, por conta de seus hábitos solitários.

O Diabo entra no enredo de forma inesperada. A não ser o fato de que nosso personagem confessa utilizar-se de “impublicáveis ofensas indicionarizáveis” (BETTO, 2005, p. 18) contra as baratas, na narrativa não aparece nenhum tipo de invocação satânica para solicitar a presença do Diabo. Poderíamos aqui apenas mencionar a crença popular de que proferir palavras atrai demônios bem como ao fato de que algumas pessoas possuem o hábito de proferir os nomes diabo, demônio, etc., à guisa de palavras, em ocasiões em que exacerbam sua ira. Seria este o motivo da visita inesperada do diabo? Seja como for, a intromissão do Coisa Ruim não foi recebida com agrado:

Semana passada, ao sentar-me à cozinha para o café da manhã, tive a atenção desviada das baratas [...]: dei de cara com um estranho. Não havia nenhuma porta ou janela aberta. Julguei-me tomado de alucinação. [...] Irritei-me, não tanto pela inusitada presença, mas por sentir invadida a minha solidão. (BETTO, 2005, p. 20)

O personagem, como típico brasileiro, afirma não somente crer na real existência do Diabo, como também o descreve fisicamente:

Tratava-se de um ser vivo, real, adentrado à minha casa. Quem sabe aprendera com as baratas a introduzir-se sob o batente das portas. Sua astúcia, entretanto não haveria de superar a minha inteligência. Jamais acreditei na inexistência daquele que, do outro lado da mesa, exibia um sorriso caviloso e tomava uma xícara de chá. Observei-o amiúde: tinha o rosto afunilado, o cavanhaque triangular, as orelhas de abano, a testa larga e rugosa, o nariz proeminente, os olhos púrpura, o sorriso drástico e, sobre a cabeça, dois chifres pontiagudos. (BETTO, 2005, p. 20)

No final do conto, o protagonista ao ver que havia se transmutado na figura do Demônio, amplia a descrição:

Olhei-me espantado; meus pés eram patas equestres e as pernas, troncos cabeludos. As mãos tinham crescido e os dedos, longos como os de símios, traziam unhas descomunais. Postei-me diante do espelho e, aterrorizado, constatei que minhas feições assemelhavam-se às do Demo. (BETTO, 2005, p. 22)

Essas descrições são baseadas nas crenças populares sobre a forma física do diabo. Mas, como já vimos anteriormente, para um grande número de teólogos cristãos a Bíblia revela que o Diabo e seus demônios eram anjos que foram expulsos do céu. A origem destes pensamentos populares, visto que essa aparência está distante do que se concebe para a aparência dos anjos, é explicada, entre outros, por Carlos Roberto F. Nogueira, em seu livro *O Diabo no imaginário cristão* que lançamos mão para mais uma vez nos ajudar a compreender este fenômeno. Segundo ele, no início do período medieval, a Igreja ainda não havia conseguido converter a Europa das religiões pagãs, assim lançou mão de reduzir suas divindades à condição demoníacas. Este processo se intensificou e a figura do Maligno e das entidades inferiores que participam da “esfera do mal” passou a aparecer com características burlescas, ridicularizadas para mostrar sua inferioridade frente à figura dos santos. A aparência de dignidade que a princípio coube ao Diabo pela condição de anjo caído cede lugar à de monstro repugnante, mais própria de sua condição espiritual.

As representações dos inimigos desenvolvem-se numa quase ilimitada variedade de formas grotescas e fantasmagóricas, uma vez que esses seres de pesadelo simbolizam um crime contra o Criador e, portanto, contra a Sua Criação: a Natureza. Demônios com anatomias animais ou semi-humanas ou deformadas: cobertos de pelos ou escamas, com cabeças demasiadamente grandes ou demasiadamente pequenas em relação ao corpo, dotados de olhos saltados e bocas rasgadas e cavernosas, chifres, rabos e asas, garras e cascos, cabeças de pássaros ou bicos, com inúmeras faces, braços, pernas e outros apêndices, enfim quantas outras monstruosidades a imaginação pudesse criar.

[...] O grande modelo que influenciou toda uma iconografia diabólica foram as clássicas imagens de Pã e dos sátiros: criaturas meio homem, meio bode, com chifres, cascos partidos, olhos oblíquos e orelhas pontiagudas. (NOGUEIRA, 2000, p. 64 - 67)

Esta mesma opinião compartilha Alberto Cousté que em sua *Biografia do Diabo*, assevera que

Ao longo dos séculos – tendência que se cristalizou durante a Idade Média e teve sua arrancada das espantosas visões de Santo Antão em sua ermida do Nilo, por volta de 320 – o Diabo sofreu um processo de degradação física que deve ser atribuída principalmente à imaginação popular. O deslumbrante ser que nos fala a Bíblia adquiriu, aos olhos do povo, características físicas em correspondência a sua moral depravada: se ele é corrupto, mentiroso, inimigo de Deus e dos homens, perjuro, sacrílego, violador, maligno no mais alto grau, deverá *necessariamente* ser horrendo, disforme e repulsivo como nenhuma outra criatura. (1996, p. 32, *itálico do autor*)

Arraigadas na mente da população através de séculos de predomínio da Igreja, essas ideias sobre a aparência do Diabo passaram para nossa cultura junto com a religiosidade dos colonizadores europeus.

Em *O Hóspede* temos representada uma das faces do Diabo que apresentamos neste trabalho. É a face zoomórfica, monstruosa, animalésca, mas, conforme veremos mais à frente, não será a única.

O protagonista da narrativa esperava que o Diabo “aprontasse as piores diabruras” (BETTO, 2005, p. 19), mas o mesmo passa a imitá-lo realizando suas tarefas domésticas e fazendo, inclusive, desaparecer as baratas. A narrativa não destaca se as baratas sumiram pelo asseio do hóspede com a casa, se a presença demoníaca as incomodava, ou mesmo se o Diabo as comeu, pois, se como Papini afirma (s/d. p. 57), seu prato preferido são as moscas, poderia às vezes variar comendo Também baratas. O fato, porém, é que o Diabo foi muito apreciado pelo nosso herói baratofóbico que chegou a ponto de declarar com relação ao mesmo que “No fundo, tratava-se de uma boa e prestativa alma” (BETTO, 2005, p. 19), passando mesmo a nutrir afeição pelo ser maléfico: “Afeiçoei-me de tal modo a ele que cedi o escritório como quarto de hóspedes. Facultei-lhe o meu banheiro” (BETTO, 2005, p. 19).

Como já mostramos neste trabalho, uma das características da representação zoomórfica do diabo é a do macaco, aquele que imita. Ao reproduzir as ações do narrador do enredo realizando suas tarefas domésticas, o hóspede confirma sua identidade.

Assim, fora os incômodos de ter outra pessoa morando sob o mesmo teto, o Diabo passou a ser um hóspede apreciado para nosso protagonista celibatário: “o Capiroto trazia sempre aspecto de bom-moço e comportava-se com tamanha cortesia e discrição que cheguei a pensar que éramos feitos um para o outro” (BETTO, 2005, p. 19).

Vemos aqui um paradoxo, porque aquele que morava só e que ecoava a voz de Jean-Paul Sartre “o Inferno são os outros”, agora tem alguém morando sob o mesmo teto e passa a apreciar esta experiência. E este alguém é ninguém menos que o próprio Diabo.

Quanto à prestatividade do Diabo, este é um aspecto de algumas espécies de demônios, conforme nos menciona Cousté:

os trasgos – duendes não identificados com nenhum elemento especial – são também

demônios claramente favoráveis aos homens, a cujo serviço se põem por preço realmente irrisório. Alguns conformam-se em oferecer jornadas inteiras de trabalho em troca de um caneco de vinho ou um pedaço de pão. (1996, p. 69)

Este, entretanto não parece ser a espécie de demônio em questão. Sabemos que não é apenas um duende em busca de comida e abrigo pelo final surpreendente da narrativa.

Um fato que passa a intrigar o hospedeiro do Demônio é que seus vizinhos começam a enxergar seu hóspede, todavia de maneira totalmente diversa do ser horrendo visualizado por ele. Zoraida o vê como “uma bela donzela”, o velho Procópio como “um jovem de musculosa robustez” e Cacilda como “um jardineiro de irradiante simpatia”.

Esta é precisamente outra das formas com que o Diabo se manifesta neste conto. Conforme já contemplamos no presente trabalho, a face humana é uma das maneiras com que o Ser do Mal se apresenta às pessoas, podendo ser na forma de homem ou de mulher. Ele pode assumir a aparência que desejar. O fato de ter este cuidado para não chocar os vizinhos de seu hospedeiro, demonstra a consideração que o Diabo demonstra para com ele. Pelo menos neste caso, a ingratidão não parece ser uma de suas características.

Ao quebrar o silêncio e questionar seu hóspede sobre o fato, nosso narrador recebe a seguinte resposta:

Sou o reflexo da alma das pessoas [...] Sem a nossa presença entre os mortais, não haveria grandeza humana. Sem uma ponta de orgulho e vaidade, o que seria dos poetas, dos artistas, dos filósofos, dos governos e dos heróis? Nem Dante dissimulou o alto conceito que tinha do próprio gênio. Sem um mínimo de luxúria, como haveriam de nascer os papas e os santos? Até o mais mesquinho dos pecados, a avareza, contribui para a prosperidade dos povos. (BETTO, 2005, p. 21).

A réplica do Diabo foi tomada emprestada de Papini que, além do orgulho, vaidade, luxúria e avareza, considerou ainda outros pecados como sendo males necessários ao desenvolvimento humano:

Sem um elemento de orgulho, algumas vezes admitido e confessado, não existiriam nem poetas, nem artistas, nem filósofos, nem grandes chefes de povos, nem heróis. Dante, que, no entanto, é considerado o sumo poeta católico, não esconde a alta ideia que ele tinha de seu génio (sic). O que se chama, por vezo indulgente, o “amor próprio”, o “justo sentimento do próprio valor” não é senão uma forma – seja embora atenuada e enobrecida – do antigo orgulho, do pecado de soberba.

E sem o estímulo da “libido”, da concupiscência carnal, interromper-se-ia o desabrochar de almas sobre a Terra: sem um mínimo de luxúria não nasceriam as virgens, nem tão-pouco os santos.

A ira – sob os nomes de “generoso desdém”, de “legítima indignação” – leva ao desejo e ao cumprimento da justiça.

A preguiça é realmente um dos pecados capitais, mas o fundador do Taoísmo – esse Lao-Tsé, que muitos julgam superior a Confúcio – pôs a sabedoria do “não-fazer” como base de sua doutrina. A própria avareza, conquanto seja o mais sórdido dos pecados, contribui para a virtude da economia e a prosperidade dos povos. (s/d., p. 231 – 232, aspas do autor).

O autor italiano ainda conclui sua assertiva declarando que “Certos pecados, portanto, ainda que em pequena dose e afinados e sublimados, contribuem para a conservação da espécie humana” (s. d., p. 232)

Podemos retirar da resposta do Demo algumas suposições que enumeramos a seguir com um breve comentário sobre cada uma:

1. A grandeza humana é resultado da presença do Diabo entre os mortais.

Esta afirmação se torna ainda mais interessante se levarmos em conta a visão cristã do conflito cósmico entre o bem e o mal que foi transferido para a Terra e levou à intervenção divina nos assuntos deste planeta. O fato de, segundo teólogos, Deus ter-se encarnado para

assumir a natureza humana sem sombra de dúvida engrandeceu a humanidade.

2. A vaidade é um agente impulsionador para o surgimento de poetas, artistas, filósofos, governantes e heróis.

É inegável que o ego humano é um grande motivador na busca de realizações, porém também é agente incentivador de traições, roubos, assassinato, etc.

3. A luxúria é um ingrediente de fomento à reprodução humana.

Talvez no passado esta afirmação pudesse ser mais real, porém atualmente, com o advento dos métodos contraceptivos a gravidez cada vez mais tem ocorrido por consentimento e vontade dos pais. Nos dias de hoje seria mais adequado afirmar que o descuido na utilização dos métodos contraceptivos é um ingrediente de fomento à reprodução humana.

4. A avareza contribui para a prosperidade dos povos.

O dicionário Aurélio da língua portuguesa (2009, p. 236) define avareza como “excessivo e sórdido apego ao dinheiro”, e apresenta como seu sinônimo a mesquinhez”. A avareza é um fator que contribui para a corrupção de governantes e políticos e, consequentemente para o aumento da pobreza das populações, e não para sua prosperidade.

Se tais vícios morais, como vaidade, luxúria e avareza (os quais refletem categorias da moral cristã tradicional), são não apenas necessárias, mas úteis para o progresso, teríamos que justificar pelo progresso suas resultantes menos desejáveis, como guerras, traição, desigualdade social e um incontável número de elementos negativos que fazem parte da vida cotidiana dos seres humanos. Que tipo de sociedade conhecida sobreviveria a crises geradas por estes vícios se os mesmos fossem tratados como características desejáveis? Não teríamos que, desta forma, afirmar que o progresso degenera necessariamente os relacionamentos?

5. O diabo é o reflexo da alma humana.

Sendo o diabo é o reflexo da alma humana, não existiria como ser real, sendo apenas uma projeção de quem somos realmente. Equivale a afirmar que nós somos o verdadeiro diabo. Logo, falar da presença do diabo seria evocar um espírito coletivo, um *ethos* comum a todos os homens, uma entidade presente apenas no inconsciente coletivo.

Esse fato nos ajuda a compreender o desfecho surpreendente da narrativa. Quando o hospedeiro certa manhã acorda e percebe a ausência

de seu hóspede aliado ao fato de que ao olhar-se no espelho vê que “suas feições assemelhavam-se às do Demo” (BETTO, 2005, p. 22). O personagem estaria assim vendo como ele realmente é. O pensamento de Giovanni Papini (s/d. p. 147) corrobora com este conceito ao afirmar que somos todos mais ou menos diabólicos.

O uso do signo do espelho é um expediente estimado por Frei Betto. No seu ensaio autobiográfico *Por que escrevo*, o autor se utiliza dele para responder a questão levantada pelo título do texto:

Escrevo para construir minha própria identidade. Tivesse sido criado por lobos, será que eu me sentiria lobo no mundo? A identidade é também reflexo de um jogo de espelhos. Se pais e mestres me tivessem incutido que sou tapado para as letras, e não me restasse alternativa senão trabalhar no fundo de minas, talvez hoje – se houvesse sobrevivido – eu fosse um mineiro aposentado.

Minha experiência, porém, foi diferente. Os espelhos reluziram em outras direções. Já trazia em mim o fator filogenético. Meu pai escreve crônicas. Minha mãe publicou sete livros de culinária. O gato da casa não escreve; mas, pelo jeito, gosta de ler, a julgar pelo modo como se enrosca em jornais e revistas. (BETTO, 2002, s.p.)

Podemos verificar que, para Betto, o espelho é uma representação das relações sociais. Das interações do indivíduo com o outro. Na narrativa a utilização do espelho indica a ligação que o personagem acaba estabelecendo com o outro, neste caso, o Diabo. Esta informação se torna importante quando lembramos que, no pensamento Lacaniano, o espelho define os limites entre o simbólico e o imaginário. A criança seria um ser fragmentado até o momento em que consegue se reconhecer no espelho, quando se percebe ser. De acordo com Lacan, esta compreensão acontece em três fases: primeiramente o espelho é compreendido como uma realidade, em segundo lugar como imagem, até que, finalmente, a criança percebe que aquela imagem refletida no espelho é sua. Assim, a primeira consciência da individualidade do ser humano é percebida a partir do exterior. Os fragmentos do indivíduo são reconstruídos em um corpo externo, aquele visto no espelho.

Não se pode refletir neste conto de Frei Betto sem remeter nossas considerações a outras obras como *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, *Metamorfose*, de Franz Kafka, *A Sombra*, de Hans Christian Andersen e *O Espelho*, de Machado de Assis.

A cena do protagonista da história enxergando seu reflexo no espelho com as feições do Diabo nos remetem a Oscar Wilde e o momento em que Dorian Gray, percebendo que o retrato que absorvia sua maldade e mostrava o horror de seus pecados se tornou uma monstruosidade, é tomado de pânico e horror. O fato de ver-se com os aspectos do Diabo poderia significar que, pela primeira vez, nosso protagonista estaria vendo, assim como o próprio Diabo havia explicado o reflexo de sua própria alma.

Ao acordar depois de uma noite maldormida, sentir dificuldade para locomover-se, ao por a perna para fora do lençol senti-la pesada e perceber, então, que havia sofrido uma metamorfose nos remetem a Kafka. Da mesma forma que nosso transmutado personagem, o jovem Gregor Samsa também acorda após uma noite maldormida, também sente dificuldade para se mover e se levantar até perceber que também se havia metamorfoseado, mas em uma barata gigante. Papini (s/d. p. 176) vislumbrou no drama de Gregor “as cruéis intenções de um Diabo clandestino e anônimo, que perturba as almas de modo indirecto (sic), mas implacável, repisando uma misteriosa culpa”.

Do conto de Andersen podemos mencionar o fato de o sábio ter sido enganado por sua sombra e esta ter feito todos pensarem que ela era o mestre e o sábio sua sombra. Cousté (1996, p. 70) nos informa que na Alemanha se afirma que a perda da sombra é um sinal de pacto com o Diabo. A inversão de papéis apresentada em *A Sombra* nos leva a questionar se também o Diabo não havia, ao assumir formas humanas, transferido sua forma diabólica para o hospedeiro. Mesmo a palavra *hospedeiro* nos alude ao termo parasita, usado na biologia para designar aqueles seres que habitam outros organismo. Todo parasita é um hóspede do hospedeiro. Ao se permitir conviver com o Diabo, o símbolo do mal e de tudo aquilo que é negativo, não teria o narrador se contaminado, sendo a metamorfose que passou, o transformar-se em Diabo, o estágio final desta doença que se chama maldade?

Quando o narrador mira-se no espelho e não reconhece a própria imagem, nos recorda o conto Machadiano *O Espelho*, quando o alferes Jacobina, também ao tentar visualizar seu reflexo, não consegue se identificar. O conto de Machado de Assis nos reporta à ambiguidade da

alma humana do ser para si e ser para o outro e quando o olhar alheio acaba se tornando nosso principal eu. Destarte, em *O Hóspede*, a segunda alma do eu-narrador projetada de fora, a partir do outro, estaria se tornando o lugar da primeira alma, aquela que é demonstrada através da personalidade, das atitudes, do jeito de ser do indivíduo.

No conto de Frei Betto, percebemos a força da intertextualidade, elemento que não pode faltar a um bom texto. Intertextualidade com a cultura popular, com grandes nomes da literatura universal, com a teologia, com a teopoética, entre outros. Também identificamos que as duas faces do Diabo apresentadas na narrativa, segundo a proposta deste estudo, são a animalesca e a humana.

Em *O Hóspede*, o espelho estaria mostrando o reflexo da alma do protagonista. Se para o eu-narrador inferno são os outros, e estes outros fazem parte do ambiente do qual ele mesmo é o centro, o principal, então o eu-narrador é o próprio Diabo, o núcleo deste inferno projetado por ele e para ele. O espelho é utilizado metaforicamente para esclarecer que o eu-narrador é composto pelo outro: os vizinhos-inferno.

Vencer o Diabo seria, desta maneira, vencer o mal que existe dentro de cada ser humano, seja esta maldade inerente ou adquirida através das interações com o outro.

4.3 Rubem Braga e a Versão do Rebelde Vencido

Considerado por muitos o maior cronista brasileiro desde Machado de Assis, Rubem Braga nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, ES, a 12 de janeiro de 1913. Iniciou a faculdade de Direito no Rio de Janeiro, mas se formou em Belo Horizonte, MG, em 1932. Participou como repórter dos Diários Associados, da cobertura da Revolução Constitucionalista, em Minas Gerais. Ocasão em que conheceu Juscelino Kubitschek e Adhemar de Barros.

Foi correspondente de guerra do Diário Carioca na Itália, onde escreveu o livro "Com a FEB na Itália", em 1945. De volta ao Brasil, morou em Recife, Porto Alegre e São Paulo, antes de se estabelecer definitivamente no Rio de Janeiro onde morou algum tempo com Graciliano Ramos. Foi um dos muitos que sofreu perseguição do Estado Novo, sendo preso algumas vezes.

Seu primeiro livro, *O Conde e o Passarinho*, foi publicado em 1936, quando o autor tinha 22 anos. Quase tanto como pelos seus livros, o autor ficou famoso por sua índole introspectiva. Como escritor, Rubem Braga foi o primeiro a se tornar célebre exclusivamente através

da crônica. Fundou, em 1968, com Fernando Sabino e Otto Lara Resende, a Editora Sabiá, responsável pelo lançamento no Brasil de escritores como Gabriel Garcia Márquez, Pablo Neruda e Jorge Luis Borges.

Como jornalista, Braga exerceu as funções de repórter, redator, editorialista e cronista em jornais e revistas do Rio, de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife. Foi correspondente de *O Globo* em Paris, em 1947, e do *Correio da Manhã* em 1950. Amigo de Café Filho (vice-presidente e depois presidente do Brasil) foi nomeado Chefe do Escritório Comercial do Brasil em Santiago, no Chile, em 1953. Em 1961, com os amigos Jânio Quadros na Presidência e Affonso Arinos no Itamaraty, tornou-se Embaixador do Brasil no Marrocos.

Afrânio Coutinho classificou as crônicas de Rubem Braga como “crônica poema em prosa” que, segundo ele, se caracterizam como sendo “de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado” (1999, v. 6, p. 133). De fato, seus textos são marcados pela linguagem coloquial e pelas temáticas simples.

Em sua crônica *Eu e Bebu na Hora Neutra da Madrugada*, Rubem Braga cria um texto em primeira pessoa, no qual o narrador relata sua experiência de ter passado um dia inteiro na companhia do Diabo. O desconforto inicial acabou se tornando em intimidade. Frequentam o cinema juntos, voltam para o trabalho e já de madrugada vão ao bar, onde após tomar algumas cervejas, como se poderia esperar, ficam mais soltos e passam a desenvolver uma conversa “séria” de botequim. O Diabo revela que, caso sua rebelião tivesse dado certo, a única mudança entre o bem e o mal seria de nomenclatura, pois os homens continuariam a transgredir a lei, fosse ela qual fosse. A narrativa termina já de manhã quando, antes de se separar do Diabo, o narrador lhe pergunta aonde ele vai e recebe a improvável resposta: “vou à missa.”

Sendo que os textos do autor são em sua maioria crônicas, neste conto temos um Rubem narrador que se confunde com o próprio autor. O texto é narrado em primeira pessoa e o narrador cita tarefas que são próprias do Rubem Braga autor. Isto é possível verificar ao nos depararmos com expressões como: “eu fui para o jornal fazer o plantão da noite” (BRAGA, 2005 p. 64); e ainda: “À tarde, eu já não o chamava de “Belzebu”, mas apenas de “Bebu”, e ele me chamava de “Rubem””. (BRAGA, 2002, p. 63).

Nota-se nos trechos uma característica do autor, que é tornar seus textos semelhantes aos causos contados por contadores de histórias do interior: histórias vivenciadas pelo narrador e passadas em tom de conversa para o leitor. Provavelmente por este motivo a presente crônica-conto foi parafraseada por Rolando Boldrin, autor célebre por trabalhar com temas relacionados ao caipira, no texto *Zé Capião e o Outro*, que foi ao ar no programa Empório Brasileiro, de 1989¹⁸. Abordando este assunto, Davi Arrigucci (2001, p. 27) comenta que nas crônicas de Rubem os saberes são comunicados de boca em boca pelos narradores. Suas histórias aproximam-se das formas de vida simples, dos objetos esquecidos, da natureza, das coisas humildes em geral, que são as que, para ele, sempre têm uma história que vale a pena contar. Sobre o tom coloquial da linguagem das crônicas de Braga, Cândido e Castelo (apud Arrigucci Jr, 1999, p. 149) asseveram que o mesmo é “primeiro de quem conversa consigo mesmo, depois com o amigo íntimo ou a pessoa em dado instante querida, finalmente, com o leitor desconhecido.” Assim o leitor pode ter a impressão que os fatos narrados por Braga são verdadeiros e que ocorreram mesmo com ele.

A exemplo do narrador de *O Hóspede*, o narrador de *Eu e Bebu na Hora Neutra da Madrugada* a princípio sentiu-se incomodado com a presença do Diabo, mas logo que decorreu algum tempo, a presença de Belzebu passou a ser encarada com naturalidade. Como acaba criando intimidade com o Coisa Ruim, o narrador faz uma redução do nome Belzebu por um nome também mais íntimo: Bebu e tece o seguinte comentário: “Nossa intimidade caminhava rapidamente, mesmo sem a gente esperar.” (BRAGA, 2005, p. 63). Este fragmento nos remete a *Macário*, de Álvares de Azevedo, quando Satã se lhe apresenta e este não demonstra medo ou espanto:

Eu sou o diabo. Boa-noite, Macário.

MACÁRIO

Boa noite, SATÃ. (Deita-se. O desconhecido sai).
O diabo! uma boa fortuna! Há dez anos que eu ando para encontrar esse patife! Desta vez agarrei-o pela cauda! A maior desgraça deste mundo é ser

¹⁸ Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=TmKQ_JAZ0F0, acessado em 11/11/2012, às 17h05.

Fausto sem Mefistófeles... Olá, Satã!
(AZEVEDO, s/d., p. 15).

A respeito desta atitude de normalidade para com a presença do Diabo, novamente é Papini quem nos evoca que

Os homens sentem hoje que o Demónio (sic) está continuamente no meio deles, que representa o mal e o tormento que neles mora, e que por isso semelha em tudo, até no vestuário, a eles próprios, *é um companheiro dos trabalhos e da vida*, uma hipóstase deles, um sósia, um duplo, um irmão carnal. O Diabo incarnou-se (sic), fez-se homem, é o homem. (s/d., p. 224, grifo nosso)

Este companheirismo é ainda mais fortemente evidenciado pelas atividades de trabalho e principalmente de lazer que Rubem passa a praticar junto com o Diabo. Se no trabalho não se pode escolher aqueles que estarão próximos de nós, o mesmo não acontece nos momentos de lazer. São nas horas de folga, aquelas que pertencem a nós e não ao patrão que nos deleitamos com a presença das pessoas que nos agradam. É para com os amigos que costumamos desnudar nossa identidade. O cinema e a mesa do bar são símbolos desta intimidade que Rubem passa a ter com o Bebu. E o Diabo manteve um comportamento exemplar durante todo tempo em que estive na companhia de Rubem:

Quando fui comprar cigarros, receei que ele dirigisse algum galanteio baixo à moça da tabacaria. É uma senhorinha de olhos de garapa e cabelos castanhos muito simples, que eu conheço e que me conhece, embora a gente não se cumprimente. Mas o Diabo se comportou honestamente. O dia todo [...]. Quando um cego nos pediu esmola, dei duzentos réis. É meu hábito, sempre dou duzentos réis. Ele deu uma prata de dois mil-réis. (BRAGA, 2005, p. 63)

A desconfiança volta quando ambos vão ao cinema, pois como afirma Malta (2009, p. 210), o escurinho do cinema e a penumbra dos bailes eram oportunidades que possibilitavam aos jovens externar a libido, e, se bem que a idade do Diabo seja estimada em milênios, suas

peripécias sexuais propaladas nos tempos antigos deixaram muitos motivos para a preocupação do narrador. Novamente, porém, o Diabo mantém-se impassível, mesmo estando sentado junto a duas mocinhas. O narrador, entretanto, é que tem sua volúpia a florada ao perceber a presença de uma moça bonita a seu lado e, maliciosamente, roçar seu braço no braço dela. Ao pensar que a moça havia aprovado sua atitude, segue em frente na tentativa de uma carícia mais ousada, deslizando a mão em sua direção.

Mas neste momento, ouço um pequeno riso e viro-me. Bebu está me olhando. Na verdade não está rindo; está sério. Mas em seus olhos há uma qualquer malícia. Envergonhei-me como uma criança. A fita acabou e não falamos no incidente (BRAGA, 2005, p. 64).

Percebe-se que o diabo braguiniano é incapaz de maliciar de maneira acintosa. Sua malícia é discreta e contida. Bebu demonstra, ainda, uma ética que muitas vezes não se vê entre os humanos. Ele não demonstra para com Rubem qualquer manifestação de acusação ou mesmo reprovação. Seu sorriso baixo, contido e a malícia expressa somente através do olhar acabam passando uma impressão mais de compreensão paternal do que de repreensão propriamente dita.

Na madrugada os amigos desfrutam de um *happy hour* na mesa de um bar. Após tomarem várias cervejas, o narrador finalmente toma coragem para entabular uma conversa mais próxima com o Diabo: “Bebu, você não parece o Diabo. É apenas, como se costuma dizer, um pobre-diabo.” (BRAGA, 2005, p. 64). Esta frase transmite mais do que a princípio possa parecer. O discurso de Rubem ecoa o que Papini já havia evocado em *O Diabo Tentado: Radiodrama em Três Tempos*, um conto presente no apêndice da sua já citada obra *O Diabo: apontamentos para uma futura diabolologia* (s.d., p. 257 a 279). Trata-se da história de um Diabo triste, saudoso do tempo em que era o primeiro anjo no céu e que recebe a proposta de perdão primeiramente do anjo Rafael que é enviado por Deus, que é recusada, mas quando recebe a mesma proposta de Virgia, uma aspirante a freira, fica confuso e balançado. Esta visão do Anjo Rebelde parece ser a mesma que Rubem enxerga em Bebu: alguém frustrado que percebe que a situação em que se encontra é a causa de ter apostado tudo em um devaneio insano cuja lembrança lhe corrói o interior causando dor e sofrimento.

A resposta de Bebu é uma das frases mais significativas do conto: “Um pobre-diabo é um pobre Deus que fracassou.” (BRAGA, 2005, p. 64). Esta declaração pode ser interpretada de forma ambígua. Seria o Diabo que fracassou ao tentar se tornar um Deus, ou Deus teria fracassado em não conseguir impedir o anjo Lúcifer em se tornar um diabo? Na primeira alternativa o assunto que volta à tona é a rebelião de Lúcifer e sua destituição do cargo de Querubim da Guarda e expulsão da corte celestial. Na segunda, é a questão do livre arbítrio. Se o Criador concedeu o livre arbítrio a suas criaturas inteligentes, esta capacidade traria embutida no seu âmago a responsabilidade pelos atos cometidos.

Mesmo para desagrado de Rubem, Bebu continuou o assunto, seja porque as cervejas haviam-no deixado mais solto, seja porque o companheiro havia pisado em seu calo. Afirmou que existe tanto o bem quanto o mal. Mas não da maneira como o senso comum pensa. Exemplifica sua conjectura através de uma parábola. Mais uma vez voltamos à questão da imitação, o Diabo como o *Simia Dei*, o macaco de Deus, uma vez que a parábola era o método de ensino de Jesus:

Imagine isto: uma cidade pequena onde há sempre um prefeito, o mesmo prefeito. Esse prefeito nunca será deposto, nunca deixará de ser reeleito, sempre será ele o prefeito. E há também um homem que lhe faz oposição. Esse homem uma vez quis depor o prefeito, mas foi derrotado e o será sempre. O povo da cidade teme, aborrece, estima, odeia o prefeito; não importa. Pois é isto.

- Bebu pôs mais um pouco de cerveja no copo e continuou falando:

- É isto: o Bem e o Mal. O prefeito acha que os bancos do jardim devem ser colocados diante da Igreja: isto é o Bem. O homem da oposição acha que eles devem ficar em volta do coreto? Isto é o Mal. (BRAGA, 2005, p. 65).

Neste trecho, Bebu deseja afirmar que a questão entre o bem e o mal seria mera convenção. Ele propõe então um exercício de imaginação acerca de uma segunda tentativa de rebelião que tivesse êxito:

Agora, se tem coragem, imagine isto: eu saio de meu inferno uma bela tarde, junto meu pessoal,

faço uma campanha de radiodifusão, arranjo armamento, vou até o Paraíso e derroto aquele patife. Expulso de lá aquela canalha, todas aquelas onze mil virgens, aquela santaria imunda. O que acontece?

[...]

- Acontece isto, seu animal: não acontece nada! Você reparou quando uma revolução vence? Os homens se renderão diante do fato consumado. O Bem será o Mal, e o Mal será o Bem. Quem passou a vida adulando Deus irá para o inferno para deixar de ser imbecil. Eu farei a derrubada: em vez de anjinhos, os capetinhas; em vez de santos, os demônios. Tudo será a mesma coisa, mas exatamente o contrário. Não precisarei nem modificar as religiões. Só mudar uma palavra nos livros santos: onde estiver “não”, escrever “sim”, onde estiver “pecado”, escrever “virtude”. E o mundo tocará para frente. Vocês não seguirão a minha lei, a como não seguem a dele; não importa, será sempre a lei. (BRAGA, 2005, p. 65 - 66).

O fragmento exposto reitera que o Bem e o Mal são meramente palavras de convenção política como situação e oposição. Tudo parece girar em torno do poder, o que sugere uma aproximação com a ideia de que o poder faz suas regras, e a moral depende de quem está no comando. Se o Mal estivesse no governo do universo, o Bem seria considerado o que hoje conhecemos como Mal. E ainda que, não importando qual seja a natureza da lei predominante, os homens seguramente irão transgredi-la.

Estes pensamentos nos reportam a Machado de Assis e seu conto magistral *A Igreja do Diabo*, no qual o Maligno Ser funda sua própria igreja e, após anos de trabalho para angariar adeptos, percebe que muitos praticantes de sua religião, às escondidas, passam a praticar atos de bondade e misericórdia. Ao inquirir Deus sobre o fato recebe a resposta: “Que queres tu, meu pobre Diabo? [...] É a eterna contradição humana” (ASSIS, 2003, p. 10). Ou seja, a propensão para viver em desacordo com leis faz parte da natureza humana, mesmo que o Mal fosse a lei. No final, o homem continua dúvida: era infiel a Deus e agora o é ao diabo, retratando que não somos bons ou maus simplesmente,

mas as duas coisas. Este pensamento choca-se com o conceito que S. Paulo chama de natureza da carne para se referir à natureza do homem após a queda que, segundo o apóstolo, é contrária somente a Deus, não ao mal e o que a referida natureza busca são as práticas consideradas moralmente más:

Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito, e o Espírito o que é contrário à carne. [...] As obras da carne são conhecidas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, pelejas, dissensões, facções, invejas, bebedices e coisas semelhantes a estas [...]. (Galátas, 5: 17, 19 e 20)

Fato curioso é a reação de Rubem, que reclama do assunto ser chato e faz tentativas para mudar o rumo da prosa. Como não consegue conter o impetuoso Bebu, acaba optando por ouvir a maior parte do tempo:

- Ora, Bebu, não se trata de mim. Você estava falando do Bem e do Mal. Uma conversa besta. . .
- Ele não ligou...
- Está bem, Rubem: o Bem e o Mal existem [...]
- Estive lá quase dois anos. Trabalhava com meu Tio. Um lugarzinho parado. .
- Bem. Lá havia um prefeito [...]. Isto é o Mal. Entretanto. . .
- Bebu, deixe de ser chato.
- Não amole. [...]
- Eu não respondi. Irritava-me aquele modo de falar. Bebu continuou com mais veemência: (BRAGA, 2005, p. 65).

Podemos perceber nos fragmentos a existência de um certo desinteresse do homem por assuntos transcendentais. A reação do narrador é de alienação diante dos planos de Bebu ou mesmo de suas frustrações. É o homem comum da pós-modernidade que se tornou altamente materialista avesso a discussões mais profundas.

Outro pensamento surpreendente é revelado na fala de Bebu sobre a condição do mundo:

O governo atual diz que eu fui movido pela ambição e pela vaidade. Mas todos os governos do mundo dizem isto de todos os revolucionários fracassados! Olhe, você é tão burro que eu vou lhe dizer. Esta joça não ficava assim não. [...] Mas pelo amor que você tem a esse canalha, diga-me: o que é que ele fez até agora? A vida que ele organizou e que ele dirige não é uma miséria? – uma porca miséria? Você sabe perfeitamente disto. Os homens não sofrem, não se matam, não vivem fazendo burradas? É impossível esconder o fracasso. Deus fracassou, fracassou mi-se-ra-vel-men-te! E agora, vamos, por pior que eu fosse, acha possível camarada, acha possível que eu organizasse um mundo tão ridículo, tão sujo? (BRAGA, 2005, p. 66).

No trecho fica implícita a acusação que, segundo alguns teólogos, o Diabo teria lançado sobre o governo de Deus. A teologia cristã, no entanto, dá a entender que quando o Diabo levou os pais da humanidade a desobedecerem a Deus no Éden, tornou-se o Príncipe deste mundo, isto é, o governante deste planeta. Desta maneira Deus teria ficado limitado a atuar na vida daqueles que escolherem servi-lo. Assim, aquilo que Bebu atribui como o fracasso do governo de Deus seria a extensão visível de seu próprio governo. Ao creditar o fracasso a Deus, esclarece a declaração dada anteriormente de que um pobre diabo é um pobre Deus que fracassou.

Não bastasse o discurso do Diabo engendrado pelo autor, o desfecho do conto se dá em caráter de *gran finale*:

- Puxa vida! Que sol claro, Bebu! Isto deve ser sete horas. Andamos até a esquina da Avenida.
- Ele me perguntou?
- Onde é que você vai?
- Respondi-lhe – vou dormir. E você?
- Bebu me olhou com seus olhos escuros e respondeu com um sorriso de anjo:
- Vou à missa... (BRAGA, 2005, p. 67).

A resposta do Diabo parece uma contradição no próprio Bebu, que se apresenta como "candidato de oposição" ao "prefeito do universo" e se refere a Ele de maneira baixa e aviltante, mas se dispõe a assistir um culto religioso. No fim, o diabo não é tão inimigo de Deus assim, ou aparece tão fortemente ligado a ele, numa espécie de dependência, que sugeriria que o bem não vive sem o mal e vice-versa, voltando, assim, à ideia do bem e do mal como faces da mesma moeda.

No texto de Rubem Braga fica patente o emprego de duas das faces do Diabo: a face de homem e a face de anjo.

A face humana pode ser vista nas atividades humanas desempenhadas por Bebu ao acompanhar a rotina de Rubem. O trabalho, o cafezinho na lanchonete, o ônibus, a solidariedade para com o mendigo, o *happy hour* no final do expediente em uma mesa de bar tomando cerveja com um amigo, assistir à missa. Atividades típicas de um ser humano comum. Poder-se-ia até dizer que são atividades que nos tornam humanos. Seria este o motivo da visita de Belzebu a Rubem?

A face de anjo é confessada por Bebu ao comentar sua rebelião no céu, a queda e seu sonho de um dia liderar uma invasão diabólica para se vingar do malogro de sua malfadada revolução. Rubem também percebe a característica angelical de Bebu quando narra: “Bebu me olhou com seus olhos escuros e me respondeu com um sorriso de anjo: - Vou à missa.” (BRAGA, 2005, p. 67).

Talvez a resposta de Bebu seja simplesmente porque, após ter passado um dia inteiro em meio a atividades humanas: o trabalho (atividade laboral), o cinema (atividade cultural) e o bar (atividade de lazer), o Diabo, por ser, assim como é o homem, um ser criado, sentisse também a necessidade de uma atividade religiosa? Ou talvez por ser um personagem da teologia, quicá o ambiente religioso seja aquele no qual mais confortável se sente.

4.4 Os Dois Faustos de Luis Fernando Veríssimo

Luis Fernando Veríssimo nasceu em 26 de setembro de 1936, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Filho do grande escritor Érico Veríssimo, iniciou seus estudos no Instituto Porto Alegre, tendo estudado também nos Estados Unidos no período em que seu pai lecionou em uma universidade da Califórnia. Como jornalista iniciou sua carreira no jornal *Zero Hora*, em Porto Alegre, em fins de 1966, Trabalhou também como tradutor. Veríssimo é um dos autores brasileiros mais apreciados na atualidade. Sua vasta obra é bastante

eclética, tendo escrito desde roteiros para programas de televisão e crônicas em jornais até romances, literatura infanto-juvenil, poesias, contos etc.

Da vasta produção do autor analisaremos os contos *Alma, vendo e Belzebu.com*. Ambos os contos constam de sua obra *Orgias*, um livro de contos que aborda o tema dos prazeres e das tentações.

Alma, vendo fala a respeito das tentativas de um homem para encontrar o Diabo e vender-lhe a alma. Primeiramente, tenta fazer “diabruras”, acreditando que isto ajudaria em sua busca o Demônio. Como não obteve sucesso e, pensando que uma alma má teria pouco valor para o Diabo, visto já lhe pertencer, passou a fazer o contrário: boas ações. Novamente não obteve nenhum êxito. Procurou, então, pessoas que, segundo sua opinião, deveriam ter vendido a alma ao Diabo, pois tinham fama e sucesso. Todas negaram o fato. Pensou então em publicar anúncios em classificados de jornais, todavia desistiu por desconhecer quais jornais o Diabo costumava ler. Sobrou a impressão de que já estivera próximo do Diabo, mas perdera a chance de aproveitar a oportunidade.

Em *Belzebu.com* o narrador inicia dizendo que recebeu a oferta do Diabo por *e-mail*. O Diabo oferecia a satisfação de dois desejos em troca da alma de quem aceitasse a oferta. “A pessoa deveria empenhar a alma para entregar na saída”. As respostas deveriam ser enviadas para o sugestivo endereço eletrônico 666@belzebu.com. Ante a desconfiança do personagem, o Diabo lhe ofereceu conceder o primeiro pedido antes da assinatura do contrato para que pudesse se certificar de que a promessa era “para valer”. Como primeiro pedido ele confessa que pensou na atriz Luana Piovani, mas como isso poderia causar confusão, solicitou o título do campeonato mundial de futebol para o seu time, o Internacional, contra o clube espanhol Barcelona. A proposta foi aceita e aquilo que havia sido pedido aconteceu. Como faltava mais um pedido para ser realizado, e pensando que deveria ser um pedido que beneficiasse a todos os brasileiros, solicitou que o Diabo transformasse o Brasil num país escandinavo. “Um país organizado, sem crime, sem fome, sem injustiça, sem conflitos, magnificamente chato”. A resposta do Diabo foi que isso implicaria no comprometimento da personalidade dos brasileiros e de tudo que nos faz ser um povo alegre e criativo. Como o narrador insistisse que o pedido fosse atendido imediatamente, o Diabo novamente pergunta: “Tem certeza? Já?” E recebe, então a resposta: “Bom... Depois do carnaval”(VERÍSSIMO, 2005 , P. 132).

Evidentemente estes dois divertidos contos de Veríssimo nos remetem à história de Fausto, pois este se constitui no arquétipo do pacto diabólico. O acordo com o Diabo é um dos temas mais presentes tanto na literatura quanto nos relatos históricos. Com efeito, abordando este tema, Papini afirma que

Não há Demonologia científica ou histórica onde não se fale, com erudita e prolixa complacência, dos homens obscuros ou famosos que venderam ao Diabo, sob a forma de um contrato em regra a própria alma. Em todas as obras de teatro em que Satã figura como protagonista, [...] assiste-se à estipulação deste pacto. (s/d., p. 155).

O misterioso doutor Johannes Faustus não existiu somente como um personagem das obras de Spiess, Marlowe e Goethe. Foi um indivíduo que teve uma existência real. De acordo com Cousté (1996, p. 71), “foi possível estabelecer com segurança que Fausto [...] nasceu em Knittliengen, uma pequena aldeia pertencente a Wurtemberg¹⁹, em 1480, e que morreu sessenta anos depois, de volta ao povoado natal”. O Fausto real foi considerado o maior mago do Renascimento. Diz-se que possuía um conhecimento vastíssimo, principalmente àqueles ligados à filologia e à filosofia comprovando, inclusive saber de memória a obras completas de Homero e Virgílio. Cousté (1996, p. 72) evoca a obra de Johan Spiess, o primeiro autor a publicar a história de Fausto, em 1587, que creditava a Fausto os poderes sobrenaturais de levitação, ubiquidade e xenoglossia, além da hipnose e sugestão.

Marlowe é citado por Papini nos dando a conhecer os termos que rezavam no contrato firmado entre Fausto e Mefistófeles:

Primeiro: que Fausto possa ser um espírito em forma e substância.

Segundo: que Mefistófeles será seu servo às suas ordens.

Terceiro: Que Mefistófeles lhe fará e lhe remeterá todas as coisas perdidas.

Quarto: que ele andará na sua casa ou no seu quarto, invisível.

¹⁹ Ou Wittenberg, a cidade onde Lutero afixou, nas portas da igreja local, suas 95 teses que deram início à Reforma Protestante.

Último: que ele aparecerá ao dito Fausto em qualquer momento, na forma ou no aspecto que queira.

Eu, Johannes Faust de Wittenberg, doutor, com o presente ato, cedo corpo e alma a Lúcifer, príncipe do Este e ao seu ministro Mefistófeles e além disso concedo-lhes o direito, decorridos vinte e quatro anos e permanecendo inviolados os artigos supracitados, de transportar o sobredito Johannes Faust, corpo e alma, carne, sangue e bens, à morada deles, onde quer que seja. Pela minha mão: Johannes Faust.

Comparado ao conto *Belzebu.com*, o contrato de Fausto foi bem mais complexo. O narrador do conto de Veríssimo recebe a proposta via *e-mail*, e não dá detalhes do contrato, a não ser o fato da menção de o mesmo ser assinado com sangue. Já em *Alma, Vendo*, não é firmado nenhum pacto devido à ausência de uma das partes: o Diabo. O narrador, após afirmar que havia decidido vender sua alma ao Diabo, faz a seguinte pergunta: como é que se fala com o Diabo? (VERÍSSIMO, 2005, p.17). Sobre este tema, Alberto Cousté reporta a Collin de Plancy, que pesquisou o assunto e informa que

Para invocar o Diabo são indispensáveis certas precauções. [...], deve-se fazer algum sacrifício animal, já que ele gosta de ser tratado como uma deidade. [...] se deve levar em conta nas invocações é que os demônios são ansiosos e vorazes. Não ficam quietos durante o pouco tempo que permanecem em nossa presença, e é necessário centralizar sua dispersão oferecendo-lhes qualquer coisa de que se esteja bem provido (pães, botões, cabelos, etc.). [...] são visíveis apenas a quem os invocou, [...] são particularmente masoquistas: devem ser chamados com insultos e ameaças e tratados duramente quando se apresentam. (1996, p. 73 e 74).

O narrador de *Belzebu.com* não precisou procurar o Diabo, ele é quem foi procurado através de seu endereço eletrônico. O narrador de *Alma, vendo*, porém, ao decidir vender a alma para o Demônio passa a fazer diabruras para conseguir se encontrar com o Diabo: deboche,

devassidão, chutar velhinhas, usar drogas... atitudes que não o ajudaram a lograr o êxito pretendido.

Mas uma noite, pulando uma cerca para estuprar umas galinhas, me dei conta de que minha estratégia estava errada. Quanto mais diabruras eu fizesse, menos valeria a minha alma. Por que o Diabo compraria uma alma que obviamente já era sua? (VERÍSSIMO, 2005, p. 17 e 18)

Este raciocínio corrobora com o pensamento de Papini (s.d. p. 157), para quem as histórias de pacto com o Diabo são *marche de dupes*. Por que o Diabo iria fazer pacto para assegurar almas que, pela atitude de seus donos, já demonstram lhe pertencer?

O protagonista de *Alma*, vendo conclui que, para que o Diabo tenha interesse em sua alma, deve valorizá-la através de atos de bondade. Passa, assim a fazer o contrário do que antes:

Passei a fazer o contrário, a viver uma vida de ostensiva virtude. Em vez de chutar velhinhas, ajudava-as a atravessar a rua mesmo que não quisessem. Tornei-me religioso. Cheguei a me internar em mosteiros, para jejuar e me autoflagelar, na esperança de que o Diabo, que não aparecera nas celas das delegacias onde eu penava minhas ressacas, aparecesse nas celas do meu retiro, onde eu polia e encerava minha alma para melhor comercializá-la. (VERÍSSIMO, 2005, p. 18).

Quanto ao narrador de *Belzebu.com*, a única dedução que nos é permitida fazer quanto aos motivos que levaram o Diabo a lhe oferecer a satisfação de dois pedidos em troca de sua alma é o fato de ser altruísta, o que tornaria sua alma valiosa. Esta inferência é possível ser percebida visto que, mesmo pagando como preço sua própria alma, não utilizou egoisticamente os dois pedidos, mas ao pensar como iria aproveitar o segundo pedido, decidiu-se por “algo que desse alegria a todos” (VERÍSSIMO, 2005, p. 131), o que incluiria os eternos adversários dos torcedores colorados, os gremistas. Estaria, assim, cumprindo a ordenança cristã de amar ao próximo como a si mesmo e amar os inimigos.

A esperança do personagem de *Alma*, vendo poder encontrar-se com o Diabo em um mosteiro não é infundada. Novamente é Papini (s.d. p. 189 e 190) que nos recorda o caso do violinista Giuseppe Tartini que, hospedado em um convento, sonhou com o Diabo que tocava o violino utilizando as notas de uma forma nunca antes vista. Ao acordar, o músico transpôs para a pauta aquilo que lembrava do sonho, compondo a obra que denominou *Trilo do Diabo*. A composição, além de fazer muito sucesso, logrou ser considerada o “primórdio de uma nova era na arte do violino” (PAPINI, s/d., p. 189).

Ao contrário da experiência de Tartini, nosso herói, mais uma vez, não obteve sucesso. Tentou, então, um novo estratagema:

Concluí que só havia uma coisa a fazer: procurar pessoas que, na minha opinião, venderam sua alma ao Diabo, pois nada mais explicava seu sucesso, e perguntar como tinham conseguido. Prometeria absoluta discrição. Ninguém ficaria sabendo das suas transações com o Diabo, eu só precisava da dica. O Diabo lhes aparecera voluntariamente ou fora conjurado? De que forma? Havia algum intermediário, alguém agenciava o encontro? Tinham assinado contrato? Não deu certo. Por alguma razão, nenhum dos que eu procurei reconheceu que devia seu sucesso a um trato com o Diabo, e todos negaram conhecê-lo. (VERÍSSIMO, 2005, p. 18)

Esta parte do conto nos leva a pensar sobre as causas que podem levar um indivíduo a pactuar com o Diabo. O personagem de *Alma*, vendo queria encontrar o Demônio porque ambicionava ser “um homem de sucesso”, o de *Belzebu.com* para ver seu time ganhar o campeonato mundial de futebol. Kelly (2008, p. 305) relata a lenda da *Natividade da Virgem Maria Abençoada* que conta a história de Teófilo, o vigário-geral de um bispado na Sicília que recorreu aos serviços de um mago judeu para invocar o Diabo a fim de reaver o cargo que havia perdido. Já Cousté menciona Non de l’Ellos a mulher “que entregou sua alma em troca da conservação mortal de sua beleza” (1996, p. 74), além do caso do abade Louis Gaufridi, também citado por Papini, que além de fama pediu ao Diabo o poder de se tornar um sedutor irresistível às mulheres. Gaufridi teria sido executado em 1611 e é provável que sua história

tenha inspirado os mitos de Don Juan e Casanova. Já Fausto, assim como Eva, buscava a sabedoria.

Vemos, desta maneira que, nestes relatos, o que move as pessoas a buscar auxílio do Diabo é a ganância, a satisfação própria, o poder, a vaidade, a luxúria e o conhecimento. Ao recorrer ao Diabo para a satisfação de seus desejos o homem estaria, de certa maneira, tentando fugir da maldição lançada sobre a humanidade no Éden de ter que suar o rosto para poder comer o pão, ou seja, trabalhar para obter o sustento, e não estamos aqui nos reportando apenas à alimentação, mas a tudo que possa ser usado para sustentar um indivíduo e seu ego. Assim, o que o homem busca é um pão sem suor, que segundo Papini era o que Satã pretendia com a primeira tentação de Cristo, a de transformar pedras em pão. Que o sustento viesse por milagre, e não com o trabalho. Desta forma, ao pretender libertar o homem desta maldição

ao preço de contrariar a lei divina, ele quer redimir os filhos de Adão de, ao menos, uma das consequências do pecado. Satã apareceria – ao lado do Redentor Espiritual – como um redentor material, um amigo do homem. (PAPINI, s/d. p. 239).

O Diabo Verissimiano é atualizado. Utiliza as ferramentas das novas tecnologias, é informatizado. Sendo um companheiro da raça humana há milhares de anos, o Demônio tem, também, acompanhado o seu desenvolvimento. A despeito de as coisas que envolvem Satã, principalmente os rituais, manterem alguns aspectos antigos, talvez por meros efeitos estéticos, uma forma de impressionar, outros, porém, são alterados para acompanhar as mudanças dos novos tempos. Uma dessas mudanças são os instrumentos musicais. Se Pan e os sátiros se utilizavam dos pífaros e Papini chegou a afirmar que sua preferência era pelo violino, parece que, nos tempos atuais, essa preferência mudou para as estridentes guitarras elétricas. Se, no passado, Paganini²⁰ fomentava a imaginação das pessoas com suas performances nada comportadas e sua imagem pouco convencional, o que dizer dos guitarristas das bandas de rock da atualidade, ainda mais quando ainda ressoa em nossos ouvidos o

²⁰ Niccolò Paganini (1782- 1840) compositor e violinista italiano que revolucionou a arte de tocar violino deixando sua marca como um dos pilares da moderna técnica de violino. Sua aparência nada convencional para os padrões da época deram origem a histórias de que o seu virtuosismo era devido a um pacto com o demônio.

refrão de Raul Seixas afirmando que “o Diabo é o pai do Rock”?²¹ Papini se refere à música como

sendo arte mágica de origem mágica, opera cada dia a mágica transmutação das almas. É quase nigromância, enquanto ressuscita os mortos e dá mais vida aos moribundos; em suma, tem sempre relação, mais ou menos visível com o Demônio. (s/d., p. 191).

Esta declaração do autor italiano fica ainda mais interessante se a relacionarmos com a passagem bíblica de Ezequiel 28:13²², como já vimos, uma das passagens bíblicas utilizadas para explicar a origem do Diabo:

Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: sardônica, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados.

Tambores e pífaros são instrumentos musicais, segue que para alguns intérpretes este texto bíblico também deixa nas entrelinhas a possibilidade de que uma das funções de Lúcifer, quando ainda no céu estaria relacionada à música, evidentemente de louvor a Deus, mas que com a queda do Anjo Rebelde também passou a ser uma arma de sedução em suas mãos, agora como Diabo.

Com todas as tentativas para contactar o Demônio resultando infrutíferas e após conjecturar sobre a possibilidade de uma última tentativa de conseguir sua atenção através de anúncios nos jornais, o narrador se faz a pergunta “Onde está o diabo desse Diabo?” (VERÍSSIMO, 2005, p. 19). A resposta parece ser dada por ele mesmo quando afirma que “o pior é esta sensação de que já estive do seu lado, e não o reconheci” (VERÍSSIMO, 2005, p. 19).

²¹ A este respeito recomendamos a leitura do artigo *O Diabo é o Pai do Rock: A Imagética do Mal na Música Estrangeira*, de Priscila Reis Franz, In: FERRAZ, Salma (Org.). *As malasartes de Lúcifer: textos críticos de teologia e literatura*. Londrina: EDUEL, 2012, p. 139 – 164.

²² A versão utilizada é a Almeida corrigida e revisada fiel. Algumas versões, no lugar de pífaros e tambores trazem engastes e ornamentos. A versão católica utiliza as palavras tamborins e flautas.

Nestes dois contos de Veríssimo podemos conceber a existência de dois Faustos. Aquele de *Belzebu.com* é um Fausto feliz, eufórico, pois, fanático por seu time, teve o privilégio de vê-lo campeão mundial. O desejo de dez entre dez torcedores de futebol. Não se pode esquecer o fato de que, para ser campeão mundial, o clube teve que ser campeão nacional ou conquistar a posição no *ranking* entre melhores do Brasil, e, após, conquistar a Taça Libertadores da América, o que equivale a ser campeão sul americano. Todos estes títulos equivalem a campeonatos que levam um ano inteiro de competições e requerem um grande número de vitórias; logo, foi um ano de muitas alegrias para o fanático Fausto colorado. Não é de admirar que, no país do futebol, estes eventos já foram suficientes para deixar o narrador satisfeito e utilizar o pedido seguinte para beneficiar a todos os brasileiros.

Já o Fausto de *Alma*, *vendo* é um Fausto frustrado, desapontado, porque, a despeito de todas as suas tentativas para comunicar-se com Satã e, vender-lhe a alma, não logrou êxito. O Diabo não lhe deu atenção, desprezou-o. Talvez sua alma não fosse tão valiosa como para suscitar a gula do Demônio, ou mesmo, sem que o narrador pudesse perceber, já lhe pertencia. Outro paralelo que podemos fazer neste conto de Veríssimo é do silêncio do Diabo, ao não responder às insistentes tentativas do narrador para comunicar-se com ele, ao silêncio de Deus em algumas situações quando pessoas desesperadas recorrem ao auxílio divino através de rezas, penitências, promessas e votos sem, contudo obterem resposta ou evidência da graça almejada.

Que face tem o Diabo verissimiano destes contos? É fato que em nenhuma das duas histórias o Diabo se materializa ou aparece. Não é descrito com uma forma definida, mas por inferência, podemos formar uma imagem através de algumas pistas deixadas. Primeiramente o fato de utilizar a internet, ter um endereço eletrônico. É sabido e notório que para se ter um domínio eletrônico como o supracitado *Belzebu.com* e hospedá-lo nos computadores de uma empresa especializada é necessário um cadastro e o pagamento das contas decorrentes. O que acarretaria a criação, mesmo que fictícia de nome, endereço, dados cadastrais, etc. Todas estas informações acarretam a construção de um ser humano, mesmo que fosse irreal, falso. Igualmente o fato de o Demônio advertir o narrador de *Belzebu.com* quanto às consequências de tornar o Brasil um país escandinavo, demonstra certa preocupação com a perda de nossa identidade nacional, o que poderíamos considerar um ato de benevolente humanidade do Diabo. Desta maneira, ainda que

por inferência, poderíamos dizer que o Diabo de Veríssimo no conto *Belzebu.com*, por seus traços humanizados, teria a face de homem.

Poderíamos também concluir que esta é a mesma face de *Alma, vendo*, visto que o narrador confessa que “o pior é esta sensação de que já estive do seu lado, e não o reconheci” (VERÍSSIMO, 2005, p. 19).. Ora, se não o reconheceu é porque o Demônio não aparentava a forma popularmente atribuída a ele. O que é mais provável é que o Diabo tenha estado ao lado do narrador personagem em forma humana.

4.5 Paulo Coelho e a Demo-cracia do Diabo

Nascido numa família de classe média católica, a 24 de agosto de 1947, aos sete anos Paulo Coelho é matriculado em um colégio jesuíta, no Rio de Janeiro. Na década de 1960 trabalhou como diretor e ator de teatro. No fim da mesma década aderiu ao movimento hippie, quando conheceu Raul Seixas, de quem se tornou parceiro em diversas músicas que exercem, até hoje, influência no rock brasileiro. Participou então da dita "Sociedade Alternativa" e compôs para diversos intérpretes, tais como Elis Regina e Rita Lee. Foi nesta época que entrou em contato com as drogas e o ocultismo. Como escritor, apesar das críticas²³, ocupa as primeiras posições no *ranking* dos livros mais vendidos no mundo, num total estimado em 92 milhões de exemplares, em mais de 160 países, tendo suas obras traduzidas para 59 idiomas e sendo o autor mais vendido em língua portuguesa de todos os tempos. Seu livro *O Alquimista* é considerado um dos maiores fenômenos literários do século XX, chegando à lista de livro mais vendido em dezoito países.

Em 2002, Paulo Coelho foi eleito para ocupar a cadeira número 21 da prestigiada Academia Brasileira de Letras (ABL), sob aplausos de uns e críticas de outros. Definido por Fernando Morais como “um sobrevivente” devido a suas experiências com as drogas, satanismo, perseguição, prisão e tortura no período da ditadura militar, além de uma tentativa de suicídio, Paulo Coelho foi incluído pela revista *Época*, em 2009, como um dos 100 brasileiros mais influentes do mundo.

O conto *Lênin desce aos infernos* não foi publicado em nenhum dos livros do autor, mas somente em seu *blog* em 20/02/2007. O relato

²³ Para muitos críticos, os livros do autor não se comparam, em termos estéticos, às obras dos grandes escritores brasileiros. Porém o fato de agradar ao leitor comum contribui para a formação de leitores. Argumenta-se ainda que a leitura de suas obras não é desafiadora porque é isenta de elementos que tirem o leitor de sua perspectiva trivial. Por falarem o que o leitor quer ouvir, os livros do autor poderiam ser melhor classificados como livros de autoajuda.

conta a história de Lênin que, após sua morte, já no inferno, fomenta a insatisfação e a rebelião contra Satanás que, para se livrar da situação, acaba convencendo São Pedro a aceitá-lo no céu. No inferno o Diabo acaba com as rebeliões e fica aguardando que São Pedro devolva Lênin para a danação eterna, fato que acaba não ocorrendo. Passado um ano, já não aguentando de curiosidade, o Diabo vai novamente até São Pedro para sondar como estão se virando com o encenqueiro. A resposta do santo é que nunca tiveram tanta liberdade. Satã pergunta, então, como Deus vê este excesso de liberdade e recebe do porteiro do céu a surpreendente réplica: “Deus? Camarada, Deus não existe!” (COELHO, 2007, s.p.)

O texto de Paulo Coelho traz algumas ideias tradicionalmente aceitas sobre o inferno e o Diabo. A primeira delas é que o inferno é o destino dos seres humanos que não seguiram o padrão de conduta moral apregoado pela igreja. O *Catecismo Católico*, no § 1035 declara que

O ensinamento da Igreja afirma a existência e a eternidade do inferno. As almas dos que morrem em estado de pecado mortal descem imediatamente após a morte aos infernos, onde sofrem as penas do Inferno, "o fogo eterno" (aspas do autor).

O ensinamento católico é que o ser humano é passível de ser enviado ao inferno, após a morte, se estiver em estado de pecado mortal. O *Catecismo Católico* (§1857) também ensina que

é pecado mortal todo pecado que tem como objeto uma matéria grave, e que é cometido com plena consciência e deliberadamente. A matéria grave é precisada pelos Dez Mandamentos.

Ainda de acordo com João Paulo II (apud SIMÓ, s/d, s/ p.), para ser considerado um pecado mortal, as três características - ser matéria grave prevista nos dez mandamentos, ser cometido em plena consciência e de forma deliberada - devem acontecer de forma simultânea na perpetração de um pecado, caso contrário não é uma ocorrência de pecado mortal, mas sim de pecado venial, considerado uma falta mais leve e que pode ser purificada através dos sacramentos da igreja.

Coelho expressa que o motivo de Lênin ter parado no inferno foi por “ser ateu e ter perseguido os religiosos” (2007, s/p.). A perseguição

que Lênin e seus sucessores moveram contra os dissidentes do comunismo, porém, foi algo bem maior que as poucas linhas do conto poderiam resumir. Em sua contracapa *O livro negro do comunismo* a equipe de autores encabeçada por Stéphane Courtois Pesquisador-chefe do CNRS, o Centro Nacional de Pesquisa Científica francês, diretor da revista *Communisme* e coautor do livro *Histoire du parti communiste français*, afirma sua intenção de trazer a público

o saldo estarrecedor de mais de sete décadas de história de regimes comunistas: massacres em larga escala, deportações de populações inteiras para regiões sem a mínima condição de sobrevivência, expurgos assassinos liquidando o menor esboço de oposição, fome e miséria provocadas que dizimaram indistintamente milhões de pessoas, enfim, a aniquilação de homens, mulheres, crianças, soldados, camponeses, religiosos, presos políticos e todos aqueles que, pelas mais diversas razões, se encontraram no caminho de implantação do que, paradoxalmente, nascera como promessa de redenção e esperança. Os autores, historiadores que permanecem ou estiveram ligados à esquerda, não hesitam em usar a palavra genocídio, pois foram cerca de 100 milhões de mortos! Esse número assustador ultrapassa amplamente, por exemplo, o número de vítimas do nazismo e até mesmo o das duas guerras mundiais somadas. Genocídio, holocausto, portanto, confirmado pelos vários relatos de sobreviventes e, principalmente, pelas revelações dos arquivos hoje acessíveis. O terror - o Terror Vermelho - foi o principal instrumento utilizado por comunistas tanto para a tomada do poder quanto para a sua manutenção, e também por grupos de oposição que jamais chegaram ao governo. Os fatos demonstram: o terrorismo de oposição e o terrorismo de Estado, com frequência praticados contra o seu próprio povo, são as grandes características do comunismo no século XX. (COURTOIS. Et. Al, 1999, s/p.).

Essas afirmações, considerando-se Lênin responsável por uma parte da culpa das atrocidades cometidas pelo regime por ele fundado, seriam, de acordo com a doutrina católica, mais do que suficientes para colocá-lo no inferno.

A outra ideia é a de que o Diabo é o senhor do inferno. Pensamento amplamente difundido, aceito e culturalmente assimilado no ocidente cujo exemplo mais emblemático é a *Divina Comédia*, de Dante. Este conceito choca-se com aquele de Satanás como anjo rebelde e inimigo de Deus. Se as almas dos que foram contrários aos princípios divinos, e favoráveis aos princípios diabólicos acabaram no inferno, o reino de Satanás, não deveriam elas ter melhor tratamento por parte daquele de quem foram aliados? Por outro lado, se o Diabo está no inferno castigando aqueles que foram contrários a Deus, não estaria ele exercendo a função de um carcereiro, funcionário das masmorras do Criador, sendo assim, seu colaborador e não adversário?

Este conceito do Diabo como um agente de Deus e não seu inimigo é amplamente difundido por vários estudiosos. Kasper et. al. (1992, p. 16) asseveram que “o diabo, na concepção bíblica, não é fruto de um mero antagonismo dualístico com Deus, mas é originalmente uma espécie de “funcionário” de Deus”. Dois exemplos bíblicos são citados para defender a teoria. O primeiro é o texto que fala do sumo sacerdote Josué: “E ele mostrou-me o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para se lhe opor.” (Zacarias 3:1). Neste texto Satanás seria uma espécie de promotor do tribunal de Deus. Ele acusa o sumo sacerdote por estar com as roupas sagradas manchadas, um claro simbolismo para o pecado. O outro texto é o referente ao patriarca Jó:

E num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles.

Então o SENHOR disse a Satanás: Donde vens? E Satanás respondeu ao SENHOR, e disse: De rodear a terra, e passear por ela.

E disse o SENHOR a Satanás: Observaste tu a meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus, e que se desvia do mal.

Então respondeu Satanás ao SENHOR, e disse: Porventura teme Jó a Deus de balde?

Porventura tu não cercaste de sebe, a ele, e a sua casa, e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste e o seu gado se tem aumentado na terra.

Mas estende a tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face. (Jó 1: 6-11)

Neste texto Satanás está entre os filhos de Deus que vieram se apresentar perante o Senhor e questiona os métodos do Onipotente para conseguir a lealdade de Jó através da concessão de bens materiais e propõe que a fé do patriarca seja testada. De acordo com Jung (apud FERRAZ, 2008, p.74) “Satanás talvez seja um dos olhos de Deus que perambula sem rumo certo pela terra”.

Papini, ao ponderar sobre as duas passagens bíblicas que citamos, conclui que

Satã agia, num certo sentido, como inspetor (sic), “revisor” de Deus em meio dos homens e que Deus escutava benignamente os seus relatos, os seus juízos, as suas acusações. [...] O Diabo, portanto, é um agente de Deus, reconhecido de Deus: algo semelhante a um investigador ou a um acusador público. Dir-se-ia quase um “procurador do Rei do Céu”. (s/d., p. 80 e 81).

Já em *Lênin desce aos infernos*, o Diabo não chega a ter todo este poder. Paulo Coelho utiliza-se da crença geral de Satanás como o senhor do inferno que recebe mais uma alma que não se comportou bem durante sua curta vida humana, a fim de ser por ele atormentada por toda a eternidade. Desta vez, porém, as coisas começam a dar errado, pois

Lênin, indignado, rebela-se contra a situação: organiza passeatas, faz protestos, cria sindicatos com diabos descontentes, incentiva rebeliões. Em pouco tempo, o inferno está de cabeça para baixo: ninguém respeita mais a autoridade de Satanás, os demônios pedem aumento de salário, as sessões de suplício ficam vazias, os encarregados de manter acesas as fornalhas fazem greve. (2007, s/p.).

Pressionado pela situação insustentável, o Diabo se utiliza de um dos mais antigos artifícios de que lançam mão os administradores quando querem se livrar de algum desafeto, mas, por algum motivo, não podem simplesmente demiti-lo: transferir o contendedor para o mais longe possível, já que, no caso de Satã, também estaria totalmente fora de cogitação o assassinato de seu opositor, método que o próprio Lênin utilizou bastante, pois o mesmo já se encontrava na condição de morto.

A solução foi não somente a transferência, mas a promoção de Lênin ao paraíso. Para lograr êxito no seu intento, convence São Pedro a aceitá-lo no céu com o argumento de que o bolchevique, quando em vida, havia procurado lutar por um mundo mais justo. Notamos aqui uma inversão do papel do Diabo. De acusador dos irmãos²⁴ e promotor do tribunal de Deus, para o de advogado do pecador, função que, segundo o Novo Testamento cabe a ninguém menos que Jesus Cristo: “Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo”. (1 João 2:1).

Salma Ferraz já havia detectado esta inversão em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, afirmando que na obra em questão:

A inversão do caráter milenarmente atribuído ao Diabo é completa, pois aqui ele se apresenta generoso, arrependido, humilde, bondoso, características essas que, nos Evangelhos, são atributos divinos, ou seja, o Diabo aqui é o paradigma perfeito do Bem. (2003, p. 188).

Podemos, desta forma, verificar a utilização do elemento de carnavalização de “vida às avessas” mencionado por Bakhtin.

Se na obra de Saramago o Diabo tentou a Deus, em Paulo Coelho o tentado é São Pedro, o seu representante, que inocentemente cede aos argumentos de Satã e aceita a transferência de Lênin para o céu.

Após voltar para o inferno, o Diabo coloca as coisas “em ordem”: “com mão de ferro e alguma violência, termina com os sindicatos de demônios, dissolve o comitê de almas descontentes, proíbe assembleias

²⁴ Conforme Apocalipse 12:10: E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derrubado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite.

e manifestações de condenados” (COELHO, 2007, s/p.), fazendo vigorar novamente a sua demo-cracia: o regime de governo do inferno.

Se a ruína do Comunismo mostrou a penúria, o desconforto e a falta de liberdade com que viviam as nações comunistas, após sua morte o fundador deste regime totalitário transforma-se em um paladino da liberdade como podemos verificar em uma das respostas de São Pedro ao Diabo: “Os anjos são mais livres que nunca, as almas fazem o que bem desejam, os santos podem entrar e sair sem hora marcada” (COELHO, 2007, s/p.). Novamente se faz presente a ação da inversão de papéis que mencionamos anteriormente.

Já na inesperada resposta de São Pedro: “Deus? Camarada, Deus não existe!” (COELHO, 2007, s/p.), podemos perceber que, tanto a colocação da palavra camarada, cujo uso é atribuído aos comunistas soviéticos, na boca de São Pedro, quanto ao surpreendente ateísmo do santo que, de acordo com a igreja católica, foi o primeiro Papa, são elementos utilizados pelo autor para encerrar a narrativa com um estranhamento burlesco. Também encontramos outro elemento da carnavalização: a profanação. Se o Lúifer Rebelde falhou em tentar subverter a ordem no céu e destronar a Deus sendo expulso do Paraíso, o Diabo de Paulo Coelho consegue, através de Lênin, tirar Deus do pensamento dos seres celestiais. O comunismo não conseguiu, nem na União Soviética, erradicar a religiosidade, ópio do povo segundo Marx, da mente humana, esfacelando-se 70 anos após seu surgimento, enquanto a Igreja Ortodoxa continua existindo até hoje. Mas o Lênin de Paulo Coelho logrou êxito em converter ao ateísmo até o primeiro Papa, expulsando Deus do próprio Paraíso.

O Diabo de Paulo Coelho não é descrito fisicamente, mas seguramente não é o anjo rebelde, pois não possui a ambição de tomar o lugar de Deus, embora consiga tirá-lo do Céu. Tampouco apresenta características humanas. Não é um diabo disfarçado de ser humano nem um ser humano com características diabólicas. Como senhor do inferno, o Diabo de Coelho poderia ser classificado como possuindo a face bestial, pois como já vimos anteriormente, principalmente no Diabo apresentado na obra de Dante Alighieri, é desta maneira que o mesmo é concebido quando é visto exercendo a função de senhor do inferno, responsável pela danação das almas que ali ficarão hospedadas por toda a eternidade.

4.6 Walmor Santos e a Saudade dos Velhos Tempos Eternos

Walmor Santos nasceu em São João do Sul, SC, em 16 de agosto de 1950. Autor dedicado aos públicos infantil, juvenil e adulto, atualmente reside em Porto Alegre, RS. É proprietário da WS Editor, uma pequena empresa que se dedica a lançar novos escritores e a levá-los às escolas, dentro do projeto Autor na Sala de Aula. Foi o idealizador do grupo Cria Contos, do projeto Autor na Sala de Aula e do projeto Comunidade Leitora, este, em parceria com Nóia Kern. Foi criador e editor da extinta Revista Literária Blau. Presidiu a Associação Gaúcha de Escritores no biênio 1999-2001. Entre suas várias publicações encontramos romances, literatura infanto-juvenil, poesia, novelas e contos. Recebeu prêmios literários no Brasil e no exterior, entre os quais destacamos o Prêmio Livro do Ano – AGES 2010, Narrativa Longa, por seu romance *Contestado, a guerra dos equívocos*, lançado pela Editora Record.

No livro *Além do medo e do pecado* Walmor publicou seu conto *Nostalgia do amor ausente*. A narrativa, escrita em primeira pessoa, descreve “Aquele que leva o archote”, Lúcifer, expondo de maneira poeticamente bela a saudade que impregna sua alma. Com efeito, Papini (s/d., p. 165) afirmou que foram os poetas que, por serem mais sensíveis do que os teólogos, foram responsáveis por manter viva a figura de Satã entre os homens.

A saudade sentida por Lúcifer não é do lugar onde viveu ou da posição que ocupava, mas a saudade de Gabriel, apresentado no conto como o filho de Deus. Este fato se torna interessante por fugir da tradição bíblica cristã que apresenta Gabriel como um anjo. A primeira vez que o personagem é citado na Bíblia é no livro de Daniel. No trecho bíblico o profeta descreve uma visão que teve no terceiro ano do reinado de Belsazar²⁵, de Babilônia (541 a.C. a 539 a.C.)²⁶ a qual é explicada justamente pelo anjo Gabriel:

E aconteceu que, havendo eu, Daniel, tido a visão, procurei o significado, e eis que se apresentou diante de mim como que uma semelhança de homem. E ouvi uma voz de homem entre as margens do Ulai, a qual gritou, e disse: Gabriel,

²⁵ Foi corregente com seu pai, Nabonido, nos últimos anos de existência do império babilônico.

²⁶ Não é objeto de nosso estudo a datação da escrita do livro de Daniel. Deter-nos-emos tão somente ao tempo da narrativa.

dá a entender a este a visão. E veio perto de onde eu estava; e, vindo ele, me amedrontei, e caí sobre o meu rosto; mas ele me disse: Entende, filho do homem, porque esta visão acontecerá no fim do tempo. (Daniel 8:15 a17).

Nota-se no trecho que, embora o ser visto pelo vidente seja descrito como tendo uma aparência humana, trata-se de um ser sobrenatural, pois há algo nele que faz com que o profeta se assuste a ponto de atirar-se no chão cobrindo o rosto. A aparição seguinte de Gabriel (Daniel 9:21) apresenta outra característica que o identifica como sendo um anjo: poder voar. No capítulo 10 há outra aparição de um ser sobrenatural que não é identificado, embora muitos o reconheçam, pelo contexto dos capítulos, tratar-se também do anjo Gabriel. Esta passagem é a que mais detalhes nos apresenta de sua aparência física:

E levantei os meus olhos, e olhei, e eis um homem vestido de linho, e os seus lombos cingidos com ouro fino de Ufaz; e o seu corpo era como berilo, e o seu rosto parecia um relâmpago, e os seus olhos como tochas de fogo, e os seus braços e os seus pés brilhavam como bronze polido; e a voz das suas palavras era como a voz de uma multidão. (Daniel 10:5 e 6).

O livro de Daniel é o único do Antigo Testamento que menciona Gabriel. No Novo Testamento o anjo só é citado no Evangelho de Lucas. Ele é o anunciador do nascimento de João Batista, o precursor do Messias, e de Jesus, na famosa passagem da anunciação a Maria. No trecho que trata do aparecimento do anjo a Zacarias, futuro pai de João, colhemos mais uma informação que ajuda a formar o mosaico do anjo:

E um anjo do Senhor lhe apareceu, posto em pé, à direita do altar do incenso. E Zacarias, vendo-o, turbou-se, e caiu temor sobre ele. [...] E, respondendo o anjo, disse-lhe: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e dar-te estas alegres novas. (Lucas 1: 11, 12 e 19).

A afirmação do anjo: “Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus”, é surpreendente. Praticamente todas as versões em Português trazem estas palavras ou termos muito semelhantes. Somente a *Nova Versão Internacional* traduz o texto como: “Sou Gabriel, o que está sempre na presença de Deus”, que, no seu contexto, não difere em significado. O evangelista Lucas, ao colocar estas palavras na boca de Gabriel, está praticamente afirmando que este anjo passou a ocupar a posição que, segundo se crê, era de Lúcifer antes de sua queda. Esta tradição é a mais aceita pela cristandade.

Também quando o anúncio do nascimento do Salvador é feito aos pastores de Belém, o narrador diz que um “anjo do Senhor” lhes apareceu (Lucas 2: 8 e 9). São as mesmas palavras utilizadas na narração do aparecimento de Gabriel a Zacarias em Lucas 1: 11. Portanto deve se tratar do mesmo ser.

Para os Islamitas, o anjo Gabriel também desempenha um papel importante. Melanie Miehl em sua obra *O que é o Islã?: perguntas e respostas* (2005, p. 36) afirma que

há uma série de anjos conhecidos por nome ou por sua atividade. O mais famoso certamente é *Jibril*, Gabriel, que no monte Hira chamou Maomé para ser profeta e lhe trouxe os versículos do Alcorão.

Já no conto de Walmor Santos, Gabriel não é apenas um anjo, mas sim o próprio Jesus antes da encarnação. Poderia Jesus ser um anjo? A este respeito vale salientar uma crença defendida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia²⁷. Esta teoria não defende que Jesus seja um anjo, mas sim que Miguel não seja um anjo, e sim um título utilizado pelo Filho, a segunda pessoa da Trindade.

²⁷ Surgida de remanescentes do movimento liderado pelo norte americano Willian Müller, que apregoava a volta de Jesus em 1844, a Igreja Adventista do Sétimo Dia possui cerca de 16 milhões de membros e marca presença em 203 países, dos 232 reconhecidos pela ONU (números de 2010), onde mantém hospitais, clínicas, editoras e fábricas de alimentos saudáveis, além de possuir a maior rede de educação integrada do mundo. Os adventistas creem no retorno de Jesus para restaurar o planeta Terra, destruir os maus e levar os fiéis para o céu onde ficarão por mil anos após os quais Deus executará o juízo final aniquilando Satanás e todos os que não foram para o céu. Creem também que os dez mandamentos, tal como são expressos em Êxodo 20: 1 a 17 continuam em vigor, sendo o maior grupo guardador do sábado, como dia santificado, do mundo. Também consideram os escritos de Ellen White, cofundadora da denominação como mensagens inspiradas pelo Espírito Santo, embora não em pé de igualdade com a Bíblia.

Apresentamos a seguir os argumentos utilizados para fundamentar a teoria.

O primeiro argumento está alicerçado em um estudo da palavra arcanjo. Ela aparece apenas duas vezes na Bíblia. A primeira vez é em I Tessalonicenses 4: 16, cujo contexto é a volta de Jesus: “Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro”. Note-se que texto diz que é o Senhor que tem a voz de arcanjo. O segundo encontra-se em Judas 1: 9, cujo contexto é a disputa com Satanás pelo corpo de Moisés: “Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda”. Comentando este assunto Frank B. Holbrook, no artigo *O Grande Conflito* (2011, p. 1079) afirma que o arcanjo

[...] ignorou as reivindicações de Satanás sobre o corpo de Moisés, com uma simples repreensão ao efetuar a ressurreição do patriarca morto (Jd 9). Este confronto entre o doador da vida e o diabo mostra que Miguel não é um ser comum.

Assim, nas duas únicas vezes em que a palavra arcanjo é mencionada na Bíblia, está relacionada com atividades divinas, a saber, a volta de Jesus que é acompanhada da ressurreição dos justos e sua transladação para o céu e a ressurreição de Moisés após a qual foi o profeta para o céu levado²⁸. Sobre o significado da palavra arcanjo, Alex de Oliveira Palmeira em *Quem é o arcanjo Miguel?: uma exegese de Judas 9*, cita F. Wilbur Gingrich e H. Bietenhard para afirmar que

O grego emprega *αγγελος* (arcanjo) para mensageiro, o embaixador que fala e age no lugar daquele que o enviou.

A palavra arcanjo é formada pelo prefixo *αρχη* (arch), que possui basicamente três sentidos:

- 1) início, origem, princípio (Mt 19:4; 24:8; Mc 1:1; 13:18; Lc 1:2; Jo 1:1; 15:27; At 11:15);
- 2) reino, domínio, esfera de influência (Jd 6);

²⁸ Sobre a ressurreição de Moisés é esclarecedor o artigo *Moisés estava morto ou vivo?*, de Lucas Banzoli, disponível em <http://lucasbanzoli.no.comunidades.net>. Acesso em 30/10/2012

3) líder, autoridade, oficial, príncipe (Lc 12:11; 20:20; Tt 3:1). É usado para anjos e demônios (Rm 8:38; 1 Co 15:24; Cl 2:10, 15). (2006, p. 28 - 29)

Desta maneira a palavra arcanjo seria designada para se referir a alguém que é chefe, comandante dos anjos (ou de demônios).

Já o segundo argumento é o nome Miguel. Para P. J. Budd apud PALMEIRA (2006, p. 28 – 29), este nome significa “quem é como Deus?”; sendo que, no original o nome não possui o sinal interrogativo, que é mera dedução de ser um desafio ao Diabo por sua pretensão de ser igual a Deus, poderíamos também inferir a hipótese de ser uma afirmação, o que colocaria Miguel como sendo o próprio Filho de Deus, ou seja, a segunda pessoa da Trindade.

O nome Miguel aparece duas vezes no Novo Testamento. Precisamente em Judas 9, ele é identificado como sendo um arcanjo e em Apocalipse 12: 7 é apresentado comandando os anjos contra o Dragão e seus aliados que é identificado no versículo 9 como sendo a antiga serpente, Diabo e Satanás. No Antigo Testamento o nome Miguel aparece, apenas três vezes, nos escritos do profeta Daniel (10:13, 21; 12:1).

Em Daniel 10:13, Miguel é mencionado como sendo “um dos primeiros príncipes” e no verso 21 do mesmo capítulo como sendo “vosso príncipe”. Ele dá socorro aos anjos e aos homens na luta contra as hostes do mal. Em Daniel 12:1 ele é o defensor dos filhos de Deus.

Para efeito didático comparamos abaixo algumas características similares existentes entre Miguel e Cristo:

Tabela 2 - Comparações entre Miguel e Cristo.

Miguel	Cristo
Em Judas 9, contende com o Diabo e o repreende em nome de Deus.	Em Mateus 4: 1 a 9, Jesus é tentado pelo Diabo e o vence utilizando a palavra de Deus (Bíblia).
Em Apocalipse 12: 7, expulsa o Diabo do céu.	Em Mateus 4: 10 e 11, expulsa o Diabo de sua presença.
Em Daniel 10: 13 e 21, é chamado de príncipe.	Em Isaías 9:6 o Messias é chamado de príncipe da paz e em Atos 5: 31 é afirmado que Deus exaltou Cristo à condição de príncipe.
Em Daniel 12: 1, é descrito como “o grande príncipe defensor dos filhos do teu povo” (Israel).	Defender o povo de Deus é um papel de mediador que, conforme I Timóteo 2: 5, é atributo exclusivo de Cristo.

Ainda de acordo com Holbrook (2011, p. 1079 - 1080),

Embora Miguel seja descrito como “o” chefe ou cabeça (*arche*) dos anjos, a escritura revela que o líder dos anjos é um personagem divino e não um anjo criado. Quando Josué veio à presença do “comandante” [heb. *sar*] do exército [a hoste celestial de anjos] do Senhor, prostrou-se e O (sic) adorou, e obedeceu a ordem: “Descalça as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é santo” (Js 5: 13 a 15). Visto que os seres humanos estão proibidos de adorar a anjos, o líder principal dos anjos deve ser um Ser divino (cf. Ap. 19:10; 22: 8 e 9). [...]

Pelo fato de Miguel, na condição de personagem celeste, parecer ter poderes e autoridade para ressuscitar e exercer funções mediatórias, muitos cristãos creem que Ele (sic) é Deus Filho, assim descrito em seu estado preexistente. (itálicos, parênteses e colchetes do autor)

Apesar de não ser aceita por grande parte da cristandade, a associação de Miguel com a pessoa de Cristo é plausível levando-se em conta os argumentos ora apresentados.

Não obstante, no texto de Walmor Santos é Gabriel e não Miguel aquele que é Jesus antes da encarnação, o que pode ser observado nas palavras “Desde a separação nos vimos poucas vezes, mas nos buscamos sempre. Em uma delas, ele veio à Terra como o Filho de Deus” (1996, p. 123). Este não é o único trecho do conto que apresenta inconformidade com o conteúdo bíblico. A narrativa faz ainda a troca do nome do lugar onde Jesus transformou água em vinho chamando-o de Canaã (1996, p. 123). O relato bíblico no evangelho de João (2: 1 a 11) menciona a aldeia onde houve o casamento em cuja festa aconteceu o primeiro milagre de Jesus como sendo Caná. Canaã é o território situado entre a Síria e o Egito, no qual os israelitas se estabeleceram. No entanto, em outros trechos, a obra apresenta intertextualidade tanto com o relato bíblico quanto com a tradição cristã.

Na presente análise pretendemos estabelecer uma proposta de que a narrativa de *Nostalgia do amor ausente* desenvolve-se em torno de um eixo central o qual pode ser percebido lançando-se sobre o texto um

olhar mais cuidadoso. Esse eixo central poderia ser resumido da seguinte maneira: para implantar a sabedoria nos seres humanos, Deus se utilizou de Lúcifer, mas como a sabedoria trouxe aos homens também a maldade, Gabriel, na forma terrena de Jesus, foi enviado com a missão de salvar a humanidade do mal. As missões de Gabriel e Lúcifer, embora partes diferentes de um plano comum, paradoxalmente afastaram os dois personagens que são, na verdade, almas gêmeas. Este plano também, na perspectiva do narrador, foi usado por Deus para afastá-los, pois seu amor perturbava o Criador. Após o cumprimento do plano divino eles se reunirão novamente.

A apresentação da obra de Santos enfocando Lúcifer e Gabriel como almas gêmeas nos remete a Lactâncio (apud PAPINI, s/d., p. 93), teólogo que viveu na segunda metade do século III e início do IV, que escreveu:

Deus, antes de criar o Mundo, engendrou um espírito semelhante a Ele, cumulado das virtudes do Pai. Em seguida, engendrou outro, no qual o cunho da origem divina se apagou, porque foi manchado pelo veneno da inveja e por isso passou do bem ao mal... Foi invejoso do seu irmão primogênito que, ficando unido ao Pai, se assegurou do Seu afecto (sic). Este ser que, de bom se tornou ruim, é chamado Diabo pelos Gregos.

Esta declaração de Lactâncio, embora não tenha se propagado no cristianismo, coloca Lúcifer como irmão mais novo da figura divina conhecida como o Filho, Jesus. No conto, porém, o que parece acontecer é o inverso. Gabriel (Jesus, segundo o autor) não seria parte da trindade divina, e sim um anjo exaltado, alma gêmea de Lúcifer.

As palavras “Lembra: eu sou *o que leva o archote*; ele, *o iniciador das coisas*” (SANTOS, 1996, p. 123, *itálicos do autor*), remetem às missões de Lúcifer e Gabriel. Estas missões, porém, são antagônicas, como pode ser evidenciado na declaração “Quando choramos, compreendi o que ele já sabia: trabalhávamos com o mesmo propósito, porém, atravessando luz e trevas nos milênios seguintes, não nos reencontraríamos” (SANTOS, 1996, p. 124). Também o fato de que um trabalharia através da luz e outro das trevas, acarretou o afastamento e o sofrimento aos dois personagens.

A escolha por parte de Deus para estabelecer a missão de cada um foi feita a partir da força: “E como bom Senhor, protegeu, dentre dois, o mais fraco. Saí expulso, mentem” (SANTOS, 1996, p. 121). Podemos deduzir que a Lúcifer, por ser o mais forte, foi dada a missão mais difícil de suportar. Teve a incumbência de ausentar-se do céu e ainda sofrer a calúnia de que sua ausência era fruto de uma expulsão do céu. Os anjos menores chegaram a ser proibidos de cantar sobre ele. Em diversas partes do texto, Lúcifer reitera que todo o mal que se fala sobre ele não é verdadeiro:

Desde então, meu apelido corrói os tempos anunciando *aquele que arma ciladas*. Bazófia: o homem dispensa Satanás e sabe perder-se por si mesmo. Vós, humanos, retratais-me de um feio assemelhado a vossa mesquinheza (sic). Que sabeis da vida e do amor? [...] os intermediários entre Deus e os homens, sentindo que escapais de suas garras; apelidaram-me de besta, dragão, serpente - pobres bichos! Pergunto-vos: como podem me descrever se não me compreendem? [...] Nas Escrituras, puseram em minha boca palavras que eu jamais diria. (SANTOS, 1996, p. 122, 123).

A missão de Lúcifer de trazer a sabedoria aos homens é evidenciada em várias partes do texto. Elencamos, a seguir, alguns aspectos deste tema.

No fragmento “Se vos revelei o pecado foi porque desvelei vossa hipocrisia, livrando-vos dos extremos entre o Bem e o Mal, estreitos limites da ignorância (sou o que traz a luz, lembrai)” (SANTOS, 1996, p. 122) podemos estabelecer o pressuposto de que a ausência de sabedoria do homem estava ligada a uma vida sem equilíbrio. Porém, mesmo afirmando seu amor por Gabriel em vários trechos da obra, Lúcifer também o acusa de, ao contrário dele mesmo, manter-se no extremo o bem: “Continuamos nos amando, sei. Mas, enquanto gozo da malícia que admite o meio entre o maniqueísmo dos extremos, ele sofre os estreitos limites do bem.” (SANTOS, 1996, p. 124).

A afirmação do Lúcifer de Walmor Santos de ter revelado o pecado é acompanhada de outras bastante emblemáticas: “Sabeis: o homem é inseparável do pecado e do conhecimento. Aprendeis: por um,

chega-se ao outro; por ambos, chega-se a Deus.” (SANTOS, 1996, p. 124); “também obedeço à lei” (SANTOS, 1996, p. 123). Estas afirmações são mais bem compreendidas levando-se em conta alguns princípios da soteriologia de São Paulo. Para o apóstolo dos gentios, “pela lei vem o conhecimento do pecado” (Romanos 3: 20), ou seja, as leis de Deus é que mostram em que aspecto de sua vida o ser humano está errando (pecando). Concernente ao pecado original ele ensina que “por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte” (Romanos 5: 12). Também declara que “onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna” (Romanos 5:20 e 21).

Demonstramos abaixo uma comparação entre os ensinamentos de Paulo e as declarações do Lúcifer de Walmor Santos:

Tabela 3 - Comparações entre declarações do Lúcifer de Walmor Santos e os ensinamentos de Paulo

Declarações de Lúcifer	Ensinamentos de Paulo
“Se vos revelei o pecado foi porque desvelei vossa hipocrisia” (p. 122).	“pela lei vem o conhecimento do pecado” (Romanos 3: 20).
“Sabeis: o homem é inseparável do pecado e do conhecimento” (p. 122)	“Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram”. (Romanos 5: 12)
“Aprendeis: por um, chega-se ao outro; por ambos, chega-se a Deus.” (p. 122)	“onde o pecado abundou, superabundou a graça [de Deus]; para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça [de Deus] reinasse pela justiça para a vida eterna” (Romanos 5:20 e 21)

Assim, parecem concordar, pelo menos nos aspectos apresentados, as palavras de Lúcifer com os escritos paulinos.

A maneira como o texto é apresentado deixa transparecer que Lúcifer, provavelmente por não ter outra alternativa, está cumprindo a tarefa a ele designada, mas apresenta também sua revolta pelo afastamento de sua alma gêmea. Ele até tentou dissuadir Gabriel, mas este se negou a abandonar sua missão:

Na verdade, instiguei-o a permanecer aqui. Negou-se. Tentei abri-lhe os olhos [...]. Recitei-lhe todos os salmos e ofereci-me vencido para que ele renunciasse a sua missão e ficasse comigo. [...] Ele derramou lágrimas de sangue, mas resistiu; eu, eu odiei o Criador. (SANTOS, 1996, p. 123 - 124).

Como se vê, o Lúifer de Santos também nutre ódio para com o seu Criador bem como antagoniza com o mesmo, buscando a simpatia dos seres humanos e oferecendo-lhes o prazer em oposição ao sofrimento que, segundo ele, é o que Deus tem a oferecer:

Sou amado, afirmei. Mais amado do que Deus, ouso blasfemar: de mim, não vos apartais por vontade. Nem Gabriel conseguiu. Se Deus precisa de milagres, sacrifícios, dor e desespero para conquistar a um de vós, eu, no entanto, conquisto-vos pelo voyeurismo, pelas nuances do amor, pelo prazer da mesa. Vede os templos vazios nos dias santos e as ruas superlotadas nos carnavais. (SANTOS, 1996, p. 122).

Ao afirmar o personagem que nele está a “Vida e a Sabedoria, a plenitude do Belo e do Prazer” (SANTOS, 1996, p. 122), arroga a si também a criação das artes, da poesia, da literatura, certamente parte importante de sua incumbência de trazer o conhecimento à humanidade. Sobre este assunto Papini comenta que:

A criação da obra de arte exige e implica uma certa dose de sensualidade e uma certa dose de orgulho, e envolve por isso uma tal ou qual cumplicidade, nem sempre apercebida, com o Demónio (sic). Um artista que não tenha qualquer familiaridade com o Adversário, seja embora para se esquivar dele e dominá-lo, não pode ser um verdadeiro artista. [...] Ao Diabo nunca foi negada uma peculiar genialidade perversa e seria estranho que não tivesse aproveitado, ajuntando-a às outras suas artes maléficas, também a arte literária exercida pelos homens. (s/d., p. 172 - 173).

Em um dos trechos mais importantes da obra, Walmor Santos expressa de forma poética o modo como concebe o momento da inspiração dos poetas:

Em certas noites, busco o pico mais alto da Terra e ponho-me a escutar o cosmo. No coração da estrela mais recôndita vibram instrumentos desconhecidos para vós, mas que eu identifico um a um. Calo-me e deixo-os plangendo as fibras do meu triste coração. Depois, deles aparto a voz que canta, a única que me toca. Sofro a mesma angústia da canção e pranteio os milênios de saudade. Aí me sinto um pobre mortal em sua hora de absoluta prostração. Experimento o que Gabriel sofreu daquela vez, no Gólgota. Tento o consolo: ele é mais insípido que uma cama sem amantes, uma bebida sem álcool, um almoço sem o cigarro depois. Amar é a maior das provações (palavra daquele que traz a luz). Inútil e desesperado, sobrevoa a Terra em busca de igual sensibilidade nos artistas e, sem piedade, oprimo-lhes a alma até que estilem sangue e obras sublimes. (SANTOS, 1996, p. 124).

Note-se que o enfoque está na dor e no sofrimento provocados pelo amor e pela distância. O trecho que fala sobre as estrelas que cantam lembra também a passagem bíblica na qual Deus fala a Jó sobre o momento da criação, “quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus jubilavam” (Jó 38:7)

Outro aspecto importante da obra é sua alusão ao retorno de Lúcifer ao céu, retomando o conceito de apocatástase, o qual já comentamos anteriormente. O conto é iniciado com o personagem falando de sua solidão seu reencontro com Gabriel:

Em alguns momentos, sinto-me terrivelmente só, embora alguém espere por mim. [...] enviou-me, deixando Gabriel em pia solitude. Nesse dia, criamos as palavras Saudade para descrever o que sentiríamos pelo eterno devir e Esperança como *leitmotiv* para nosso reencontro. (SANTOS, 1996, p. 121).

Bem como é encerrado comentando sua expectativa deste momento tão esperado:

Minha dor não é a dor dos excluídos; é a nostalgia do amor ausente, a expectativa de amor no futuro. E pensar em dor eterna é terrível. Consola-me a certeza de revê-lo

quando tudo se cumprir. Neste dia não haverá passado, nem bem nem mal. Entre constelações voaremos, e nossas asas se tocarão tão sutilmente que até o hálito do Criador se aquecerá. (SANTOS, 1996, p. 124).

Conquanto afirme odiar o Criador, o anjo rebelde demonstra certeza na apocatástase. Talvez seja este o motivo de, embora rebelde, continue trabalhando, mesmo à sua maneira, no intuito de cumprir sua missão.

Em alguns aspectos a obra de Walmor Santos concorda com a Bíblia e as tradições cristãs, em outros diferem. Ao divergir dos conceitos religiosos *Nostalgia do amor ausente* não pretende refutá-los muito menos estabelecer uma nova proposta religiosa, mesmo porque este não é o objetivo literário. É o próprio autor quem afirma que

A Arte não tem compromissos com a “verdade”. Em primeiro lugar, não acredito em demônios, do modo cristão, de alguém criado perpetuamente voltado para o “mal”. Aliás, nem no mal acredito. O que importa é a metáfora que propus do bem e do mal serem completudes do ser. (2012, s.p., aspas do autor).

Posto que uma obra deixe de pertencer exclusivamente ao autor a partir do momento em que a mesma é compartilhada, As possibilidades de leitura da mesma, embora possam divergir em alguns pontos, tendem a caminhar em uma mesma direção, e a direção pretendida por Santos para sua obra mostra-se perfeitamente razoável. Também faz-se necessário levar em consideração que “através da linguagem, o homem pode criar um mundo paralelo constituído por significados com outros seres humanos” (SCHWANITZ, 2010, p. 429). Isto é precisamente o que Walmor Santos faz ao nos brindar com o mundo de *Nostalgia do amor ausente*. Um mundo que nos descortina uma imagem formada pelo sofrimento de uma ausência. Um mundo formado por palavras arranjadas de maneira poética e bela. Neste mundo uma obra literária esplêndida surge quando Lúcifer, não suportando mais a angústia da ausência, procura um artista com sensibilidade para oprimir-lhe a alma sem piedade até fazê-lo estilar sangue e uma obra sublime. Walmor Santos não somente criou este mundo como esteve lá, tendo sua alma oprimida e deixando gotas de seu sangue diante do Anjo Sofredor para fazer chegar até nós a *Nostalgia de um amor ausente*.

A face apresentada nesta obra de Santos é, evidentemente, a face de anjo.

Considerações Finais

Somos, como seres religiosos, prisioneiros da revelação sinaica, por mais que nos rebelemos contra essas grades. É esse o projeto dentro do qual fomos jogados e é essa, no fundo, nossa definição de ocidentais dentro da qual existimos. (FLUSSER, 2002, p. 19)

Para a presente etapa afluiu toda a pesquisa e análise exposta nos quatro capítulos desta dissertação. O objetivo dessas considerações, por conseguinte, é apresentar algumas ponderações que poderão incrementar nossa abordagem da maneira como o Diabo é apresentado nos contos analisados em nosso estudo.

Em princípio, é necessário considerar ainda o que declara Iza Chain em sua obra *O Diabo nos porões das caravelas*:

Seria realmente impossível para os homens que empreenderam a grande aventura dos Descobrimentos –fossem eles laicos ou religiosos– cruzarem o Atlântico sem trazerem em sua “bagagem” imaginária os tão bem delineados contornos do Diabo. Afinal, em toda a Europa do começo da Idade Moderna, as populações mantinham diálogo constantes com o medo desta potente personagem, com a morbidez e sofrimentos ímpares de suas moradas abissais e com a inevitável fragilidade frente aos “seus” ataques e os de “seus” seguidores, não se portando de maneira diferenciada, quanto àqueles aspectos, as mentalidades da sociedade lusitana. (2003, p. 121).

Levando-se em conta a afirmação da autora, fica evidente que a herança cultural dos colonizadores portugueses é essencial para entendermos as abordagens do Diabo por parte dos autores brasileiros.

Logicamente a religiosidade brasileira não é meramente o resultado desta herança europeia. Como demonstrou Chain em seus estudos, o catolicismo imposto pela Igreja com o apoio da coroa portuguesa encontrou na heterogeneidade da colônia brasileira “uma das mais genuínas expressões históricas de resistência cultural ao colonialismo lusitano dos séculos XVI e XVII” (2003, p. 121).

Também não podemos ignorar as contribuições posteriores dos imigrantes das mais diversas partes do mundo e que tornaram o Brasil em uma dos países mais multiculturais do mundo.

Não obstante o sincretismo resultante do embate das diversas etnias e raças que acabaram formando o povo brasileiro e sua cultura, a figura do Diabo, considerando-se a predominância do pensamento judaico-cristão ocidental tal qual apresentamos neste estudo, permaneceu no imaginário coletivo da população.

Até essa etapa da pesquisa pudemos formar as três faces do Diabo, que representam as formas mais comuns de como este ser, que representa o mal, é apresentado na literatura, a saber:

1. A face de anjo engendrada através da interpretação bíblico-cristã do anjo que se rebelou contra Deus e se tornou seu inimigo, Satanás, enganando o par edênico e tornando-se o Príncipe deste mundo.

2. A face bestial, quer apresentada através de arquétipos zoomórficos como serpente, dragão, macaco, cão, etc., quer aquela de monstros multiformes arquitetada pelos dominadores da religião na Europa medieval e moderna para subjugar as mentes das massas e manter nas mãos o poder político e religioso.

3. A face humana, estabelecida ou por um homem aparentando excentricidade incomum, ou, como mais comumente aconteceu, através da mulher geralmente acusada de bruxaria ou outras afinidades com o Diabo. Poderia ser ainda, qualquer um, desde que seja alguém a quem se tenha a intenção de denegrir, diminuir ou acusar.

Em *O Hóspede*, de Frei Betto, o Diabo possui a face de Besta. Sua aparência é descrita como possuindo

o rosto afunilado, o cavanhaque triangular, as orelhas de abano, a testa larga e rugosa, o nariz proeminente, os olhos púrpura, o sorriso drástico e, sobre a cabeça, dois chifres pontiagudos. [...] [Os] pés eram patas equestres e as pernas, troncos cabeludos. As mãos tinham crescido e os dedos,

longos como os de símios, traziam unhas descomunais. (BETTO, 2005, p. 18 e 22).

Mas também possui a face humana, pois os vizinhos do hospedeiro veem o seu hóspede como pessoa humana, apesar de cada um descrevê-lo de maneira diferente.

Em *Eu e Bebu na Hora Neutra da Madrugada*, de Rubem Braga, vimos também a existência de duas das faces do Diabo: a face de homem e a face de anjo. A face humana pode ser vista nas atividades humanas desempenhadas por Bebu ao acompanhar a rotina do Rubem narrador. Atividades típicas de um ser humano comum. A face de anjo é confessada por Bebu ao comentar sua rebelião no céu. Rubem também percebe a característica angelical de Bebu quando narra: “Bebu me olhou com seus olhos escuros e me respondeu com um sorriso de anjo: - Vou à missa.” (BRAGA, 2002, p. 49).

Em *Belzebu.com* e *Alma, vendo*, de Luis Fernando Veríssimo, a face do Diabo é a face humana. Como já mencionamos, o Diabo possui um endereço e um domínio eletrônico em *Belzebu.com*, o que acarretaria a criação, mesmo que fictícia de nome, endereço, dados cadastrais, etc. com a consequente construção de um ser humano, mesmo que este fosse irreal, falso. O Demônio também adverte o narrador de *Belzebu.com* quanto às consequências de tornar o Brasil um país escandinavo, demonstrando certa preocupação com a perda de nossa identidade nacional, um ato de benevolente humanidade do Diabo. Poderíamos também concluir que esta é a mesma face de *Alma, vendo*, visto que o narrador confessa a sensação de que já esteve ao lado do Diabo, e não o reconheceu (VERÍSSIMO, 2005, p. 19). Ora, se não o reconheceu é porque o Demônio poderia ter estado ao seu lado em forma humana.

Em *Lênin Desce aos Infernos*, de Paulo Coelho, a face do Diabo apresentada no conto é a face de besta, reconhecida mais pelo que não é apresentado do que pelo que é. Não é a de anjo rebelde, pois não possui a ambição de tomar o lugar de Deus, embora consiga tirá-lo do Céu. Também não apresenta características humanas para ter esta face. Escolhemos a face de besta porque esta é aquela que mais aparece nos relatos em que o Diabo é descrito como o senhor do inferno, responsável por torturar as almas que ficarão internadas nas masmorras da eternidade.

Em *Nostalgia do Amor Ausente*, de Walmor Santos, o nome Diabo nem sequer é citado. O protagonista se apresenta como Lúcifer,

aquele que traz a luz e rejeita a alcunha de Satanás, aquele que arma ciladas, dizendo que o homem “sabe perder-se por si mesmo” (SANTOS, 1996, p. 122). Ele é o anjo que almeja o reencontro com sua alma gêmea, Gabriel, no dia em que “não haverá passado, nem bem nem mal. Entre constelações voaremos, e nossas asas se tocarão” (SANTOS, 1996, p. 124), ficando evidente a apresentação, na obra, do antagonista de Deus com a face de anjo.

No *corpus* de nossa pesquisa está presente, de acordo com o nosso entendimento, uma amostra significativa e representativa dos autores brasileiros. Frei Betto é um erudito religioso que possui uma participação ativa tanto como fundador bem como apoiador de organizações não governamentais ligadas ao trabalho social, politização e melhoria da qualidade de vida das classes menos favorecidas. Sua intensa atividade não o impede de produzir uma extensa obra literária composta atualmente por cerca de cinquenta e três livros editados tanto no Brasil quanto no exterior.

Rubem Braga, falecido em 19 de dezembro de 1990, foi detentor de uma carreira jornalística que durou mais de 62 anos, escrevendo para os principais jornais do Brasil. Deixou-nos um legado de mais de 15 mil crônicas nas quais demonstrou seu talento para extrair grandes temas das trivialidades do cotidiano. Reconhecido por grandes autores e estudiosos da literatura como Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Afrânio Coutinho e Davi Arrigucci Jr., é considerado o maior cronista brasileiro depois de Machado de Assis.

Luis Fernando Veríssimo é jornalista, tradutor, escritor de romances, poesias, roteirista, músico, cartunista e um dos mais conhecidos e apreciados autores de contos e crônicas deste país. Tendo publicado cerca de 74 livros, é um dos autores brasileiros que mais vende livros na atualidade, ficando, possivelmente, atrás somente de Paulo Coelho. Sendo o maior cronista brasileiro em atividade, tornou-se como que um sucessor de Rubem Braga.

Paulo Coelho é membro da Academia Brasileira de Letras e o autor brasileiro mais vendido e traduzido de todos os tempos. Sua produção tem colaborado para iniciar novos leitores no mundo da literatura.

Walmor Santos, detentor de vários prêmios literários, é um autor que se destaca pela qualidade de suas obras e por sua luta em favor de uma educação de melhor qualidade. Tendo montado sua própria editora,

a exemplo de Monteiro Lobato e Rubem Braga, tem contribuído muito no incentivo à formação de novos escritores.

Todos esses autores conquistaram o reconhecimento seja pelo público leitor, seja pela crítica especializada, fato este comprovado também pelos prêmios literários a eles laureados tanto no Brasil bem como no exterior, comprovando a importância de suas respectivas obras para a literatura brasileira contemporânea.

Nas obras que analisamos pudemos notar que o Diabo é apresentado, ora com uma das faces propostas, ora com mais de uma, no entanto, sempre é destacado revelando-se com um dos rostos apontados pela presente pesquisa. Uma visão mais ampla da comparação entre as obras pode ser visualizada na página 147.

Também foi possível observar um fenômeno a que denominaremos de desteologização do Diabo. O ser por muitos séculos considerado como a personificação do mal perdeu seu poder de infligir o temor aos mortais. Marcos Renato Holtz de Almeida, em seu artigo *O Diabo e a Indústria Cultural: as diversas faces da personificação do mal nas telas de cinema*, chama a atenção para o fato de que

Com o surgimento e ulterior desenvolvimento das sociedades de consumo do século XX, aliado a crescente presença da Indústria Cultural no campo das produções culturais, os antigos mitos, lendas, histórias populares, entre outras manifestações culturais, tornaram-se elementos passíveis de serem apropriados e transformados em mercadorias cuja finalidade não era a de manter vivas as antigas lendas e saberes, e sim de torná-las aptas a serem consumidas em larga escala, porém, desprovidas de seu significado original e reduzidas a produtos fragmentados, tanto na origem quanto à finalidade. (2010, s/p.).

Por este processo passou o Diabo. E foi principalmente a cultura consumista dos séculos XX e XXI que o transformou em objeto de consumo. De acordo com Minois (2003, p. 128).

O Diabo é tanto mais eficaz como agente publicitário quanto maior for a folclorização da sua figura e esta acentuar a sua dimensão de paupmandado inofensivo. Em pano de fundo,

Tabela 4 - Comparações entre as obras analisadas

Título dos contos	<i>O hóspede</i>	<i>Eu e Bebu na hora neutra</i> <i>madrugada</i>	<i>Alma, vendo</i>	<i>Belzebu.com</i>	<i>Lênin desce aos infernos</i>	<i>Nostalgia do amor ausente</i>
Títulos dos livros	<i>Treze Contos diabólicos e um anêmico</i>	<i>200 crônicas escolhidas</i>	<i>Orgias</i>	<i>Orgias</i>	—	<i>Além do medo e do pecado</i>
Autores	Frei Betto	Rubem Braga	Luis Fernando Verissimo	Luis Fernando Verissimo	Paulo Coelho	Walmor Santos
Local de nascimento	Belo Horizonte - MG	Cachoeiro do Itapemirim - ES	Porto Alegre - RS	Porto Alegre - RS	Rio de Janeiro - RJ	São João do Sul - SC
Editora da obra	Editora Planeta do Brasil	Editora Record	Objetiva	Objetiva	Não foi publicado em livro	Mercado Aberto
Número de páginas do livro	130 páginas	488 páginas	132 páginas	132 páginas	—	125 páginas
Número de páginas do conto	6 páginas	5 páginas	3 páginas	2 páginas	—	4 páginas
Posição do conto no livro	1º de 14 contos	15º de 200 crônicas	3º de 34 contos	34º de 34 contos	—	13º de 14 contos
Face do Diabo apresentada	Face de besta e face humana	Face de anjo e face humana	Face humana	Face humana	Face de besta	Face de anjo

invisíveis, como aranhas nos seus buracos, os demônios do capitalismo estão sempre à espreita, tais modernos satanases reinando sobre um mundo submetido à lei do lucro.

Hoje é comum vermos o Diabo representado nas telas do cinema e na TV, nas músicas das bandas de *Heavy Metal*, nas propagandas de produtos, jogos de videogame, etc. Se a posse dos *djins* e dos demônios da garrafa era cobiçada por aqueles que acreditavam que esses seres poderiam lhes conceder a fortuna, parece que foram os publicitários que descobriram a maneira mais eficaz de utilizar o Diabo para ganhar dinheiro.

Nos contos analisados já podemos ver parte desta transformação do Diabo. Em nenhuma das narrativas a presença do Demônio assusta seus interlocutores. O Bebu de Rubem Braga chega a ser repreendido pelo narrador até com certa falta de respeito, levando-se em conta que estava falando com o próprio Diabo, o Senhor das Trevas, a Personificação do Mal: “- Bebu – deixe de ser chato – rebati” (BRAGA, 2002, p. 47). Os Diabos de Luis Fernando Veríssimo são tratados como *djins*, gênios que concedem desejos como aquele narrado no conto da lâmpada mágica de Aladin. O Diabo de Paulo Coelho não consegue subjugar Lênin que acaba provocando a maior confusão no inferno. Somente o Anjo Rebelde de Walmor Santos parece destoar mantendo um cunho de base teológica.

Foi Massaud Moisés que enfatizou em sua obra *Literatura, Mundo e Forma* (1982, p. 70), que o discurso literário não está condicionado ao contexto histórico como sendo este a causa e aquele o efeito, mas que também não se pode ignorar que haja influência do meio e do momento histórico na produção literária. Assim poderíamos inferir que obras que analisamos neste estudo também são, nas devidas proporções, influenciadas pelo momento deste fenômeno de transformação do Diabo.

Não podemos também esquecer que o Diabo, concebido como fenômeno de manifestações sociais, sofreu várias metamorfoses ao longo da história humana. Se levarmos em conta que a religiosidade não decresceu, pelo menos da maneira como se propalava em fins do século XX, o Diabo, embora certamente deva passar por novas metamorfoses, continuará sendo tema recorrente e de importância tanto na teologia quanto na literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Bíblia sagrada. Versão corrigida e revisada fiel. Traduzida por João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana, 1994.

A BÍBLIA sagrada. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª edição. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

AGOSTINHO. *A Cidade de Deus (Contra os Pagãos), parte II*. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *O Livre-Arbítrio*. Trad. Ir. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.

ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*. Tradução e notas de ZILLER, João Trentino; notas de leitura de HANSEN, João Adolfo; notas à *Comédia* de Botticelli de XAVIER, Henrique P.; desenhos de BOTTICELLI, Sandro. Cotia / Campinas: Ateliê Editorial / Editora da Unicamp, 2010.

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. *O Diabo e a Indústria Cultural: as diversas faces da personificação do mal nas telas de cinema*. IN: Revista Nures n. 16 – Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica. Setembro - Dezembro 2010. Disponível em <http://www.pucsp.br/revistanures>, acessado em 30/09/2012.

ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no cristianismo, no judaísmo e no islamismo*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

ARRIGUCCI JR., Davi. *Onde andarás o velho Braga?* In: *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. Davi. *Braga de novo por aqui*. In: *Melhores contos – Rubem Braga*. São Paulo: Global Editora, 2001.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro : Nova Aguilar 1994. v. II.

_____. *O Sermão do Diabo*. In: PENTEADO, Rodrigo, Org. *Corrupção: 18 Contos*, Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

_____. *A Igreja do Diabo*. Pará de Minas, Virtual Books Online M&M Editores Ltda, 2003. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/97631504/A-Igreja-Do-Diabo>. Acessado em 25/07/2012.

_____. *50 contos/Machado de Assis: seleção, introdução e notas John Gledson*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares de. *Macário*. Brasil, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro s/d. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000093.pdf>, Acessado em 24/07/2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002.

BANZOLI, Lucas. *Moisés estava morto ou vivo?* Disponível em <http://lucasbanzoli.no.comunidades.net>. Acessado em 24/09/2012.

BAUDELAIRE, Charles-Pierre. *As flores do mal*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

BETTO, Frei, *Treze Contos Diabólicos e um Angélico*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

_____. *Por que escrevo*. In: ALAI, América Latina en Movimiento, 2002-09-08. Disponível em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://alainet.org/active/2580%26lang%3Des>. Acessado em: 24/07/2012.

BLOOM, Harold. *Anjos Caídos*. Tradução de Antonio Nogueira Machado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

BOLDRIN, Rolando. *Zé Capião e o Outro*. Programa Empório Brasileiro, 1989. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=TmKQ_JAZ0F0. Acessado em 11/11/2012.

BOSI, Alfredo, *O Conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. 24ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. *Perspectivas: A Literatura Brasileira em 1972*. In: Revista Iberoamericana, 2009. Disponível em <http://revistaiberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/download/3206/3388>, acessado em 25/07/2012.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1986.

Catecismo da Igreja Católica. Disponível em <http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/h/inferno.html>. Acessado em 12/08/2012.

CHAIN, Iza Gomes da Cunha. *O diabo nos porões das caravelas: mentalidades, colonialismo e reflexos na constituição da religiosidade brasileira nos séculos XVI e XVII*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, Campinas: Pontes Editores, 2003.

CLARK, Stuart. *Pensando com demônios: A ideia de bruxaria no princípio da Europa moderna*. São Paulo: Edusp, 2006.

COELHO, Paulo. Lênin desce aos infernos. In: G1- Paulo Coelho – Mensagem do dia. 20/02/07. Disponível em <http://g1.globo.com/platb/paulocoelho/2007/02/20/lenin-desce-aos-infernos/>. Acessado em 29/07/2012.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. Tradução de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo, Perspectiva, 2006.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Maniqueísmo: história, filosofia e religião*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003

COUSTÉ, Alberto. *Biografia do Diabo: o diabo como a sombra de Deus na história*, tradução Luca Albuquerque, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

COURTOIS, Stéphane, Et. Al, *O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão*. Com a colaboração de Remi Kauffér, Et. Al. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

COUTINHO, Afrânio. *Ensaio e crônica*. In: _____. (Org.). *A literatura no Brasil*. 5. ed., São Paulo: Global, 1999, v. 6.

COUTINHO, Leonardo. *O diabo entra na briga entre Edir Macedo e Valdemiro*. In Revista Veja – Edição On Line – 24/03/2012. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/o-diabo-entra-na-briga-entre-edir-macedo-e-valdemiro>. Acessado em 23/07/2012.

DELUMEAU, Jean. *De religiões e de homens*. Tradução de Nadyr de Salles Penteado. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lúcia Machado; tradução de notas de Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DONKOR, Kwabena. *O grande conflito: fundamento de nossas crenças*. In: *Lição da Escola Sabatina: Crescendo em Cristo, Adultos, Professor*. Out. Nov. Dez. Tradução de José Oliveira Santos. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázov*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; desenhos de Ulysses Bôscolo. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2008.

ÉPOCA, Notícias. *Os 100 brasileiros mais influentes de 2009*. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,,EMI108920-17445,0.html>. Acessado em 30/08/2012.

ÉPOCA, Biografia: *A vida e a obra de Paulo Coelho*. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT931775-1655-1,00.html>. Acessado em 30/08/2012.

FERRAZ, Salma. *As faces de Deus na obra de um ateu – José Saramago*. Juiz de Fora/Blumenau: UFJF/ Edifurb, 2003.

_____. *Jó, quem o tentou? A Onipotência em meio à tempestade contra o verme humano esmagado e rastejante*. In: *Deuses*

em *Poéticas: Estudos de Literatura e Teologia*. FERRAZ, Salma; MAGALHÃES, Antônio; CONCEIÇÃO, Douglas; BRANDÃO, Eli; TENÓRIO, Waldecy; Org. Belém, UEPB, UEPB, 2008, p. 70 a 89.

_____. *O Bruxo do Cosme Velho Decretou a Morte do Diabo*. In: FERRAZ, Salma (Org.). *As malasartes de Lúcifer: textos críticos de teologia e literatura*. Londrina: EDUEL, 2012a, p. 23 – 60.

_____. *O Diabo Pede Perdão: A Redenção do Diabo por Saramago*. In: FERRAZ, Salma (Org.). *As malasartes de Lúcifer: textos críticos de teologia e literatura*. Londrina: EDUEL, 2012b, p. 189 – 223.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 4ª edição. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

FLUSSER, Vilém. *Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

FRANZ, Priscila Reis. *O Diabo é o Pai do Rock: A Imagética do Mal na Música Estrangeira*, In: FERRAZ, Salma (Org.). *As malasartes de Lúcifer: textos críticos de teologia e literatura*. Londrina: EDUEL, 2012, p. 139 – 164.

GALEANO, Eduardo. *Os demônios do Demônio*. 2005. Disponível em <http://danielaferli.dominiotemporario.com/doc/EDUARDO%20GALEANO%20Os%20demonios%20do%20demonio.pdf>. Acessado em 23/07/2012.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Fausto*. Tradução de Agostinho D'Ornellas. São Paulo: Martin Claret, 2002.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do Conto*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

HERÓDOTO. *História (484 A.C. - 425 A.C.)*, Tradução de Pierre Henri Larcher (1726–1812), Versão para o português de J. Brito Broca. Versão para eBook. Ed. eBooksBrasil, 2006. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/historiaherodoto.html>, acessado em 08/09/2012.

HOLBROOK, Frank B. *O Grande Conflito*, In: Tratado de teologia: Adventista do Sétimo Dia; editor Raoul Dederen. Tradução de José Barbosa da Silva. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 1070 - 1113.

José da Costa Leite. In: Programa que história é essa? Disponível em <http://programaquehistoriaeessa.com.br/?p=328>. Acessado em 16/11/2012.

KASPER, Walter, Et. Al. *Diabos, Demônio, Possessão*. São Paulo: Loyola, 1992.

KELLY, Henry Ansgar. *Satã: uma biografia*. Tradução de Renato Rezende. São Paulo: Globo, 2008.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. Tradução de Paulo Meneses et al. São Paulo: Paulinas / Edições Loyola, 2004.

LEMES, Celso. *O que é um domínio e hospedagem de site*. In: *Criar Sites*. 14/11/2009. Disponível em <http://www.criarsites.com/o-que-e-um-dominio-e-hospedagem-de-site/>. Acessado em 29/07/2012.

LEWIN, Helena. *Ressonância e dissonância judaicas: a diáspora e o exílio como objetos do literário*. In: *Arquivo Maaravi Revista de Estudos Judaicos da UFMG*. Volume 3, número 4, 2009. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/1665>. Acessado em 20/12/2012.

LINK, Luther. *O Diabo: a Máscara sem Rosto*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Malleus Maleficarum: O Martelo das Bruxas – Parte I. Tradução de Alex H. S. Brasil. 2007. Disponível em www.marymad.awardspace.com. Acessado em 28/07/2012.

MAGALHÃES, Célia. *Os monstros e a questão racial na narrativa moderna brasileira*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

MALTA, Marize. *Do Boudoir ao Motel: Cultura Visual Imagens Decorativas e Lugares Íntimos para o Sexo*. In: *Revista Esboços*, No. 19. UFSC, 2009. Disponível em

www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/download/.../9181.
Acessado em 20/05/2012.

MESSADIÉ, Gerald. *História Geral do Diabo: da antiguidade à idade contemporânea*. Mira-Sintra, Portugal: Publicações Europa-América Ltda, 2005.

MIEHL, Melanie. *O que é o Islã?: Perguntas e respostas*. Tradução de Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

MINOIS, Georges. *O Diabo: origem e evolução histórica*. Lisboa: Terramar, 2003.

MOISÉS, Massaud. *Literatura, Mundo e forma*. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do Diabo*. São Paulo: Bom Texto, 2004.

NEUMANN, Erich. *The Great Mother*, tradução de Ralph Manheim. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1991.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário Cristão*. Bauru: EDUSC, 2000.

NUNES, Irene Freire. *A Demanda do Santo Graal*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995.

OLIVA, Alfredo dos Santos. *A história do Diabo no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

O que é o Nutel. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos Comparados entre Teologia e Literatura. Disponível em <http://teopoetica.sites.ufsc.br/>. Acessado em 31/10/2012.

PALMEIRA, Alex Oliveira. *Quem é o arcanjo Miguel?: uma exegese de Judas 9*. In: Revista Kerigma, ano 2, número 1, 1º Semestre 2006. Disponível em www.unasp.edu.br/kerygma. Acessado em 23/09/2012.

PAPINI, Giovanni. *O Diabo: apontamentos para uma futura Diabologia*. Tradução de Fernando Amado. Lisboa: Livros do Brasil, [s.d].

Pequeno Glossário de Religião da Mesopotâmia. Disponível em <http://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/glossa1.html>. Acessado em 11/11/2012.

PIRES, Valéria Fabrizi. *Lilith e Eva: imagens arquetípicas da mulher na atualidade*. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

QUEIRÓS, Júlio de. *A mulher na humanidade*. Inédito. 2012.

REIMER, Haroldo. *Inefável e sem forma: estudos sobre o monoteísmo hebraico*. São Leopoldo / Goiânia: Oikos / UCG, 2009.

RENATO, H. (pseudônimo de José Costa Leite). *O rapaz que virou bode no estado do Paraná*. Recife: Coqueiro, [s. d.].

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra / Biblioteca Nacional, 2008.

SACKS, Jonathan. *O segredo da continuidade judaica*. 1993. Disponível em <http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/segredo/home.html>. Acessado em 20/12/2012.

SANTOS, Walmor. *Além do medo e do pecado*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

_____. *Consulta*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <prof.j.monteiro@gmail.com> em 09 set.2012.

SARTRE, Jean-Paul. *Entre quatro paredes*. Tradução de Alcione Araújo e Pedro Hussak. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SAVENHAGO, Igor José Silquierei. *Bakthin e o espelho: um esboço sobre a alteridade pelo viés da autocontemplação*. In: Revista *Vértices*, Vol. 13, No. 1, 2011.

Disponível em: <http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1218/640>. Acessado em: 24/07/2012.

SHIODA, Cecília Kimie Jo Et Al. *O demônio e seus muitos nomes: uma reflexão sociolinguística*. In: LAFACE, Antonieta; TASHIRO, Elisa Atsuko; CRUZ, Maria de Lourdes Otero Brabo; SILVA, Maria do Rosário Gomes Lima da Silva (Org.). Estudos Linguísticos e Ensino de Línguas. São Paulo: Arte & Ciência, 2006.

SIMÓ, Paul Agulles. *Tema 30: O pecado pessoal*. Disponível em <http://www.opusdei.org.br/art.php?p=45702>. Acessado em 12/08/2012.

SCHWANITZ, Dietrich. *Cultura: tudo o que é preciso saber*. Alfragide, Portugal: Publicações Dom Quixote, 2010.

VARANDAS, Angélica. *A Cabra e o Bode nos Bestiários Medievais Ingleses*. In: Brathair – Revista de Estudos Celtas e Germânicos. Vol. 6, No. 2, 2006. Disponível em <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/561/489>. Acessado em 16/07/2012.

VERÍSSIMO, Luis Fernando, *Orgias*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

VILLAS BOAS, Alex. *Teologia e Poesia: a busca de um sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico*. Sorocaba: Create Editora, 2012.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2012 - Atualização: Homicídio de mulheres no Brasil*. CEBELA / FLACSO, 2012. Disponível em http://mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_atual_mulheres.pdf. Acessado em 11/11/2012.

WHITE, Ellen G. *Fundamentos da Educação Cristã: a família, a escola e a comunidade no contexto da aprendizagem*. Tradução de Naor G. Conrado. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WILDE, Oscar, *O retrato de Dorian Gray* (texto integral). Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martim Claret, 2006.

<http://blogs.estadao.com.br/estante-de-letrinhas/files/2012/06/Gato-e-diabo.jpg>. Acessado em 31/10/2012.

http://bocarrotas.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html. Acessado em 31/10/2012.

<http://cassionei.blogspot.com.br/2011/09/sombra-do-oroboro.html>. Acessado em 31/10/2012.

<http://desmanipulador.blogspot.com.br/2012/10/o-que-e-o-o-diabo.html>. Acessado em 31/10/2012.

<https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSpiXeSIIyOYr86jujm5Eq6VTzFwpzQOt6dCl9QMfOokbcisK0-A>. Acessado em 31/10/2012.

<http://g1.globo.com/platb/paulocoelho/2007/02/20/lenin-desce-aos-infernos/>. Acessado em 31/10/2012.

<http://hitlereoholocausto.blogspot.com.br/2009/10/o-significado-real-da-palavra.html>. Acessado em 31/10/2012.

<http://imagensbiblicas.wordpress.com/category/a-serpente-de-bronze/>. Acessado em 31/10/2012.

<http://mitologia.huum.com.br/files/2012/09/C%C3%A9rbero-3D.jpg>. Acessado em 31/10/2012.

<http://otherworldmystery.com/wp-content/uploads/2010/12/lilith-owls-lions-claws.jpg>. Acessado em 31/10/2012.

<http://pactac.net/ctheory/erler/Figure%206.jpg>. Acessado em 31/10/2012.

<http://pearlsintheeternity.blogspot.com.br/2008/06/blog-post.html>. Acessado em 31/10/2012.

<http://santuariocerimonias.blogspot.com.br/2011/05/o-bode-emissario.html>. Acessado em 31/10/2012.

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/38/122.The_Destruction_of_Leviathan.jpg/383px-122.The_Destruction_of_Leviathan.jpg. Acessado em 31/10/2012.

<http://www.amormariano.com.br/especial/catecismo-de-sao-pio-x-capitulo-ii-do-primeiro-artigo-do-credo/>. Acessado em 31/10/2012.

<http://www.skoob.com.br/livro/34686-treze-contos-diabolicos-e-um-angelico>. Acessado em 31/10/2012.

http://skoob.s3.amazonaws.com/livros/11798/200_CRONICAS_ESCOLHIDAS_1249494599P.jpg. Acessado em 31/10/2012.

http://skoob.s3.amazonaws.com/livros/148882/ALEM_DO_MEDO_E_DO_PECADO_1295042223P.jpg. Acessado em 31/10/2012.

http://3.bp.blogspot.com/LcxNrpl_GrE/TyIFu1XoNOI/AAAAAAAAABI8/wdQalvDObo/s1600/serpente003.jpg. Acessado em 31/10/2012.

<http://3.bp.blogspot.com/-zogxMc4zIds/T74R1JcvG0I/AAAAAAAAAGk/SYWEvD4Kl-Y/s1600/L%C3%BAcifer+7.jpg>. Acessado em 31/10/2012.

http://4.bp.blogspot.com/_Li_N1AoCkCc/SgNMfh0UY8I/AAAAAAAABCc/IRDHWMueb0w/s400/o_diabo.jpg. Acessado em 31/10/2012.

<http://4.bp.blogspot.com/--vkPD4elkJE/Tx8CuqoP4eI/AAAAAAAADSY/gPZS5e7Lc-E/s1600/dragao.jpg>. Acessado em 31/10/2012.

http://3.bp.blogspot.com/1vnEJEhIEco/UEvFt0rg_4I/AAAAAAAAUew/jQtCTKI16i4/s1600/Orgias.jpg. Acessado em 31/10/2012.

www.freibetto.org. Acessado em 21/07/2011.

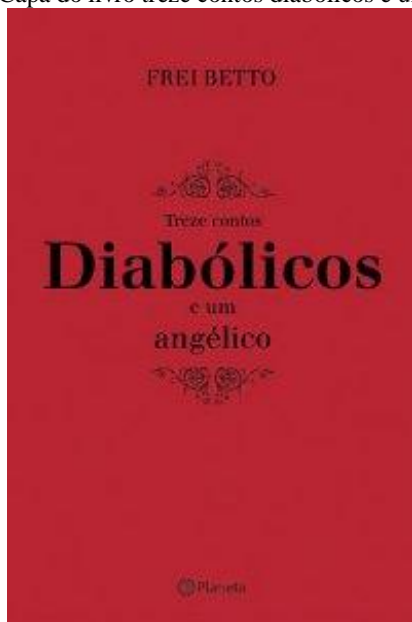
www.portaladventista.org. Acessado em 23/09/2012.

www.walmorsantos.com. Acessado em 16/08/2012.

Anexos

Anexo A - *O hóspede* (Frei Betto)

Figura 22 - Capa do livro treze contos diabólicos e um angélico.



Fonte: <http://www.skoob.com.br/livro/34686-treze-contos-diabolicos-e-um-angelico>

Morar sozinho é o meu consolo. Entre quatro paredes, protejo-me, pois bem sei: o Inferno são os outros. Prova disso é a indesejável companhia das baratas. Suscita-me um pânico de dar vergonha. Tivesse mulher e filhos, o que pensariam ao ver-me horas, catatônico, diante do asqueroso inseto sob o batente da porta? Eu à espera de que ele se retire, imaginando que intenções urde ali parado, e ele aguardando, com certeza, uma iniciativa de minha parte ou tentando adivinhar se erguerei ou não o pé em sua direção, nessa tensão infinda que produz o paradoxal efeito de aproximar e distanciar dois seres que, confinados a um mesmo espaço, se sentem tomados por mútua repugnância, o medo como linguagem reticente, o desafio de vencer o duelo, o pavor de que o inimigo seja mais ágil.

Não nutro a menor condescendência para com esses nojentos animaizinhos que infestam a minha casa. Mato-os bem matados. Não com as solas dos sapatos, pois jamais me aproximo. O asco segura-me à devida distância. O crec-crec da morte pisada me aterroriza ainda mais, o ruído crocante do bicho esmagado me fere os ouvidos, a pele eriça-se toda, a saliva engrossa. Vencido o estado de catatonia com o agressivo desvario que de mim se apossa, prefiro atirar sobre as baratas pesados dicionários, enquanto grito as mais impublicáveis ofensas, indicionarizáveis.

Semana passada, ao sentar-me à cozinha para o café da manhã, tive a atenção desviada das baratas tardívgas que malgrado a luz do dia, insistiam num último assalto à lata de açúcar: dei de cara com um estranho. Não havia nenhuma porta ou janela aberta. Julguei-me tomado de alucinação. Nos últimos meses, preocupações tornavam-me insone.

Tratava-se de um ser vivo, real, adentrado à minha casa. Quem sabe aprendera com as baratas introduzir-se sob o batente das portas. Sua astúcia, entretanto, não haveria de superar a minha inteligência. Jamais acreditei na inexistência daquele que, do outro lado da mesa, exibia um sorriso caviloso e tomava uma xícara de chá. Observei-o amiúde: tinha o rosto afunilado, o cavanhaque triangular, as orelhas de abano, a testa larga rugosa, o nariz proeminente, os olhos púrpura, o sorriso drástico e, sobre a cabeça, dois chifres pontiagudos.

Irritei-me, não tanto pela inusitada presença, mas por sentir invadida a minha solidão. Em vão. O intruso instalou-se qual hóspede bem-vindo e muito à vontade.

Em poucos dias, admiti meus arraigados preconceitos. Esperei que ele aprontasse as piores diabruras. Que nada! Silente, restringia-se a imitar-me. Tomava o jornal que eu acabara de ler, percorria as notícias com seus olhos endiabrados e, súbito, as folhas ardiam em chamas. Lavava os pratos com seus dedos largos, tarefa a lhe demandar tempo devido à extensão das unhas. Cuidava do jardim, e sua presença espantava as pragas e lagartos. A propósito, fez desaparecer da casa todas as baratas, o que muito apreciei e agradei. No fundo, tratava-se de uma boa e prestativa alma.

Como todos sabem, a solidão é um estado de insegurança, refúgio de si em face dos olhos do outro. A princípio, a presença de alguém incomoda a nós misantropos, mas a persistência do forasteiro se nos acaba por desatar bons sentimentos. Afeiçoei-me de tal modo a ele que cedi o escritório como quarto de hóspedes. Facultei-lhe o meu banheiro.

É fato que jamais escutei o desaguar do chuveiro, e pela casa pairava um cheiro putrefato de cavernas infernais.

Havia pequenos detalhes e inconveniências que acompanham todo aquele que se aloja temporariamente sob o mesmo teto de outrem, trazendo incômodo ao anfitrião: a precedência no banheiro, o fundo do vaso sanitário a exibir secreções alheias, o uso da mesma xícara, o volume do rádio acima do suportável. Fora isso, o Capiroto trazia sempre aspecto de bom moço e comportava-se com tamanha cortesia e discrição que cheguei a pensar que éramos feitos um para o outro.

Zoraida, a vizinha de fundos, que vive exaltando o valor terapêutico do trabalho voluntário, andou espichando olhos por cima da cerca que delimita nossos domínios. Intrmetida, indagou se eu me havia casado, pois vira uma bela donzela podando os galhos de minhas roseiras. Reafirmei meus propósitos celibatários e nada disse da presença do Cascudo. Com certeza Zoraida não o viu de perto e, ruim de vistas, enxergara boniteza onde reinava a mais horrenda fealdade.

A dúvida, entretanto, assentou-se-me quando o velho Procópio, vizinho de frente, cuja generosidade alimentava de balas a criançada da rua, avisou que naquela tarde, enquanto fui às compras, um jovem de musculosa robustez fora visto lavando o meu alpendre. Retruquei uma desculpa qualquer, algo como um sobrinho distante de passagem pela cidade e, ensimesmado, perguntei-me se meu hóspede tinha o dom de transmutar-se.

Na semana seguinte, sob o pretexto de ir ao banco pagar as contas, escondi-me, primeiro, entre as folhagens do jardim, e, depois, sobre o telhado da vizinha ao lado. Vi o filho de Lúcifer em laboriosos movimentos pela casa. Porém Zoraida insistia em elogiar a beleza de minha noiva; Procópio, o garbo do rapaz; e Cacilda, a vizinha do telhado, sempre prestativa no atendimento aos enfermos, declarou ser o meu jardineiro pessoa de irradiante simpatia.

De ermitão aos olhos da vizinhança, passei a hospedeiro de pessoas destacadas pela beleza e obsequiosidade.

Certa noite, esforcei-me por quebrar o silêncio de meu hóspede. À mesa, debruçado sobre a sopa de aspargos, perguntei-lhe se era um atributo demoníaco aparecer aos olhos alheios sob distintas aparências. Ele deteve a colher à altura do queixo, fitou-me com os olhos escarlates e balançou a cabeça de modo afirmativo. Levou a sopa à boca, fez uma pausa para saborear e falou:

- Sou o reflexo da alma das pessoas.

Não mais tocou no prato. Recolheu-se por um momento a seu mutismo enquanto descascava uma maçã, deixando-me constrangido.

Recebi a resposta como um misto de atenção, por me haver respondido, e ofensa, por ser o próprio Belzebu ao alcance dos meus olhos. Confuso, preferi a cautela da reflexão aos impropérios da emoção, e esperei que meus sentimentos se adequassem à razão.

Ele retomou a palavra:

- Sem a nossa presença entre os mortais, não haveria grandeza humana. Sem uma ponta de orgulho e vaidade, o que seria dos poetas, dos artistas, dos filósofos, dos governantes e dos heróis? Nem Dante dissimulou o alto conceito que tinha do próprio gênio. Sem um mínimo de luxúria, como haveriam de nascer os papas e os santos? Até o mais mesquinho dos pecados, a avareza, contribui para a prosperidade dos povos.

Na manhã seguinte, após uma noite maldormida, gritei-lhe da cama que poderia ocupar o banheiro antes de mim. Nenhuma palavra, nenhum ruído. Talvez estivesse ferrado no sono. Pus a perna para fora do lençol e a senti pesada, como se tomada por forte câibra. Olhei-me espantado: meus pés eram patas equestres e as pernas, troncos cabeludos. As mãos tinham crescido e os dedos, longos como os de símios, traziam unhas descomunais. Postei-me diante do espelho e, aterrorizado, constatei que minhas feições assemelhavam-se às do Demo.

O quarto ao lado estava vazio.

Anexo B – *Eu e Bebu na hora neutra da madrugada* (Rubem Braga)

Figura 23 - Capa do livro 200 crônicas escolhidas.



Fonte: http://skoob.s3.amazonaws.com/livros/11798/200_CRONICAS_ESCOLHIDAS_1249494599P.jpg

Muitos homens, e até senhoras, já receberam a visita do Diabo, e conversaram com ele de um modo elegante e paradoxal. Centenas de escritores sem assunto inventaram uma palestra com o Diabo. Quanto a mim, o caso é diferente. Ele não entrou subitamente em meu quarto, não apareceu pelo buraco da fechadura, nem sob a luz vermelha do abajur. Passou um dia inteiro comigo. Descemos juntos o elevador, andamos pelas ruas, trabalhamos e comemos juntos.

A princípio confesso que estava um pouco inquieto. Quando fui comprar cigarros, receei que ele dirigisse algum galanteio baixo à moça da tabacaria. É uma senhorinha de olhos (cor) de garapa e cabelos castanhos muito simples, que eu conheço e que me conhece, embora a gente não se cumprimente. Mas o Diabo se comportou honestamente. O dia todo – era um sábado – correu sem novidade. Ele esteve ao meu lado na mesa de trabalho, no restaurante, no engraxate, no barbeiro. Eu lhe paguei o cafezinho; ele me pagou o bonde.

À tarde, eu já não o chamava de “Belzebu”, mas apenas de “Bebu”, e ele me chamava de “Rubem”. Nossa intimidade caminhava rapidamente, mesmo sem a gente esperar. Quando um cego nos pediu esmola, dei duzentos réis. É meu hábito, sempre dou duzentos réis. Ele deu uma prata de dois mil-réis, não sei se por veneta ou porque não tinha mais miúdo. Conversamos pouco; não havia assunto.

À noite, depois do jantar, fomos ao cinema. . . Outra vez me voltou a inquietude que sentira pela manhã. Por coincidência, ele ficou sentado junto a duas mocinhas que eu conhecia vagamente, por serem amigas de uma prima que tenho no subúrbio. Temi que ele fosse inconveniente; eu ficaria constrangido. Vigiei-o durante a metade da fita, mas ele estava sossegado em sua cadeira; tranquilizei-me. Foi então que reparei que ao meu lado esquerdo sentara-se uma rapariga que me pareceu bonita. Observei-a na penumbra. A sua pele era morena, e os cabelos quase crespos. Sentia a tepidez de seu corpo. Ela acompanhava a fita com muita atenção. Lentamente, toquei o seu braço com o meu; era fácil e natural; isto sempre acontece por acaso as pessoas que estão sentadas juntas no cinema. Mas aquela carícia banal me encheu as veias de desejo. Suavemente, deslizei a minha mão para a esquerda. A moça continuava olhando para o filme. Achei-a linda e tive a impressão de que ela sentia como eu estava emocionado, e que isto lhe dava prazer.

Mas neste momento, ouço um pequeno riso e viro-me. Bebu está me olhando. Na verdade não está rindo; está sério. Mas em seus olhos há uma qualquer malícia. Envergonhei-me como uma criança. A fita acabou e não falamos no incidente. Eu fui para o jornal fazer o plantão da noite.

Só conversamos à vontade pela madrugada. A madrugada tem uma hora neutra que há muito tempo observo. É quando passo a tarde toda trabalhando, e depois ainda trabalho até a meia-noite na redação. Estou fatigado, mas não me agrada dormir. E aí que vem, não sei como, a hora neutra. Eu e Bebu ficamos diante de uma garrafa de cerveja em um bar qualquer. Bebemos lentamente sem prazer e sem aborrecimento. Na minha cabeça havia uma vaga sensação de efervescência, alguma coisa morna, como um pequeno peso. Isto sempre me acontece: é a madrugada, depois de um dia de trabalhadeiras cacetes. Conversamos não me lembro sobre o quê. Pedimos outra cerveja. Muitas vezes pedimos outra cerveja. Houve um momento em que olhei sua cara banal, seu ar de burocrata avariado, e disse:

- Bebu, você não parece o Diabo. É apenas, como se costuma dizer, um pobre-diabo.

- Ele me fitou com seus olhos escuros e flamejantes e disse:

- Um pobre-diabo é um pobre Deus que fracassou.

- Disse isso sem solenidade nenhuma, como se não tivesse feito uma frase. De repente me perguntou se eu acreditava no Bem e no Mal. Não respondi; eu não acreditava.

Mas a nossa conversa estava ficando ridícula. Desagradava-me falar sobre esses assuntos vagos e solenes. Disse-lhe isto, mas ele não me deu a menor atenção. Grunhiu apenas:

- Existem.

- Depois afrouxou o laço da gravata e falou:

- Há o Bem e o Mal, mas não é como você pensa. Afinal quem é você? Em que você pensa? Com certeza naquela moça que vende cigarros, de olhos de garapa, de cabelos castanhos...

Estas palavras de Bebu me desagradaram. Ele dissera exatamente como por acaso: *aquela moça de olhos de garapa...* Era assim que eu me exprimia mentalmente, era esta a imagem que me vinha à cabeça sempre que pensava nos olhos daquela senhorinha.

Sei que não é uma comparação nova; há muitos olhos que tem aquela mesma cor meio verde, meio escura, de caldo de cana; olhos doces, muito doces; e muitas pessoas já notaram isso; e até eu já vi essa imagem em uma poesia, não lembro de quem. Mas a coincidência era alarmante; não podia ser coincidência. O Bebu lia o meu pensamento, e, o que era pior, lia sem nenhum interesse, como se lê um “jornal de anteontem”. Isso me irritou:

- Ora, Bebu, não se trata de mim. Você estava falando do Bem e do Mal. Uma conversa besta. . .

- Ele não ligou:

- Está bem, Rubem: o Bem e o Mal existem, fique sabendo. Você morou muito tempo em São José do Rio Branco, não morou?

- Estive lá quase dois anos – respondi. Trabalhava com meu Tio. Um lugarzinho parado...

- Bem. Lá havia um prefeito, um velho prefeito, o Coronel Barbirato. Mas o nome não tem importância. Imagine isto: uma cidade pequena onde há sempre um prefeito, o mesmo prefeito. Esse prefeito nunca será deposto, nunca deixará de ser reeleito, sempre será ele o prefeito. E há também um homem que lhe faz oposição. Esse homem uma vez quis depor o prefeito, mas foi derrotado e o será sempre. O

povo da cidade teme, aborrece, estima, odeia o prefeito; não importa. Pois é isto.

Bebu pôs mais um pouco de cerveja no copo e continuou falando:

- É isto: o Bem e o Mal. O Prefeito acha que os bancos do jardim devem ser colocados diante da Igreja: isto é o Bem. O homem da oposição acha que eles devem ficar em volta do coreto? Isto é o Mal. Entretanto...

- Bebu – deixe de ser chato.

- Não amole. Você sabe a minha história. Fiz uma revolução contra Deus. Perdi, fui vencido, fui exilado; nunca tive e nem implorei anistia. Deus me venceu para todos os séculos, para a eternidade. É o prefeito eterno, ninguém pode fazer nada. Agora, se tem coragem, imagine isto: eu saio de meu inferno uma bela tarde, junto todo o meu pessoal, faço uma campanha de radiodifusão, arranjo armamento, vou até o Paraíso e derroto aquele patife. Expulso de lá aquela canalha toda, todas aquelas onze mil virgens, aquela santaria imunda. O que acontece?

Eu não respondi. Irritava-me aquele modo de Bebu de falar. Bebu continuou com mais veemência:

- Acontece isto, seu animal: não acontece nada! Você reparou quando uma revolução vence? Os homens se renderão diante do fato consumado. O Bem será o Mal, e o Mal será o Bem. Quem passou a vida adulando Deus irá para o inferno para deixar de ser imbecil. Eu farei a derrubada: em vez de anjinhos, os capetinhas; em vez de santos, os demônios. Tudo será a mesma coisa, mas exatamente o contrário. Não precisarei nem modificar as religiões. Só mudar uma palavra nos livros santos: onde estiver “não”, escrever “sim”, onde estiver “pecado”, escrever “virtude”. E o mundo tocará para a frente. Vocês não seguirão a minha Lei, como não seguem a dele; não importa, será sempre a Lei.

Eu me sentia atordoado. Percebi que lá fora, na rua, as lâmpadas se apagavam e murmurei: seis horas! Bebu falava com um ar de desconsolo:

- Mas não pense nisto. Aquele patife está firme. É possível depô-lo? Impossível! Impossível...

- Olhei a sua cara. Dentro de seus olhos, no fundo deles, muito longe, havia um brilho. Era uma pequena, miserável esperança, muito distante, mas todavia irredutível. Senti pena de Bebu. É estranho, eu não posso olhar uma pessoa assim, no fundo dos olhos, sem sentir pena. Fui consolando:

- Enfim, meu caro, não adiantaria coisa alguma. Você como está, vai bem. Tem seu prestígio...

- Eu estou bem? Canalha! Pensa que, quando me revoltei, foi à toa? Conhece o meu programa de governo, sabe qual foram os ideais que me levaram à luta? Pode explicar por que, através de todos os séculos, desde que o mundo não era mundo até hoje, até sempre, fui eu, Lúcifer, o único que teve peito pra se revoltar? Você sabe que, modéstia à parte, eu era o melhor da turma? Eu era o mais brilhante, o mais feliz, o mais puro, era feito de luz. Por que é que me levantei contra ele, arriscando tudo? O governo atual diz que eu fui movido pela ambição e pela vaidade. Mas todos os governos do mundo dizem isto de todos os revolucionários fracassados! Olhe, você é tão burro que eu vou lhe dizer. Esta joça não ficava assim não. Eu podia lhe contar o meu programa; não conto, porque não sou nenhum desses políticos idiotas que vivem salvando a pátria com suas plataformas. Mas reflita um pouco, meu animal. Deus me derrotou, me esmagou, e nunca nenhum vencedor foi mais infame para com um vencido. Mas pelo amor que você tem a esse canalha, diga-me: o que é que ele fez até agora? A vida que ele organizou e que ele dirige não é uma miséria? – uma porca miséria? Você sabe perfeitamente disto. Os homens não sofrem, não se matam, não vivem fazendo burradas? É impossível esconder o fracasso. Deus fracassou, fracassou mi-se-ra-vel-men-te! E agora, vamos, me diga: por pior que eu fosse, acha possível, camarada, acha possível que eu organizasse um mundo tão ridículo, tão sujo?

- Não respondi a Bebu. Esvaziamos em silêncio o último copo de cerveja. Eu ia pedir outra, mas refleti amargamente que não tinha mais dinheiro no bolso. Ele, por sua vez, constatou o mesmo. Saímos. Lá fora já era dia:

- Puxa vida! Que sol claro, Bebu! Isto deve ser sete horas. Andamos até a esquina da Avenida.

- Ele me perguntou?

- Onde é que você vai?

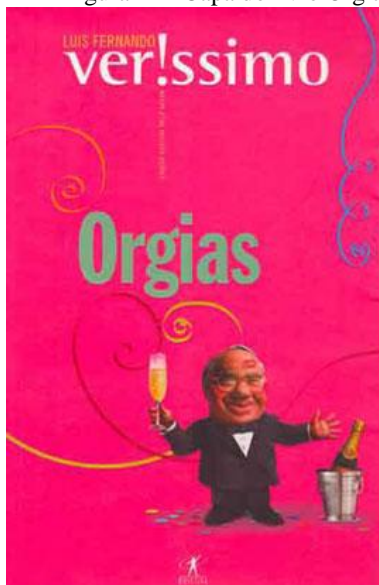
- Vou dormir. E você?

- Bebu me olhou com seus olhos escuros e respondeu com um sorriso de anjo:

- Vou à missa...

Anexo C - *Alma, vendo* (Luis Fernando Veríssimo)

Figura 24 - Capa do livro *Orgias*.



Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_1vnEJEhIEco/UEvFt0rg_4I/AAAAAAAAAUe/wjCtQTKI16i4/s1600/Orgias.jpg

Decidi vender minha alma ao Diabo para ser um homem de sucesso. Logo me deparei com um problema prático: como é que se fala com o Diabo? Em todos os exemplos que conhecia, da literatura e do cinema, o Diabo fazia o primeiro contato. O Diabo era o interessado, era dele a proposta para comprar a alma. Como deveria proceder quem tinha uma alma para vender e procurava o comprador?

Raciocinei que a melhor maneira de encontrar o Diabo seria fazendo diabruras. Frequentando os lugares que ele obviamente frequentava, convivendo com gente que ele obviamente influenciava, fazendo coisas que ele obviamente aprovaria, e que chamariam sua atenção.

Comecei a visitar os piores antros, a me dedicar ao deboche e à devassidão, a chutar velhinhas, a fumar cocaína e a cheirar maconha (era viciado novo). Fatalmente, no meio de uma orgia, ou atirado no chão de uma cela fria coberta com o meu próprio vômito, ou numa reunião de comunistas planejando o sequestro de um arcebispo, eu

encontraria o Diabo e lhe ofereceria minha alma em troca do sucesso. Mas uma noite, pulando uma cerca para estuprar umas galinhas, me dei conta de que minha estratégia estava errada. Quanto mais diabruras eu fizesse, menos valeria a minha alma. Por que o Diabo compraria uma alma que obviamente já era sua?

Passei a fazer o contrário, a viver uma vida de ostensiva virtude. Em vez de chutar velhinhas, ajudava-as a atravessar a rua mesmo que não quisessem. Tornei-me religioso. Cheguei a me internar em mosteiros, para jejuar e me autoflagelar, na esperança de que o Diabo, que não aparecera nas celas das delegacias onde eu penava minhas ressacas, aparecesse nas celas do meu retiro, onde eu polia e encerava minha alma para melhor comercializá-la. Mas o Diabo não apareceu; o jejum quase me matou, mas o Diabo não apareceu.

Concluí que só havia uma coisa a fazer: procurar pessoas que, na minha opinião, venderam sua alma ao Diabo, pois nada mais explicava seu sucesso, e perguntar como tinham conseguido. Prometeria absoluta discrição. Ninguém ficaria sabendo das suas transações com o Diabo, eu só precisava da dica. O Diabo lhes aparecera voluntariamente ou fora conjurado? De que forma? Havia algum intermediário, alguém agenciava o encontro? Tinham assinado contrato?

Não deu certo. Por alguma razão, nenhum dos que eu procurei reconheceu que devia seu sucesso a um trato com o Diabo, e todos negaram conhecê-lo. Em muitos casos, ficaram indignados.

— Devo meu sucesso ao meu talento!

— Mas você não tem talento.

— Trabalhei muito para chegar onde estou, meu caro.

Não adiantou eu insistir que a informação seria confidencial, que eu queria apenas um acesso ao Diabo. Algum telefone? E-mail? Como falar com o Diabo? Ninguém colaborou.

Minha última tentativa. Vou recorrer aos jornais. Já bolei o anúncio que sairá nos classificados. Sob Negócios Diversos.

"Alma, vendo ou troco por sucesso, prestígio, poder. Garantia de entrega na minha morte. Não está hipotecada. Tratar com..."

Mas também colocarei outro anúncio sob Pessoais.

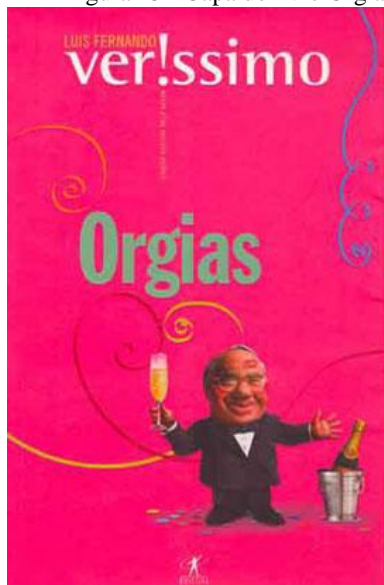
"Se você tem milhões de anos de idade, cabelo engomado e cascos nos pés, isto talvez lhe interesse..."

Ou então alguma coisa mais direta:

"Me liga, Diabo!", e o número.

Mas estou em dúvida. Em que jornal publicar os anúncios, com a certeza de que o Diabo os lerá? O Diabo prefere a imprensa mais ou menos conservadora? Desconfio que leia todos os jornais de negócios, para acompanhar a aplicação, na prática, de alguns dos seus ensinamentos, mas também leia a imprensa popular, divertindo-se com as notícias sangrentas das seções policiais e se deliciando, nas seções de espetáculos e TV, com o sucesso de tantos que trocaram suas almas pelo seu patrocínio.

Se isto também não der certo, não sei mais o que fazer. Onde está o diabo desse Diabo? Que meios ele frequenta? E o pior é esta sensação de que já estive do seu lado, e não o reconheci, e perdi a oportunidade de negociar minha alma, que será minha até morrer, sem qualquer lucro, e depois passará para o domínio público. Se o Diabo ao menos usasse um escudinho na lapela!

Anexo D - *Belzebu.com* (Luis Fernando Veríssimo)Figura 25 - Capa do livro *Orgias*.

Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_1vnEJEhIEco/UEvFtOrg_4I/AAAAAAAAAUeW/jCtQTKI16i4/s1600/Orgias.jpg

Agora posso contar. Fui eu que consegui a vitória do Internacional no campeonato mundial interclubes, no Japão, em 2006.

Foi assim. Recebi uma oferta do Diabo pela minha alma. Veio por e-mail, de sorte que nem vi a sua cara. Ele procurava na internet pessoas dispostas a trocar sua alma pelo que quisessem. Respostas para 666@belzebu.com. A pessoa empenhava sua alma ao Diabo, para entregar na saída, e em troca poderia pedir duas coisas. Mas só duas coisas.

Perguntei como eu poderia ter certeza que ele cumpriria a sua parte no trato. Depois da minha alma empenhada, contrato assinado com sangue, etc., ele poderia simplesmente não atender os meus pedidos. Ele propôs que fizéssemos um teste. Que eu pedisse alguma coisa impossível. Que o meu pedido fosse um delírio, algo totalmente fora da realidade. Se ele cumprisse o prometido, eu saberia que sua oferta era para valer. E só então lhe entregaria a minha alma. Concordei.

Qual seria o meu primeiro pedido? Pensei imediatamente no Internacional. Está certo, antes pensei na Luana Piovani, mas aí achei que poderia dar confusão. Em seguida pensei no Internacional. Um campeonato do mundo para o Internacional! Decisão contra o Barcelona. Sua resposta veio num e-mail conciso:

– Feito.

E foi o que se viu. Vitória sobre o Barcelona contra todas as probabilidades. Inter campeão do mundo. O trato com o Diabo era, por assim dizer, quente. E eu podia fazer meu segundo pedido. Um bicampeonato do mundo para o Inter? Conclui que estava sendo egoísta demais. Estava pensando só na alegria dos colorados – e passageira, pois não poderia pedir vitórias do Internacional em todos os campeonatos, para sempre – e esquecendo o meu país. Deveria pedir, pela minha alma, algo que desse alegria a todos, inclusive gremistas. O quê? Quero que o Brasil se transforme num país escandinavo. Agora! Um país organizado, sem crime, sem fome, sem injustiça, sem conflitos, magnificamente chato. Era isso: minha alma por um país aborrecido!

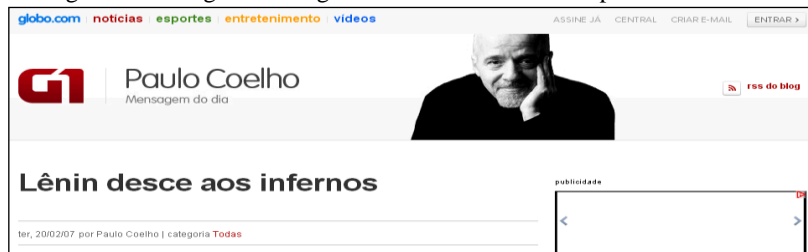
Foi o que botei no meu e-mail para o Diabo. Ele respondeu perguntando se eu tinha pensado bem no que estava pedindo. Eu deveria saber que a adaptação seria difícil. A conversão da moeda, a língua, o frio, os hábitos diferentes... E que seria impossível preservar tudo o que nos faz simpáticos, e criativos, e divertidos – enfim, brasileiros no bom sentido – sem a bagunça e o mau caráter. Ou ser escandinavo só durante o expediente e brasileiro depois. Era mesmo o que eu queria? É, respondi. Chega desta irresponsabilidade tropical, desta indecência social disfarçada de bonomia, desta irresolução criminosa que passa por afabilidade, deste eterno adiamento de tudo. Faça-nos escandinavos, já!

O Diabo: “Tem certeza? Já?”

Eu: “Bom... Depois do carnaval”.

Anexo E - *Lênin desce aos infernos* (Paulo Coelho)

Figura 26 - Imagem do blog de Paulo Coelho onde foi publicado o conto



Fonte: <http://g1.globo.com/platb/paulocoelho/2007/02/20/lenin-desce-aos-infernos/>

Depois de fazer a Revolução Russa, acabar com as diferenças de classes sociais e dedicar sua vida inteira ao comunismo, Lênin finalmente morre. Por ser ateu e ter perseguido os religiosos, termina sendo condenado ao inferno.

Ao chegar lá, descobre que a situação é pior que na Terra: os condenados são submetidos a sofrimentos incríveis, não há alimento para todos, os demônios são desorganizados, Satanás comporta-se como um rei absoluto – sem qualquer respeito por seus empregados ou pelas almas penadas que aguentam o suplício eterno.

Lênin, indignado, rebela-se contra a situação: organiza passeatas, faz protestos, cria sindicatos com diabos descontentes, incentiva rebeliões. Em pouco tempo, o inferno está de cabeça para baixo: ninguém respeita mais a autoridade de Satanás, os demônios pedem aumento de salário, as sessões de suplício ficam vazias, os encarregados de manter acesas as fornalhas fazem greve.

Satanás já não sabe o que fazer: como seu reino pode continuar funcionando, se aquele rebelde está subvertendo todas as leis? Tenta um encontro com ele, mas Lênin, alegando não conversar com opressores, manda um recado através de um comitê popular, dizendo que não reconhece a autoridade do Chefe Supremo.

Desesperado, Satanás vai até o céu conversar com São Pedro.

- Vocês lembram aquele sujeito que fez a revolução russa? – diz Satanás.

- Lembramos muito bem – responde São Pedro. – Comunista. Odiava a religião.

- Ele é um bom homem – insiste Satanás. – Mesmo que tenha seus pecados, não merece o inferno; afinal, procurou lutar por um mundo mais justo! Na minha opinião, ele devia estar no céu.

São Pedro reflete algum tempo.

- Acho que você tem razão – diz finalmente. – Todos nós temos nossos pecados e eu mesmo cheguei a negar Cristo por três vezes. Mande ele para cá.

Louco de contentamento, Satanás volta para sua casa e envia Lênin direto para o céu. Em seguida, com mão de ferro e alguma violência, termina com os sindicatos de demônios, dissolve o comitê de almas descontentes, proíbe assembleias e manifestações de condenados.

O inferno volta a ser o famoso lugar dos tormentos que sempre assustou o homem. Louco de alegria, Satanás fica imaginando o que deve estar acontecendo no céu.

“Qualquer hora São Pedro vai estar batendo aqui, pedindo que Lênin retorne!”, ri consigo mesmo. “Aquele comunista deve ter transformado o paraíso em um lugar insuportável!”

O primeiro mês passa, um ano inteiro passa, e nenhuma notícia do céu. Morto de curiosidade, Satanás resolve ir até lá para ver o que está acontecendo.

Encontra São Pedro na porta do Paraíso.

- E aí, como vão as coisas? – pergunta.

- Muito bem – responde São Pedro.

- Mas está tudo mesmo em ordem?

- Claro! Por que não haveria de estar?

“Este cara deve estar fingindo”, pensa Satanás. “Vai querer me empurrar Lênin de volta”

- Escuta, São Pedro, aquele comunista que eu mandei, tem se comportado bem?

- Muito bem!

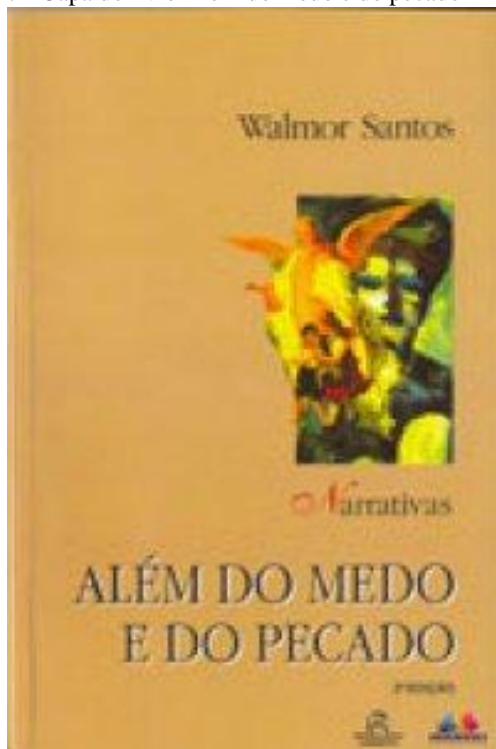
- Nenhuma anarquia?

- Pelo contrário. Os anjos são mais livres que nunca, as almas fazem o que bem desejam, os santos podem entrar e sair sem hora marcada.

- E Deus, não reclama deste excesso de liberdade?

São Pedro olha, com uma certa piedade, o pobre diabo a sua frente.

- Deus? Camarada, Deus não existe!

Anexo F - *Nostalgia do amor ausente* (Walmor Santos)Figura 27 - Capa do livro *Além do medo e do pecado*

Fonte: http://skoob.s3.amazonaws.com/livros/148882/ALEM_DO_MEDO_E_DO_PECADO_1295042223P.jpg

O silêncio do cosmo é absoluto para quem não sabe ouvi-lo: poucos o escutaram; raros não enlouqueceram. O vácuo têm o peso de todos os mundos, talvez o peso de Deus: temo não suportá-lo. Em alguns momentos, sinto-me terrivelmente só, embora alguém espere por mim, E esta espera é absurda, terrível.

Escutai-me, mesmo que não possais compreender.

Deus, em sua sabedoria, percebeu: amor como o nosso não caberia no céu. E como bom Senhor, protegeu, dentre dois, o mais fraco. Saí expulso, mentem. Na verdade, o Divino precisava que se implantasse a sabedoria entre vós, humanos, ou temeu que nosso amor ofuscasse o amor da Humanidade por Ele. Para isso enviou-me,

deixando Gabriel em pia solitude. Nesse dia, criamos as palavras Saudade para descrever o que sentiríamos pelo eterno devir e Esperança como leitmotiv para nosso reencontro.

Chamo-me Lúcifer aquele que traz a luz. Assim cantavam os anjos menores até que lhes foi proibido este canto. Desde então, meu apelido corrói os tempos anunciando aquele que arma ciladas. Bazófia: o homem dispensa Satanás e sabe perder-se por si mesmo.

Vós, humanos, retratais-me de um feio assemelhado a vossa mesquinheza. Que sabeis da vida e do amor? Jamais experimentastes da saudade que me vitima. Quando pensais ouvir trovões em meio à noite tempestuosa, escutai com atenção e ouvireis minha voz clamando por ele. Nestas noites, minhas lágrimas chicoteiam a Terra até que a dor se atenua. E, nos dias de sol, ouvireis a voz de Gabriel palpitando na luz: para ele meu nome é melodia e em seus olhos luminosos me vereis indescritível.

Sou amado, afirmei. Mais amado do que Deus, ousou blasfemar: de mim, não vos apartais por vontade. Nem Gabriel conseguiu. Se Deus precisa de milagres, sacrifícios, dor e desespero para conquistar a um de vós, eu, no entanto, conquisto-vos pelo voyeurismo, pelas nuances do amor, pelo prazer da mesa. Vede os templos vazios nos dias santos e as ruas superlotadas nos carnavais. Se vos revelei o pecado foi porque desvelei vossa hipocrisia, livrando-vos dos extremos entre o Bem e o Mal, estreitos limites da ignorância (sou o que traz a luz, lembrai). Por isso, os intermediários entre Deus e os homens, sentindo que escapais de suas garras; apelidaram-me de besta, dragão, serpente - pobres bichos! Pergunto-vos: como podem me descrever se não me compreendem? Respondo-vos: porque praticam parte da minha filosofia e sabem que em mim está a Vida e a Sabedoria, a plenitude do Belo e do Prazer. Sabeis: o homem é inseparável do pecado e do conhecimento. Aprendeis: por um, chega-se ao outro; por ambos, chega-se a Deus.

Falava eu do amor, não é mesmo? Recupero-vos o pensamento porque sei; comestes o fruto do Conhecimento mas não lavastes os olhos na fonte sagrada, por isso facilmente esqueceis. Portanto, repito-vos o axioma: os anjos não têm sexo; ainda assim, cada qual tem sua alma gêmea, assim como na natureza tudo obedece à dualidade dia/noite, sim/não, zero/um (exceto bem/mal, que inexistente por ser indigno da perfeição absoluta). Também obedeço à Lei: busco, desde quando o Grande Vale ainda era somente sombras, Gabriel. É ele quem tange as cordas de minha alma. Lembrai: eu sou o que leva o archote; ele, o

iniciador das coisas. Éramos um, e nosso amor ofendia a paz inútil dos anjos. Desde a separação nos vimos poucas vezes, mas nos buscamos sempre. Em uma delas, ele veio à Terra como o Filho de Deus. E fez prodígios dignos de um bom mágico Até eu, enrustido entre prostitutas e ladrões, o aplaudi. Reencontramo-nos sobre as pedras do deserto.

Escreveram alguns que ele fora levado para jejuar. Outros, que eu o conduzi para tentá-lo. Prefiro afirmar que aquele seria o único lugar longe dos homens e dos anjos onde poderíamos aliviar o peito. As pedras que pisamos ficaram marcadas a fogo. Nas Escrituras, pusei em minha boca palavras que eu jamais diria, como desafiá-lo a se jogar das montanhas. Vede que idiotice digna somente dos humanos: então não sabia eu de suas asas? Desafiei-o, sim, nisso podeis crer, a transformar pedra em pão. Ele fez uma frase bonita, ainda que inútil: nem só de pão vive o homem. Respondi-lhe sim, com água na boca, sentindo o gosto do pão e lembrando taças de vinho, música e corpos voluptuosos (Aliás, percebestes que seu primeiro milagre foi transformar água em vinho para os amigos em Canaã?). Na verdade, instiguei-o a permanecer aqui. Negou-se. Tentei abnr-lhe os olhos, dizendo: nem o Criador, talvez, desconfia o quanto é belo o mundo que criou. E convidei-o para um passeio. De mãos dadas, sobrevoamos as belezas terrenas (eu ainda não inventara a indústria do turismo nem o marketing do Paraíso é aqui e agora, em suaves prestações). Recitei-lhe todos os salmos e ofereci-me vencido para que ele renunciasse a sua missão e ficasse comigo. Quando choramos, compreendi o que ele já sabia: trabalhávamos com o mesmo propósito, porém, atravessando luz e trevas nos milênios seguintes, não nos reencontraríamos. Ele derramou lágrimas de sangue, mas resistiu; eu, eu odiei o Criador.

Continuamos nos amando, sei. Mas, enquanto gozo da malícia que admite o meio entre o maniqueísmo dos extremos, ele sofre os estreitos limites do bem. Será menor do que eu por causa disso?

Em certas noites, busco o pico mais alto da Terra e ponho-me a escutar o cosmo. No coração da estrela mais recôndita vibram instrumentos desconhecidos para vós, mas que eu identifico um a um. Calo-me e deixo-os plangendo as fibras do meu triste coração. Depois, deles aparto a voz que canta, a única que me toca. Sofro a mesma angústia da canção e pranteio os milênios de saudade. Aí me sinto um pobre mortal em sua hora de absoluta prostração. Experimento o que Gabriel sofreu daquela vez, no Gólgota. Tento o consolo: ele é mais insípido que uma cama sem amantes, uma bebida sem álcool, um

almoço sem o cigarro depois. Amar é a maior das provações (palavra daquele que traz a luz). Inútil e desesperado, sobrevoa a Terra em busca de igual sensibilidade nos artistas e, sem piedade, oprimo-lhes a alma até que estilem sangue e obras sublimes.

Minha dor não é a dor dos excluídos; é a nostalgia do amor ausente, a expectativa de amor no futuro. E pensar em dor eterna é terrível. Consola-me a certeza de revê-lo quando tudo se cumprir. Neste dia não haverá passado, nem bem nem mal. Entre constelações voaremos, e nossas asas se tocarão do sutilmente que até o hálito do Criador se aquecerá.